

ANTÔNIO CARLOS GOMES

**AS OPERAÇÕES DE LINGUAGEM COM A
MARCA “QUANDO”**

Tese apresentada à Faculdade de Ciências e Letras “Júlio de Mesquita Filho”, da Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara, para obtenção do título de Doutor em Letras (Área de concentração: Lingüística e Língua Portuguesa).

Orientador: Dra. LETÍCIA MARCONDES REZENDE

ARARAQUARA
2007

A minha mãe Derly, a meus irmãos e amigos, que muito me incentivaram, transmitindo os sentimentos de fé, de perseverança e de coragem, sem os quais nenhuma meta se tornaria realidade.

AGRADECIMENTOS

A concretização desta tese é resultada da contribuição direta de várias pessoas.

Transmitimos nossa gratidão a todas elas e de modo particular agradecemos:

À **Profa. Dra. Letícia Marcondes Rezende**, pelo inestimável espírito de fraternidade e senso humanitário, bem como pelo competente trabalho de orientação, real suporte de nossa pesquisa.

À **Profa. Dra. Márcia Cristina Romero Lopes** e à **Profa. Dra. Silvia Dinucci Fernandes**, pelas importantes observações, questionamentos e frutíferas sugestões relacionadas com o nosso projeto de tese, durante o Exame de Qualificação.

A todos os professores da Pós-Graduação, pela transmissão de enriquecedores conhecimentos; aos funcionários, pelos eficientes serviços, apoio e informações e à doutoranda Beatriz Quirino Arruda, pelo encorajamento e confiança que sempre me dedicou.

Aos dirigentes, professores e funcionários do CEFET-ES, pelo apoio, incentivo, de forma especial, aos professores Francisco Carlos Peixoto e Roberto Mauro Mendonça, pela dedicação com que colaboraram na revisão do texto.

Aos professores Júlio Francelino Ferreira Filho e Ismael Thompsom da Universidade Federal do Espírito Santo.

Aos professores, funcionários e alunos da Faculdade FABAVI / JSimões – Guarapari, em especial à professora Stella Fardim, pela contribuição na seleção de poemas, e à aluna Edléa da Assunção, pela ajuda nas leituras em Inglês.

Eu não amava que botassem data na minha existência. A gente usava mais era encher o tempo. Nossa data maior era o *quando*. O *quando* mandava em nós. A gente era o que quisesse ser só usando esse advérbio. Assim, por exemplo: tem ora que eu sou *quando* uma árvore e podia apreciar melhor os passarinhos. Ou: tem hora que eu sou *quando* uma pedra. E sendo uma pedra eu posso conviver com os lagartos e os musgos. Assim: tem hora que eu sou *quando* um rio. E as garças me beijam e me abençoam. Essa era uma teoria que a gente inventava nas tardes. Hoje eu estou *quando* infante. Eu resolvi voltar *quando* infante por um gosto de voltar. Como quem aprecia de ir às origens de uma coisa ou de um ser. Então agora eu estou *quando* infante. [...] Quem é *quando* criança a natureza nos mistura com as suas árvores, com as suas águas, com o olho azul do céu. Por tudo isso que eu não gostasse de botar data na existência. Por que o tempo não anda pra trás. Ele só andasse pra trás botando a palavra *quando* de suporte.

(Manoel de Barros)

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| INTRODUÇÃO | 09 |
| CAPÍTULO I - CONSIDERAÇÕES INICIAIS | 11 |
| 1.1 MOTIVAÇÃO E OBJETO DE INVESTIGAÇÃO | 11 |
| 1.2 HIPÓTESES DE TRABALHO E OBJETIVO DA INVESTIGAÇÃO | 17 |
| 1.3 TEORIA QUE DARÁ SUPORTE ÀS ANÁLISES | 19 |
| 1.3.1 Quantificação e qualificação | 22 |
| 1.4 TEMPO E TEMPORALIDADE | 24 |
| 1.5 MODALIDADE | 31 |
| 1.6 ASPECTUALIDADE | 33 |
| CAPÍTULO II - 2 ANÁLISES LINGÜÍSTICA DE QUANDO | 37 |
| 2.1 PARÂMETROS ENUNCIATIVOS | 38 |
| 2.2 ANÁLISE DOS ENUNCIADOS | 42 |
| 2.2.1 Quando + tempo presente | 43 |
| 2.2.2 Quando + tempo passado | 64 |
| 2.2.3 Quando + tempo futuro | 93 |
| CAPÍTULO III - 3 ANÁLISES DA RELAÇÃO INTER-LÉXIS | 105 |
| 3.1 METODOLOGIA DA ANÁLISE | 107 |
| 3.2. VERIFICAÇÃO DOS ENUNCIADOS | 108 |
| 3.3. CONCLUSÕES DESSAS ANÁLISES | 144 |
| CAPÍTULO IV - 4 ESPAÇO DE REFERÊNCIA TEMPORAL | 147 |
| 4.1 REFERÊNCIA | 148 |
| 4.1.1 Processo de referenciação | 152 |
| 4.2 VALORES REFERENCIAIS | 154 |
| 4.2.1 Referência Compacta, Densa e Discreta | 158 |
| 4.2.1.1 Valor referencial compacto | 160 |
| 4.2.1.2 Valor referencial denso | 161 |
| 4.2.1.3 Valor referencial discreto | 163 |
| 4.3 UM RETORNO À TEORIA DE ANTOINE CULIOLI | 164 |
| 4.3.1 Domínio nocional | 165 |
| 4.3.2 A operação de localização | 166 |
| 4.4 ANÁLISE DAS OPERAÇÕES DE LOCALIZAÇÃO COM A MARCA QUANDO | 168 |
| 4.4.1 Enunciados de valor compacto | 169 |

| | |
|---|------------|
| 4.4.2 Enunciados de valor discreto | 177 |
| 4.4.3 Enunciados de valor denso..... | 186 |
| 5 CONCLUSÃO | 191 |
| 6 REFERÊNCIAS | 197 |

RESUMO

Esta pesquisa é uma análise da marca *quando*, apoiada na Teoria das Operações Enunciativas, de Antoine Culioli, para quem a linguagem é uma atividade de regulação, referenciação e representação do pensamento pelos sujeitos enunciadorees. Tal estudo é um exercício que pretende ir além do domínio do imediatamente observável, para tentar descrever os processos de produção (e de reconhecimento) subjacentes a uma seqüência de signos. A marca *quando* aparece em enunciados com verbos nos tempos presente, passado e futuro. Ela não só torna mais evidente a noção de tempo, como também opera uma (in)determinação no enunciado, influenciando diretamente as categorias de aspecto e de modalidade. Quando ela conecta duas léxis, pode haver a propriedade de voz, verificada na relação de causalidade. Após as análises, pudemos entender que a regulação de um enunciado e da relação semântica entre as léxis que o compõem, não depende só do conector, mas do sentido já imbricado a sua direita e esquerda. A marca *quando* é usada em variados contextos, sustentada por uma invariante. Ela pode ter valores referenciais denso, compacto ou discreto. Esses valores são aferidos pelas operações de localização, pela determinação ou não da noção, pelo intervalo de tempo, pelo espaço de referência e pela configuração da marca no domínio nocional do tempo.

ABSTRACT

This research paper is the analyses of the linguistic make *when* based upon the Enunciative Operations Theory by Antoine Culioli to whom language is an activity of regulation, reference and representation of thought by the enunciator subject. The referred study is an exercise which intends to go further than the promptly observed in order to describe the process of production (and also recognition) beyond a sign sequence. The make *when* appears in sentences with verbs in the present, past and future tenses. It not only makes evidence of the notion of time but also works as an undetermined term of the enunciation, directly influencing both the aspect and modality. Whether it connects two lexis a voice property may occur verified in the relation of causality. Through the analyses we could understand that the regulation of the enunciate and the semantic aspects between the lexis which form them, depend not only on the connector but also on the meaning already existent on its right or its left. The make *when* is used in the most varied contexts supported by an invariable word. It may have dense referred values or also compact or discrete ones. Such values are determined by its location, the determination or not of its notion, the interval, the reference space and by the configuration of the make in the notional domain of the time.

INTRODUÇÃO

Este trabalho consiste em uma investigação da marca *quando*, em enunciados da língua, com vistas em se fazer uma descrição das operações de linguagem que permitem regular, referenciar e representar o pensamento dos sujeitos enunciadorees.

Entende-se que as marcas funcionam como pistas dadas pelo enunciador para permitir ao co-enunciador a regulação adequada daquilo que se pretende representar, mediante uma seleção que envolve determinadas conclusões e exclusões, a fim de referenciar a estrutura da significação. Esse exercício, que se inscreve no interior da própria língua, pode ser definido como um conjunto de relações instituídas na atividade da linguagem entre os indivíduos.

Ao empreendermos este estudo, com base na Teoria das Operações Enunciativas de Antoine Culioli, defendemos a tese de que as operações de (in)determinação da marca *quando* têm uma invariância inerente à linguagem que sustenta as suas variações contextuais na língua.

Na teoria das invariantes da linguagem, entende-se que é tarefa do lingüista ir além do domínio do imediatamente observável, para tentar descrever os processos de produção (e de reconhecimento) subjacentes a uma seqüência de signos, com determinadas características. Essa seqüência chamada de enunciado é um objeto empírico diretamente observável e, concomitantemente, um objeto construído pela teoria. Isso porque é parcialmente dependente em

relação ao ponto de vista do observador / analista e resulta da abstração de numerosos fatores, internos e externos, da enunciação.

Para tentar atingir nossa meta, apresentaremos esta tese dividida em quatro capítulos. No primeiro capítulo, apresentaremos as considerações iniciais em que falaremos sobre a motivação, o objeto, as hipóteses de pesquisa, objetivo da investigação, e a teoria que dará suporte às análises.

No segundo capítulo, faremos análise lingüística do *quando*, para verificar as operações de determinação e a relação com a aspectualidade e modalidade. Os enunciados serão divididos em conformidade com os tempos presente, passado e futuro.

No terceiro capítulo, o foco da investigação será a análise da relação inter-léxis, na qual verificaremos as relações suplementares a de tempo e a propriedade de voz.

No quarto e último capítulo, analisaremos a referência temporal de *quando*. Nessa unidade, além de analisar as operações de localização com a marca *quando* e seu espaço topológico no domínio nocional, falaremos de referência, processo de referenciação e dos valores referenciais: compacto, denso e discreto.

Nosso entendimento é que a descrição de uma marca da língua consistirá em uma representação dos processos (relativamente a operações, operadores e operandos), em sua organização específica.

CAPÍTULO I

O Homem desperta e sai cada alvorada
Para o acaso das cousas... e, à saída,
Leva uma crença vaga, indefinida,
De achar o Ideal nalguma encruzilhada...

As horas morrem sobre as horas... Nada!
E ao poente, o Homem, com a sombra recolhida
Volta, pensando: "Se o Ideal da Vida
Não vejo hoje, virá na outra jornada..."

Ontem, hoje, amanhã, e, assim,
Mais ele avança, mais distante é o fim,
Mais se afasta o horizonte pela esfera;

E a vida passa... efêmera e vazia:
Um adiamento eterno que se espera,
Numa eterna esperança que se adia...
(Raul de Leoni)¹

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

1.1 MOTIVAÇÃO E OBJETO DE INVESTIGAÇÃO

Todo indivíduo tem autonomia para mobilizar a língua, construindo representações do pensamento e, ao colocar em funcionamento as unidades lingüísticas, por um ato individual, faz a enunciação. Portanto, enunciar é operacionalizar a linguagem considerando o ato, os instrumentos e o contexto da

¹ - Raul de LEONI. Legenda dos dias. in: MOISÉS, Massaud. **A literatura brasileira através dos textos**. 20 ed. São Paulo: Cultrix, 1997, p. 323.

sua realização em determinado espaço-tempo, em que os conteúdos lingüísticos permitem o sujeito regular e referenciar o pensamento. Conforme Culioli (1999 t. 2, p.161), “a atividade da linguagem remete-se a três ordens de operação: operações de representação, operações de referenciação e operações de regulação”², por isso é que podemos, por meio das marcas do enunciado, recuperar as informações que remetem ao contexto de enunciação.

A linguagem oferece um universo de possibilidades para enunciar e suas operações requerem o exercício de uma metalinguagem que facilite a manipulação, pelo sujeito, de suas construções e reconstruções lingüísticas nas diversas interações do dia-a-dia. Diante da necessidade de uma competência para operacionalizar os vários domínios lingüísticos, não se pode reduzir o ato enunciativo a um conjunto de situações padronizadas que limitam a descrição das formas de interação verbal.

Para Benveniste (1989, p. 82), “[...] a diversidade das estruturas lingüísticas, tanto quanto sabemos analisá-las, não se deixa reduzir a um pequeno número de modelos”. Portanto, a tese que defendemos não se limita à modelagem da gramática nem se apóia em uma visão de um léxico plasticamente lógico, pois o fato de as palavras significarem alguma coisa reside na própria essência da língua. Por isso, categorizar uma marca significa desmontá-la, já que as representações resultam de um número significativo de operações da linguagem e do exercício cognitivo do sujeito enunciator; portanto nossa meta é manipular enunciados para identificar os princípios generalizáveis, orientadores de uma

² - L'activité de langage se ramène à trois ordres d'opérations: opérations de représentation, opérations de référenciation, opérations de régulation.

Todas as traduções de citações, que não estavam em português, foram feitas por nós.

maleabilidade que, possivelmente, esteja na própria essência da linguagem. Acreditamos que isso nos permite apreender o que, de fato, seja a atividade lingüística.

Há muito vimos vivenciando uma inquietação relacionada com as operações de linguagem. Em um primeiro momento de pesquisa científica, estudamos a conjunção *e* (GOMES, 2002) usada como conector de orações. Na investigação, verificamos as relações que permeiam tal conexão. A geração e o processo constitutivo dos enunciados com a conjunção *e* envolvem todas as operações efetuadas no processo enunciativo. Nas análises, constatamos que esse conector, apoiando-se em outras marcas, orienta as relações observadas e que, por isso, todas as relações de sentido entre as orações ligadas pelo *e* não são estabelecidas exclusivamente por ele.

Como método de pesquisa, parafraseamos o *e* com outras conjunções, inclusive as consideradas subordinativas (típicas da hipotaxe) e, em decorrência dessas análises, surgiram-nos novas perguntas:

- esse tipo de maleabilidade semântica ocorre apenas com a conjunção *e*?
- os sentidos que tradicionalmente se atribuem a outros conectores podem também variar se consideradas as marcas dos elementos eleitos para gerar e para compor os enunciados?
- uma unidade que encerre o sentido em si existe na língua?

Para respondermos a essas interrogações, tornar-se-á necessário investigar a possibilidade que temos de chegar aos mesmos resultados, obtidos na análise de

enunciados encontrados na cadeia parafrástica do *e*, em uma direção oposta, ou seja, verificarmos enunciados em que aparecem outras conjunções, a fim de entender qual a identidade ou variação semântica que sustenta as operações de linguagem.

As leituras e as análises dos enunciados com a conjunção *e*, tendo como suporte a Teoria das Operações Enunciativas, embasaram-nos de novos instrumentos para refletir sobre a língua(gem). E, ao construirmos as paráfrases para o *e*, percebemos que o *quando* também aparecia nos enunciados analisados, como uma paráfrase possível³. Por isso, empreenderemos este estudo sobre a marca *quando*, que é tradicionalmente apresentada como um advérbio ou como conjunção subordinativa de tempo.

Para entender como se deu a relação parafrástica⁴ de *e* por *quando*, transcrevemos, por exemplo, o enunciado:

1 - *Estamos em época de eleição e cada candidato começa a fazer o seu showzinho particular...* (red. 141 - 1º ano)

que foi parafraseado por:

³ - Existem situações em que se podem ter o *e* e não o *quando*, a menos que se opere com outras marcas manipulando o enunciado.

⁴ - A paráfrase, conforme Fuchs (1994), é reveladora do modo de funcionamento da semântica das línguas naturais, com sua flexibilidade, suas falhas, seus jogos. É um dos mecanismos do sistema da língua, que permite transformar um mesmo enunciado (ou texto) de partida, usando de estratégias em nível da linguagem efetiva dos sujeitos, em uma multiplicidade de outros enunciados (ou textos) julgados equivalentes.

Parafrasear um texto-origem (T) é, para a tradição, produzir um novo texto, "texto-alvo" (T^l), que reformula T. É essa reformulação que visa a esclarecer certos aspectos de T.

A passagem do texto-origem a um texto alvo (T → T^l), elaborada na medida em que se reconstrói o texto origem, não é apenas a substituição de uma palavra por outra palavra, mas é o desencadeamento de um processo de interpretação do texto-origem (T) e, conseqüentemente, a reformulação do conteúdo (C), para se produzir o texto alvo (T^l).

1a - “(A) estamos na época de eleição (B) **quando** cada candidato começa a fazer o seu showzinho particular,...”

Na análise das operações de linguagem e das relações estabelecidas entre as léxis⁵, entendemos que há concomitância temporal entre A e B. A léxis A não é determinante de B nem é determinada por ela, não há continuidade entre A e B, ambas são origem de um processo. A relação de causalidade entre elas é interrompida e não há regulação de causalidade no domínio nocional organizado em torno da causalidade tipo⁶. No enunciado (1), já é possível perceber entre as léxis, de forma mais atenuada, uma noção de tempo.

Observa-se que, além da noção temporal gramaticalizada na flexão dos tempos verbais, a expressão *em época* é uma marca que também traz imbricada em si essa noção. Portanto, já há no enunciado outras marcas que operam um recorte no tempo. Isso favorece a presença do operador *quando*, que vai recortar o intervalo de instantes para os acontecimentos, realçando melhor a localização da noção semântica de tempo.

Sabe-se também que o *quando* pode vir introduzindo a léxis A ou a léxis B, como em:

1.a) *Quando* os candidatos fazem seu showzinho, (B) é época de eleição.

1.b) *Quando* é época de eleição, os candidatos fazem seu showzinho.

⁵ - A léxis é o conjunto de noções primitivas, predicáveis. Esse conceito será mais bem explicado no desenvolvimento deste trabalho.

⁶ - A análise completa dos enunciados com a conjunção *e*, inclusive desse que foi apresentado aqui, encontra-se no capítulo III da minha Dissertação de Mestrado, cuja referência está na bibliografia desta tese.

e que, no enunciado com *e*, não há possibilidade de uma mudança na seqüência. Esse tipo de (in)flexibilidade não só exerce influência, principalmente, nos aspectos sintático e semântico, como também baliza as possibilidades de construção de paráfrases.

Observamos que a proposta de análise para *quando*, apresentada na gramática normativa ou prescritiva, é a de que essa marca opera exclusivamente a noção de tempo, o que se justifica com exemplos prototípicos, pensados ou ajustados ao fato lingüístico. Por exemplo, Rocha Lima afirma:

É papel da oração temporal trazer à cena um acontecimento ocorrido antes de outro, depois de outro, ou ao mesmo tempo que outro.

Para cada um desses aspectos, possui a oração temporal, quando DESENVOLVIDA, conjunções apropriadas.

A mais geral das partículas é quando, com a qual se exprime, de maneira mais ou menos vaga, a ocasião em que se passa um fato:

Quando a morte chegou, / encontrou-o em paz com Deus (ROCHA LIMA, 2000, p. 283).

Cunha (1975, p. 541) diz que “[...] as conjunções temporais iniciam uma oração subordinada indicadora de uma circunstância de tempo: quando [...]” apresentando, como exemplo, um fragmento da poetisa Cecília Meireles “custas a vir e, quando vens, não te demoras”. Mesmo Bechara (1999) que entende ter passado a sua gramática “[...] por uma consciente atualização e enriquecimento [...]”⁷ afirma (p. 502) que “[...]a oração subordinada denota o tempo da realização do fato expresso na principal”. Ele aponta o *quando* como conector para o tempo posterior (saiu quando ele chegou) e para o tempo freqüentativo (quando o vejo, lembro-me do que me pediu).

⁷ - Fragmento do prefácio da 37 ed. da **Moderna Gramática Portuguesa**.

A forma com que Lima, Cunha e Bechara trataram do tema mostra que os estudos gramaticais, geralmente, descrevem fatos que nos levam a pensar a linguagem como se ela fosse constituída de representações prontas, arranjadas para se ajustar à teoria, sem exigir muito esforço. No entanto, acreditamos que uma reflexão sobre todas as formas de interação verbal deve ter como base a própria geração do fato lingüístico pelo falante, a fim de que se possam articular o empírico, o prático ou o particular (individual) com os processos generalizáveis ou universais.

1.2 HIPÓTESES DE TRABALHO E OBJETIVO DA INVESTIGAÇÃO

O centro da nossa investigação é analisar as ocorrências da marca lingüística *quando*, observando seu papel no enunciado e a construção do espaço de referência. Acreditamos que os procedimentos de abstração e de generalização apreendidos nas representações metalingüísticas feitas pelo sujeito enunciador resultam de operações de linguagem (determinação, modalização, aspectualidade, localização, voz etc.) que levam o *quando*, ao relacionar-se com outras marcas, a não só evidenciar a noção temporal, mas colocar em relação outros valores semânticos. Dessa forma, supomos que o conjunto de significados de que tal marca é portadora pode permitir vê-la como generalizável.

Considerando que todo ato de enunciação ocorre em um tempo Sit (T_0) em relação ao tempo do enunciado $T_{()}$ ⁸, cuja coordenada espaço-temporal contribui para a operação de regulação, formulamos algumas hipóteses concernentes à marca *quando* que nortearão nossa reflexão:

- a ocorrência da marca explicita a relação semântica de tempo, mas não está apenas nela a noção de tempo;
- o conector *quando* pode diminuir, reduzir, com muita constância, outras relações subentendidas no enunciado;
- o *quando* pode evidenciar no enunciado outro instante no domínio nocional do tempo, em relação ao tempo de enunciação;
- uma atenuação ou evidência do domínio de outras noções semânticas pode ser notada no enunciado, conforme a marca que ocupar o lugar do *quando* no jogo parafrástico;
- as ocorrências de *quando* localizam e podem ser localizadas por outros domínios do enunciado;
- a construção de um enunciado hipotático com a marca *quando* pode ter como pré-construído uma relação paratática;
- a marca *quando*, conforme sua ocorrência, pode implicar os valores referenciais denso, discreto ou compacto nas operações de determinação que permitem os sujeitos enunciadores regular o significado do enunciado.

⁸ - Os parênteses poderiam ser substituídos pelo tempo do enunciado ou por outra marca temporal.

1.3 TEORIA QUE DARÁ SUPORTE ÀS ANÁLISES⁹

Buscando fazer uma descrição das operações enunciativas que envolvem a construção de enunciados, nos quais há a marca *quando*, usaremos como suporte teórico básico a Teoria das Operações Enunciativas, de Antoine Culioli.

O ponto de vista de Culioli consiste em tomar um enunciado lingüístico como um resultado e não como uma representação. Há muito tempo que se sabe que ao lado dos conteúdos há os atos de pensamento e os atos de linguagem que os elaboram [...] ¹⁰ (CULIOLI, apud AUROUX, 1992, p. 45).

Essa teoria defende o rompimento com a dicotomia entre *língua* e *linguagem* e parte de um nível batizado de *relações primitivas* para, em seguida, remontar construindo regras que só se darão como sintático/semânticas e, por isso, situam-se na perspectiva de uma *gramática de produção* e não em uma perspectiva de simples reconhecimento dos arranjos de língua.

A relação primitiva, necessariamente, não é a primeira. Trata-se de três lugares vazios ligados a nossa atividade cognitiva < a r b > que são três noções¹¹ instáveis, anteriores ao léxico e à gramática. Essas noções, apresentadas como predicáveis: aquilo que é dizível (o que pode ser dito ou ser falado), são da forma P - P^l. Por exemplo: menino – será representado como < () ser menino>¹².

⁹ - Grande parte das afirmações contidas nesta exposição são traduções, resumos e paráfrases dos textos de Culioli ou de autores ligados a sua teoria.

¹⁰ - Le point de vue de Culioli consiste à prendre un énoncé linguistique comme un résultat et non pas comme une représentation. Evidemment, il y a longtemps que l'on sait qu'à côté des contenus, il y a des actes de pensée et des actes de langage qui les élaborent [...].

¹¹ - Ver: Sur le concept de notion in: CULIOLI, Antoine. **Pour une linguistique de l'énonciation**. Paris: Ophrys, 1990 t. 1, p. 47-66.

¹² - Os parênteses vazios simbolizam o que vai ser preenchido (ocorre antes da fala).

O preenchimento das noções $\langle a \ r \ b \rangle$ constitui o esquema de léxis $\lambda \langle \xi_0, \xi_1, \pi \rangle$ ¹³

A segunda relação, predicativa, opera no plano do sintático. Trata-se do processo de referenciação em que os sujeitos estabilizam o sentido. Tomando-se, como exemplo, “menino” em uma relação predicativa, os enunciadores teriam de fazer as operações de quantificação, de qualificação e de determinação, referenciando “ser menino X ser não-menino” até o estabelecimento da ocorrência e, conseqüentemente, do lugar que tal ocorrência ocuparia na léxis.

A terceira e última relação, a enunciativa, não é necessariamente dissociada das operações predicativas. Ela ocorre no discurso, no nível pragmático, quando se oferecem os valores materiais e as marcas que, no tempo e no espaço, permitem os sujeitos enunciadores regularem o significado.

Nas operações enunciativas, segundo Danon-Boileau (1987, p. 19), há duas ordens de dados:

- a) a validação (e eventualmente os valores) das referências correspondentes a cada um dos três elementos do conteúdo da relação predicativa. O valor é obtido com base na relação enunciador / momento da enunciação;
- b) o estatuto do conjunto do enunciado; o ponto de vista do sujeito enunciador, com relação ao que ele imagina ser o pensamento de seu co-enunciador, que é definido pela modalidade.

¹³ - Ver Jean-Pierre DESCLÉS, Schéma de lexis in: BOUSCAREN, Janine et al. **Langues et Langage**. Paris: PUF, 1995, p. 57-71.

É na relação enunciativa que se pode distinguir o instante da ocorrência, isto é, as marcas que situam o enunciado no presente ou no passado: os enunciados afirmativos, interrogativos, negativos e hipotéticos. Esse é o momento em que o co-enunciador monta e desmonta as representações, usando o esquema de léxis. É aí que se pode ter a percepção de como o domínio nocional se realiza. Tal relação apresenta-se como um pacote: de um lado, a relação enunciação-enunciado, envolvendo o sujeito enunciador e o sujeito do enunciado; de outro, o tempo da enunciação e o tempo do enunciado.

A teoria culioliana permite chegar a uma teoria global e à formação de soluções generalizáveis, fazendo as formas trabalharem por si mesmas e se servirem de metalinguagem apropriada, já que o nível das representações cognitivas (aquelas elaboradas com base em nosso relacionamento com o mundo), o nível das representações lingüísticas (encontradas nas marcas do texto) e o nível das representações metalingüísticas (construções baseadas em procedimentos de abstração e formalização) se relacionam intimamente. Além disso, essas operações nos permitem construir relações de categorias gramaticais por meio de operações concatenadas, uma vez que não se procura trabalhar com formas prontas e constituídas.

A ramificação de propriedades que se organizam umas em relação às outras em razão de fatores físicos, culturais e antropológicos estabelece um domínio nocional, que é uma representação sem materialidade ou cuja materialidade é inacessível ao lingüista. Segundo Danon-Boileau (1987, p. 54), Culioli propõe um conjunto de conceitos, atribuindo-os a uma topologia lingüística aferida no domínio da noção. No seio desse conjunto, figuram uma repartição do espaço em

duas zonas interior / exterior, um interior munido de um centro atrator e uma fronteira¹⁴ entre interior e exterior.

1.3.1 - Quantificação e qualificação¹⁵

A *Quantificação* remete não à quantificação lógica, mas à operação pela qual se constrói a representação de *qualquer coisa* que se pode distinguir de um *outro* estado de coisas, situando-se em um espaço de referência, para ser localizado (no sentido abstrato do termo) dentro de um domínio de representações. Dizendo de outra maneira, *qualquer coisa* remete a uma ocorrência¹⁶ em que o sujeito pode apreender, discernir (perceber uma forma singular em relação ao meio), distinguir (eliminar a indeterminação) e localizar (situar essa *qualquer coisa* em um espaço-tempo).

A operação de quantificação envolve três operações: de um lado, a operação de extração¹⁷ (*extraction*) e a de flechagem¹⁸ (*fléchage*); de outro, a operação de varredura¹⁹ (*parcours*).

¹⁴ - Ver: La frontière in: CULIOLI, Antoine. **Pour une linguistique de l'énonciation**. Paris: Ophrys, 1990, p. 83-90.

¹⁵ - Os conceitos aqui formalizados para Qnt/Qlt são traduções ou paráfrases do texto origem de Culioli.

¹⁶ - Uma ocorrência é um acontecimento enunciativo que delimita uma porção de espaço/ tempo especificada pela propriedade P. No nível qualitativo - Qlt, a noção se apresenta: i) como indivisível, isto é, como não fragmentada, tomada em bloco; ii) como não-saturada. Retomando-se, assim, um esquema predicativo, à espera de uma instanciação que preparará necessariamente a construção de uma ocorrência de P (passagem de uma representação mental, a uma atividade passível de referência), correspondente a um "pôr em forma" a noção que se chama quantitativa QNT (nível metalingüístico).

¹⁷ - A operação de extração permite ao sujeito enunciador isolar um ou mais elementos de uma classe de ocorrências.

A Qualificação, que tem como suporte a noção gramatical de determinação²⁰, entra em jogo cada vez que se efetua uma operação de identificação/diferenciação sobre *qualquer coisa*. Qualificar pode ser entendido como a desestruturação de um encadeamento complexo de operações, pois não se resume, apenas, em acrescentar um qualificativo. A qualificação distingue no fato uma terceira dimensão, que se poderia chamar de a dimensão da validação. É nessa dimensão que, com base em propriedades topológicas compreendidas como domínio nocional, pode-se avaliar a relação da entidade com a qualidade.

Para conceituar as operações de referência, na perspectiva do quadro teórico culioliano, diríamos, reproduzindo as palavras de Lopes (2000), que a unidade lingüística apresenta uma maleabilidade que lhe é inerente, traduzida pelas diferentes relações entre suas dimensões Qlt e Qnt. O referente pode guardar sua autonomia com relação ao enunciado ou pode variar de uma situação de locução a outra.

A análise de enunciados com a marca lingüística *quando*, que faremos nos capítulos seguintes, será vinculada ao modelo da teoria de Culioli. O procedimento para a análise lingüística, segundo essa teoria, parte da observação dos arranjos de enunciados para ligá-los a um esquema primitivo de constituição (as relações primitivas). Fundado nesse esquema, volta-se em direção ao enunciado, para destacar uma ou mais famílias de paráfrases (de enunciados), com as conseqüências semânticas que isso supõe, das quais a principal é ter,

¹⁸ - A operação de flechagem manifesta-se após uma extração. Ela acontece quando, diante de duas ocorrências, a segunda é identificada com a primeira.

¹⁹ - A operação de varredura se caracteriza por não se deter em uma ocorrência, mas percorrer um conjunto de ocorrências sem selecionar um ou outro elemento. Ela opera sobre cada elemento de um conjunto ou sobre a totalidade deles.

²⁰ - O artigo, o pronome e outros determinantes, ao antecederem o nome no enunciado, representam a marca de operação que confere graus de especificidade qualitativa e quantitativa à noção para a qual se remetem.

assim, a possibilidade de uma pluralidade de interpretações, seguidamente intrincadas. Isso é a objeção da redução da família parafrástica a um modelo. A única resposta a essa objeção é a admissão de que essa dialética é inerente à própria atividade lingüística. Dizer ou enunciar é sempre construir segundo certa forma, mas, concomitantemente, é correr o risco de interpretações múltiplas: “Há sempre proliferação da linguagem sobre ela mesma; nós temos sempre um jogo de formas e um jogo de significações” (CULIOLI, 1973).

Segundo afirma Culioli (1999 t.2, p. 172), “[...] a temporalidade, enquanto categoria pura não existe [...]”²¹, pois, para esse autor,

[...] trata-se de um sistema de representação complexa, nascida da interação de fatores heterogêneos, onde se misturam tempo, aspecto, modalidade e determinação (esta última remetendo a operações pelas quais construímos as “ocorrências” de representações nocionais, que situamos no espaço de referência intersubjetivo)²² (CULIOLI, 1999 t.2, p. 172).

A ocorrência da marca lingüística *quando* traz sempre imbricada em si a noção temporal, por isso, antes de iniciarmos a nossa análise, julgamos necessário proceder a uma reflexão pormenorizada acerca do tempo e, de maneira concisa, do aspecto e da modalidade que se encontram relacionados com aquela categoria.

1.4 TEMPO E TEMPORALIDADE

²¹ [...] la temporalité, en tant que catégorie pure, n'existe pas.

²² [...] il s'agit d'un système de représentation complexe, né de l'interaction de facteurs hétérogènes, où s'entremêlent temps, aspect, modalité, et détermination (cette dernière renvoyant aux opérations par lesquelles nous construisons des “occurrences” de représentations notionnelles, que nous situons dans l'espace de référence inter-subjectif).

Conforme Coroa (1998, p. 8), “[...] a idéia de que a temporalidade é fundamental à existência humana tem sido alvo de reflexão de muitos pensadores, desde a antiguidade clássica [...]”, acrescenta a autora (op. cit) que “[...] não é nova nos estudos lingüísticos a idéia de que a noção de tempo perpassa toda a manifestação lingüística, de forma mais explicita ou menos”. Esses postulados denotam a importância do fenômeno temporal e para a sua amplitude, sobretudo na língua.

Conforme Bachelard,

Há [...] acima do tempo vivido, o tempo pensado. Esse tempo pensado é mais aéreo, mais livre, mais facilmente rompido e retomado. É nesse tempo matematizado que estão as invenções do Ser. É nesse tempo que um fato se torna fator. Qualifica-se mal esse tempo ao dizer que ele é abstrato, pois é nesse tempo que o pensamento age e prepara as concretizações do Ser (BACHELARD, 1988, p. 24).

Para Alberti (2001) “[...] as inter-relações que instituem o dado concreto do tempo explicitam-se nas experiências de temporalidade, segundo os ditames das respectivas culturas” [...]. Ela afirma:

A dimensão histórica de universalidade do tempo, extensiva a todas as sociedades humanas (mesmo aquelas que não têm consciência dessa universalidade), transfigura-se em tempos históricos ligados às particularidades dessas sociedades e à cultura que as anima, de tal maneira que o sentido do tempo que advém do sentido do espaço transforma-se em sentidos próprios, vivenciados diferentemente, conforme a construção espaço temporal de cada povo (ALBERTI, 2001, p. 107).

Segundo Pereira Jr. (1987, p. 13), “[...] a temporalidade possui duas faces: de um lado, o próprio tempo, e, de outro, aquilo que ocorre no tempo, ou seja, os processos temporais”. Ele acrescenta:

No estudo dos processos temporais, encontramos (pelo menos:) cinco abordagens:

- a) *naturalista*: por meio da consideração de processos físicos e/ou biológicos;
- b) *antropológica*: estudo dos modos de representação e vivência do tempo em diversas culturas, pelo método etnológico e/ou psicológico;
- c) *fenomenológica*: estudo das formas de consciência e vivência do tempo, por intermédio, basicamente, da introspecção;
- d) *transcendental*: estudo racional das condições de possibilidade da representação do tempo, por meio da chamada “dedução transcendental” de conceitos;
- e) *lingüística*: estudo das flexões verbais, na linguagem ordinária ou na lógica temporal (PEREIRA Jr., 1997, p. 15).

De fato, a palavra tempo sustenta os mais diversos significados, como: duração, época, momento, período, ocasião, ação, oportunidade, ritmo, etc. No entanto, o tempo na linguagem não tem o mesmo significado do tempo do mundo exterior²³. Ducrot (2001, p. 283) fala na existência de uma diferença significativa ao reconhecer que o chamado tempo *tempo*, na morfologia de uma língua, não entra em uma relação simples e direta com o que chamamos *tempo* no plano existencial, mesmo desconsiderando as acepções filosóficas do termo. Para ele, a existência, em várias línguas, de termos distintos para o tempo lingüístico e para o tempo vivido é uma das provas, entre outras, desse fato. Por exemplo, no inglês: *tense* e *time*; e no alemão: *tempus* e *zeit*.

Benveniste (1989, p. 71) reforça essa dicotomia ao afirmar que “[...] há, com efeito, um tempo específico da língua [...]”, por isso apresenta uma análise temporal sob três ângulos. O primeiro diz respeito ao *tempo físico* do mundo:

O *tempo físico* do mundo é um contínuo uniforme, infinito, linear, segmentável à vontade. Ele tem por correlato no homem uma duração infinitamente variável que cada indivíduo mede pelo grau de suas emoções e pelo ritmo de sua vida interior (BENVENISTE, 1989, p. 71).

²³ - Centraremos nosso estudo do tempo prioritariamente na abordagem lingüística.

Na exposição sobre o *tempo físico* e o seu correlato *psíquico*, Benveniste (*op.cit.*) fala do *tempo crônico*, “[...] que é o tempo dos acontecimentos, que engloba também nossa própria vida enquanto seqüência de acontecimentos”. Para esse lingüista:

[...] pode-se lançar o olhar sobre os acontecimentos realizados, percorrê-los em duas direções, do passado ao presente ou do presente ao passado. Nossa própria vida faz parte destes acontecimentos, que nossa visão percorre numa direção ou em outra. Neste sentido o tempo crônico, congelado na história, admite uma consideração bidirecional, enquanto que nossa vida vivida corre (é a imagem recebida) em um único sentido. [...] “tempo” é a continuidade em que se dispõem em série estes blocos distintos que são os acontecimentos. Porque os acontecimentos não são o tempo, eles estão no tempo (BENVENISTE, 1989, p. 71).

Benveniste (*op. cit.*) ainda fala de três condições necessárias na divisão do tempo crônico, como fundamento da vida das sociedades: a “[...] estativa – momento axial que fornece o ponto zero”; a “diretiva – que se enuncia pelos termos opostos ‘antes... / depois...’ relativamente ao eixo de referência” e a “mensurativa – que fixa o repertório de unidades de medida”.

Em relação ao *tempo lingüístico* Benveniste afirma que o presente é o tempo de fundamento das oposições temporais.

O que o tempo lingüístico tem de singular é o fato de estar organicamente ligado ao exercício da fala, o fato de se definir e de se organizar como função do discurso.

Esse tempo tem seu centro – um centro ao mesmo tempo gerador e axial - no presente da instância da fala (BENVENISTE, 1989, p. 74).

De certa forma, as observações até então feitas apontam para uma temporalidade na língua e fora dela. Em uma observação exclusivamente lingüística, Fiorin expõe:

A temporalidade lingüística concerne às relações de sucessividade entre estados e transformações representadas no texto. Ordena sua progressão, mostra quais são anteriores e quais são posteriores. Isso implica a existência de um sistema temporal lingüístico ordenado em

relação a marcos temporais instalados no texto, bem como um sistema temporal organizado em função do presente implícito da enunciação (FIORIN, 2002, p. 61).

O sentido dicionarizado de tempo na linguagem aparece principalmente associado à categoria do verbo, Dubois et. al. (1973, p. 582) diz que “[...] chama-se tempo uma categoria gramatical associada a um verbo e que traduz diversas categorizações do tempo ‘real’ ou ‘natural’”.

Weinrich (1973), em sua obra *Os tempos*²⁴, a respeito da função dos tempos verbais no discurso, constata que:

- a) as marcas do tempo são altamente redundantes nos enunciados da língua;
- b) existem leis de concordância dos tempos dentro do período (“consecutio temporum”);
- c) os tempos não têm vinculação com o tempo (“cronos”);
- d) distribuem-se em dois grupos ou sistemas temporais, com empregos distintos.

Ele chega à conclusão de que, igualmente aos tempos verbais, as situações comunicativas se repartem em dois grupos, entre o mundo comentado e o mundo narrado. O mundo apresentado pelo falante é entendido como um possível conteúdo de uma comunicação lingüística.

Reichenbach (1980), em uma tentativa de formalização do sistema temporal, estabelece, ao tratar dos verbos, uma tripartição associando falante / evento / enunciação, que abrange o tempo cronológico, o lingüístico e o psicológico.

²⁴ - Le temps.

Assinala que esses tempos são caracterizados por três pontos: o evento, a fala e a referência.

Conforme Culioli²⁵ (1999 t.2), os sistemas temporais são fundados sob três ordens de representação:

- 1) **sucessão ordenada dos instantes** - organizada sobre uma analogia de ordem em que o instante t_x seja anterior ou posterior em relação ao instante-localizado t_y . Trata-se, na linguagem, de uma representação intuitiva que não seria remetida a uma construção matemática;
- 2) **recorte** – entendido, de forma grosseira, como a representação lingüística de certo estado de coisas a que um sujeito vai referir-se. Para construir tal marcador, é preciso definir, sobre a sucessão ordenada de instantes, um conjunto de pontos (cada ponto representa um estado-instante) que delimita um intervalo. Se o recorte separa duas zonas qualitativamente diferenciadas, tem-se um processo com uma descontinuidade sem dimensão. Mas, se construímos uma transição entre dois estados, obtemos uma fronteira que define a passagem de um estado estável P a um estado estável não-P (onde não-P se interpreta como outro-P ou o contrário-de-P). Pode-se, assim, marcar, como um primeiro recorte, a passagem de verdadeiramente-P a não-verdadeiramente-P (início da alteração de P). Em seguida, como um segundo recorte, a passagem de não-verdadeiramente-P a verdadeiramente-não-P (fim da alteração e estabilização do processo). Entre não-verdadeiramente-P e verdadeiramente-não-P teremos apenas P,

²⁵ - Os postulados do lingüista Culioli, aqui apresentados, sobre a temporalidade, foram traduzidos literalmente do texto original, cuja referência é: CULIOLI, Antoine. Les modalités d'expression de la temporalité sont-elles révélatrices de spécificités culturelles? In: **Pour une linguistique de l'énonciation**. Paris: Ophrys, 1999 t.2, p.159-178.

não ainda não-P, quase não-P, não verdadeiramente não-P. Isso é a transição, a sucessão dos instantes, que é a construção de intervalos munidos de propriedades topológicas (abertura, fechamento, construção do complementar, etc.) e ordenados uns com relação aos outros.

3) **consecução, concomitância, ajustamento** – fenômenos que aparecem na relação entre intervalos: à ordem de anterioridade / posterioridade se junta a relação de simultaneidade. A *consecução* na relação: “acontecimento p precede acontecimento q ” ou “acontecimento q segue acontecimento p ”; a *concomitância*: p concomitante de q , q concomitante de p . Se chamamos *consecução* à relação do precedente ao conseqüente, obtêm-se assim duas relações (concomitância; consecução) cujo misto (consecução e concomitância) fornece o esquema elementar para a relação de *causalidade* (a existência de p leva a passagem *não- q* a q ; caso a existência de p seja pré-estabilizada ou nova, tem-se consecução. Em contraposição, *não- q* sem causa, ou seja, p é uma variedade da concomitância). Dessa forma, pode-se ver como se passa de um sistema temporal a um sistema de inferência. Há também as relações de ajustamento (encaixe) e/ou de sobreposição.

Para a teoria culioliana, o tempo da enunciação é o momento que diz respeito à produção do enunciado; é o verdadeiro intervalo temporal da enunciação. O tempo do enunciado refere-se ao instante para o qual o enunciado remete e consolida-se a passagem de um pré-enunciado para um enunciado por meio das operações de determinação e da aplicação das categorias de tempo, de aspecto e das modalidades.

1.5 MODALIDADE

A passagem do pré-construído para o enunciado implica uma modalização feita pelo sujeito enunciador. Trata-se de uma operação por meio da qual se configura a modalidade como categoria gramatical.

[...] as MODALIDADES têm estado quase exclusivamente associadas aos **modos verbais** e aos **verbos modais** enquanto categorias gramaticais de expressão da atitude do locutor, quer em relação ao conteúdo proposicional ou valor de verdade do seu enunciado, quer em relação ao alocutário a quem o enunciado se destina.

Enquanto prática lingüística em interação, todo enunciado apresenta um determinado grau de modalização. Tal modalização consiste essencialmente numa modificação introduzida pelo locutor ao nível da predicação, como resultado das condições postas à sua relação e da relação entre os elementos envolvidos na produção (MATEUS, 1987, p. 102-103).

Diferentes tipos de modalidade são apresentados por Lyons (1977), Mateus (op. cit.), Carmelino (2004) entre outros, ao exporem um estudo dessa categoria lingüística. Entretanto, usaremos em nossa análise a classificação proposta por Culioli.

Segundo Vignaux (1988), Culioli destaca quatro tipos de operações modais:

- I) O primeiro tipo agrupa as modalidades assertivas (enunciados afirmativos e negativos), interrogativas e injuntivas.

Na modalidade assertiva, o sujeito enunciador dispõe de dois valores (verdadeiro / falso ou positivo / negativo) para fazer a opção por um ou por outro. Essa modalidade é primordial porque contém a importância dos fenômenos de tematização no nível predicativo. É por meio dela que o sujeito enunciador indica se o que ele está predicando é, ou não, um fato.

Enquanto na modalidade assertiva se faz uma asserção sobre um único valor, na modalidade interrogativa há uma varredura sobre valores possíveis operacionalizados pelo sujeito enunciador. No entanto, fica para o sujeito co-enunciador a escolha desse valor.

Na injunção, o sujeito enunciador exerce sobre o co-enunciador uma espécie de “pressão”, para que ele realize uma ação. A injunção abrange o pedido, a ordem, a sugestão, etc.

II) O segundo tipo de operações modais envolve, de um lado, o necessário, o possível e, de outro, o certo, o provável, o eventual e até a certeza.

III) O terceiro tipo abrange as modalidades de natureza apreciativa. Envolve a avaliação, a posição do sujeito enunciador diante de um fato. Por seu intermédio poderão ser construídas todas as avaliações, todos os julgamentos centrados no enunciador (eu, eu penso que, na minha opinião, etc.).

IV) O quarto tipo envolve uma relação de natureza intersubjetiva. Esse tipo de modalidade agrupa: o deontico, o desejo, a permissão, assim como abre espaço para a modalidade do tipo 1, a injunção. Na modalidade deontica há uma pressão sobre o sujeito do enunciado em relação à ocorrência que deve, ou não, concretizar-se.

Para Vignaux (1988), a questão fundamental reside nas combinações entre essas modalidades, visto que toda enunciação tem o objetivo de construir certa representação de *coisas* e de estabelecer uma relação intersubjetiva com discursos anteriores ou futuros.

1.6 A ASPECTUALIDADE

As gramáticas sempre privilegiaram, no estudo do verbo, a categoria de tempo. A categoria de aspecto tem sido introduzida por estudos mais recentes como os de Castilho (2002), que define o aspecto verbal como *“uma propriedade da predicação que consiste em representar os graus de desenvolvimento do estado de coisas aí codificado”*, Mateus et. al. (1997), Travaglia (1981), Longo e Campos (2002), entre outros. Por exemplo, Mateus et. al. (op. cit. p. 95-98) apresentam os valores aspectuais: I) pontual: incoativo, causativo, inceptivo, conclusivo e cessativo; II) durativo: cursivo, permansivo, iterativo, freqüentativo, habitual e gnômico; III) acabado, inacabado.

Segundo a teoria culioliana, as operações aspectuais constituem operações de determinação de um predicado e se manifestam no processo enunciativo, desempenhando um papel fundamental. Modulam no tempo e no espaço os jogos de relação entre enunciador e co-enunciador, para que eles possam construir ou reconstruir os domínios de referência.

Conforme diz Culioli (1978),

[...] o jogo dos valores aspectuais vai, de um lado, situar-se no plano do que é construído, predicado dentro de um enunciado, marcando assim os limites, as fronteiras, e de outro lado, de qualquer jeito, projetar esse espaço sobre um eixo, marcando-o na ordem temporal (tempos de enunciação, lugar ou distância do sujeito em relação ao que ele enuncia, coordenadas fixando os tempos e portadoras do processo) com o fim de fixar o tipo de representação visada (CULIOLI, *apud*: VIGNAUX, 1988, p. 132).²⁶

²⁶ - [...] le jeu des valeurs aspectuelles va d'un côté, se situer au plan de ce qui est construit à savoir prédiqué dans l'énoncé, marquant ainsi des **“bornes”** des **“frontières”**, et de l'autre, en quelque sorte **“projeter”** cet **“espace”** construit sur un **“axe”** le repérant dans l'ordre du temporel (temps de l'énonciation, **“place”** ou **“distance”** du sujet par rapport à ce qu'il énonce, **“coordonnées”** fixant les temps et portée du processus) aux fins de fixer le type de représentation visée.

Por meio das operações aspectuais, o sujeito enunciador indica como o *estado de coisas* expresso no enunciado se desenrola no tempo. É o espaço construído por uma trajetória desde um momento origem até um momento atingido. Dessa forma, o jogo dos valores aspectuais pode situar-se ora no plano do predicado (no enunciado que é construído), ora no tempo. Conforme Culioli, essa localização *do espaço no tempo* fixa o tipo de representação visada.

Os jogos da temporalidade, introduzidos na aspectualidade do processo, permitem modular desde a *certeza* até o *possível*, incluindo nesse domínio o *hipotético* e o *improvável*.

Danon-Boileau (1987) considera o aspecto um valor referencial associado ao predicado no nível enunciativo. Tal valor provém:

- a) da natureza da tematização definida na relação predicativa. A tematização do predicado implica um valor de aspecto pontual (específico). Já a tematização de um argumento implica um valor aspectual não-pontual (genérico);
- b) dos valores do operador de referenciação (*repérage*) para os quais o predicado e, às vezes, o auxiliar trazem a marca. Danon-Boileau admite como valores do operador: o valor indiferente (*égal*), definido pelo presente, e o valor ruptura (*rupture*), definido pelo pretérito;
- c) da natureza da forma verbal, que pode ser uma forma simples (=relação enunciativa simples) ou uma forma composta (=relação enunciativa complexa).

Por ser um tipo de referência associada ao predicado, no nível enunciativo, o aspecto é uma consequência direta da estrutura da relação predicativa. Desse

modo, se, na relação predicativa, o termo de partida é um argumento ξ_1 , o aspecto do verbo é genérico (não-pontual). Como é possível observar em:

1) Pedro joga futebol muito bem.

joga futebol muito bem constitui uma propriedade não situada pontualmente no tempo; mas *Pedro* é situado com relação ao momento da enunciação em $T = T_0$.

Em:

2) Pedro jogava como um campeão.

a idéia *jogava como um campeão* é uma propriedade não situada pontualmente no tempo, enquanto *Pedro* é situado no tempo com relação ao momento da enunciação em $T \neq T_0$.

Observa-se que o aspecto de *joga* e *jogava* é genérico (não-pontual). O tempo gramatical apenas registra a marca temporal que localiza a posição de *Pedro* com relação a T_0 , uma vez que *Pedro* é o ponto de partida e o verbo é que traz o traço de sua localização temporal.

Em compensação, se, na relação predicativa, o predicado (π) for tematizado, o aspecto do verbo passará a ser pontual (específico), como se verifica em:

3) Pedro está jogando futebol muito bem (agora).

4) Pedro jogou (ontem) futebol muito bem.

a posição / valor específico ou genérico do predicado deriva da organização da relação predicativa. Há que se levar em conta ainda a oposição entre a forma simples e a composta. Em:

1) Pedro joga futebol muito bem.

3) Pedro está jogando futebol muito bem.

o exemplo (3) apresenta o problema do estatuto do auxiliar. O verbo *estar* pode ser visto como um verbo de estatuto pleno. Nesse caso, tem-se uma léxis complexa: <Pedro, estar, jogando futebol>, em que Pedro (ξ_0) é um argumento nominal; jogando futebol é um argumento proposicional (ξ_1) e estar é o predicado (π).

Como há proximidade de sentido entre os enunciados (1) e (3), pode-se, segundo Danon-Boileau (op. cit), optar pela léxis <Pedro, futebol, jogar>. Nesse caso, a introdução do auxiliar é vista como uma opção posterior à definição de léxis. No nível predicativo, postular-se-á a existência de uma imbricação de duas relações predicativas: a encaixante (l'enchassante) e a encaixada (l'enchassée). A encaixante terá Pedro como ponto de partida; o auxiliar estar como predicado; e uma segunda relação predicativa como ponto de chegada. A encaixada será uma relação predicativa com um lugar vazio; terá como ponto de partida esse lugar vazio ou o predicado; e terá futebol como ponto de chegada.

Após essas breves considerações sobre o trabalho e sobre a teoria que dará suporte teórico a ele, passaremos, nos capítulos seguintes, à análise da marca *quando*.

CAPÍTULO II

Uns, com os olhos postos no passado,
Vêem o que não vêem; outros, fitos
Os mesmos olhos no futuro, vêem
O que não pode ver-se.
.....

Perene flui a interminável hora
Que nos confessa nulos. No mesmo hausto
Em que vivemos, morreremos. Colhe
O dia, porque és ele.

(Ricardo Reis)²⁷

2 ANÁLISES LINGÜÍSTICAS DE *QUANDO*

Na discussão que segue, tentaremos analisar a marca lingüística *quando*, observando o seu comportamento sintático-semântico em enunciados que iremos sucessivamente manipulando, como um exercício que visa a ir além do domínio imediatamente observável, a fim de fazer a descrição dos processos de produção (e de reconhecimento) subjacentes ao enunciado.

²⁷ - Ricardo REIS, in: NICOLA, José; INFANTE, Ulisses. **Como ler Fernando Pessoa**. São Paulo: Scipione. 1988. p. 58.

2.1 PARÂMETROS METALINGÜÍSTICOS

Os parâmetros enunciativos metalingüísticos definidores do sistema referencial são os seguintes:

- λ – léxis
- \underline{e} - localizador (ser, estar)
- \underline{t} - ter
- S_0 : sujeito enunciador origem
- T_0 : indicador temporal origem
- Sit (S_0, T_0)²⁸: situação enunciativa ou *repère* enunciativo origem. É a situação de enunciação criada pelo S_0 em T_0 ²⁹ e representa igualmente a origem das localizações espaciais.

Em torno de Sit (S_0, T_0), origem do sistema de *localização* (em sentido abstrato), organizam-se as coordenadas enunciativas restantes, marcadas lingüisticamente no enunciado. A saber:

- $S_1, T_1, \text{Sit} (S_1, T_1)$: coordenadas da situação de enunciação relatada ou situação de locução. S_1 simboliza o enunciador relatado (ou locutor) e T_1 o tempo da enunciação relatada (ou locução). Essas coordenadas são localizadas em relação a Sit (S_0, T_0). No caso de uma enunciação direta em que S_0 assuma inteiramente a validação ou não-validação da relação predicativa, teremos $S_1 = S_0, T_1 = T_0$ e, portanto, $\text{Sit}_1 = \text{Sit}_0$;

²⁸ - Para Sit (S_0, T_0) usaremos apenas Sit₀.

²⁹ - A situação enunciativa Sit (S_0, T_0) não remete a uma situação empírica, mas a uma situação abstrata. Trata-se de um parâmetro metalingüístico que está na base de toda a representação.

- $S_2, T_2, \text{Sit}(S_2, T_2)$: coordenadas da relação predicativa ou do acontecimento construído pela enunciação;
- $S_3, T_3, \text{Sit}(S_3, T_3)$: coordenadas do ponto de referência intermediário entre S_2, T_2, Sit_2 e Sit_1 , a partir do qual se constrói o ponto de vista sobre o acontecimento, podendo esse ponto, em alguns casos, coincidir com Sit_1 e em outros com Sit_2 .

A *léxis* (λ) localiza-se em relação a Sit_2 . Sit_2 localiza-se em relação a Sit_0 passando por *Sits* intermediárias, em uma relação complexa que pode ser representada pela fórmula:

$$\langle \langle \lambda \ \underline{\epsilon} \ \text{Sit}_2 \rangle \ \underline{\epsilon} \ \langle \text{Sit}_3 \ \underline{\epsilon} \ \text{Sit}_1 \rangle \rangle \ \underline{\epsilon} \ \text{Sit}_0 \ \rangle$$

em que $\underline{\epsilon}$ é um operador primitivo de *localização*, susceptível de tomar os valores de identificação (=), diferenciação (\neq) e ruptura (ω). Assim, no caso do enunciado:

1 – Falaste que o Pedro estava olhando o carro.

a relação entre as coordenadas enunciativas é a seguinte:

$$\text{Sit}(S_1, T_1) \neq \text{Sit}(S_0, T_0), \quad S_1 \neq S_0, \quad T_1 \neq T_0.$$

No caso de uma enunciação direta como:

1a – (Eu falo) o Pedro está olhando o carro.

identificam-se as coordenadas que definem a situação de locução e as que definem a situação de enunciação origem.

$$\text{Sit}(S_1, T_1) = \text{Sit}(S_0, T_0), \quad S_1 = S_0, \quad T_1 = T_0.$$

O *operador de localização* assume valor de ruptura sempre que o acontecimento não for localizado em relação a Sit_0 , isto é, quando Sit_2 se situa fora do plano da enunciação.

Apenas as relações ligadas à noção de tempo a partir da marca lingüística *quando* e os domínios com ela relacionados serão objeto deste trabalho, por isso, para simplificar, no estabelecimento das relações de localização, teremos a fórmula:

$$\langle \langle \lambda \in T_2 \rangle \in \langle T_3 \in T_1 \rangle \rangle \in T_0$$

No exemplo (1a), além de $T_1 = T_0$, temos ainda $T_3 = T_0$, $T_2 = T_3$, $T_2 = T_0$. O presente lingüístico marca, aqui, a identificação de todas as coordenadas temporais do enunciado.

No exemplo:

2 – (Eu digo) o Pedro ontem estava escrevendo uma carta.

$T_1 = T_0$, $T_3 \neq T_0$ e $T_3 = T_2$, assim $T_2 \neq T_0$. Neste caso, T_3 é obtido por deslocamento de T_0 e constitui o ponto de referência do qual se constrói o ponto de vista sobre o acontecimento. O tempo verbal (imperfeito) é marcador desse deslocamento em direção ao passado. O *localizador deslocado* conserva as propriedades aspectuais do *localizador origem*. Por exemplo, tanto em (1a) como em (2) o processo é visto como em desenvolvimento, concomitantemente com o *ponto localizador* respectivo.

Em (2a), porém,

2a – (Eu digo) o Pedro tinha escrito a carta quando entrei.

é a partir de T_3 (quando eu entrei) que se constrói o ponto de vista sobre o acontecimento, cuja coordenada é T_2 (tinha escrito).

Limitando-nos a tratar da marca lingüística *quando* em enunciados, teremos em conta a representação em um espaço unidimensional. O ato enunciativo constrói uma classe de instantes que valida a relação predicativa (também construída por esse ato enunciativo). Tal classe de instantes é, portanto, representável no espaço unidimensional (que se pode comparar a uma reta), relativamente a intervalos (sucessões contínuas de pontos) com determinadas características.

A noção de tempo se manifesta na própria relação predicativa, associa-se ao aspecto, pelo modo de processo, e ao valor modal, pela abertura de domínios nocionais e outros marcadores da localização. A representação do valor *tempo* em um enunciado faz-se, portanto, no espaço topológico da *noção* ou da relação entre noções implicadas. É o espaço topológico que diz respeito ao domínio do tempo (instantes que validam a relação predicativa). Na discussão que segue, focaremos a marca lingüística *quando* em combinação com o tempo gramatical e com outros indicadores aspecto-modais. Serão consideradas as relações intra e inter-léxis.

O valor referencial de um enunciado, isto é, sua significação global final resulta da localização de uma relação predicativa em relação a um espaço de enunciação, criada pelo próprio ato ou processo enunciativo. Esse processo pode ser representado como um intervalo semi-aberto em que se considera um primeiro ponto, ou fronteira inicial, não se considerando o último ponto ou fronteira final. Esse intervalo não pode incluir o seu último ponto, visto que faz parte da

representação metalingüística de valores construídos no interior do processo enunciativo. Mas ele pode ser reduzido, abstratamente, a um ponto (que se designa por momento da enunciação T_0) situado na reta denominada TC (tempo crônico ou cronológico), sobre a qual se projetam as classes de instantes construídas pela enunciação.

2.2 ANÁLISE DOS ENUNCIADOS

Acreditamos que a forma lingüística *quando* seja marcadora de operações que expressem, prioritariamente, a noção de tempo. No entanto, Culioli (1999 t2, p. 172) afirma que "tratando-se do tempo, desembocaremos para uma multiplicidade de categorizações possíveis"³⁰, por isso supomos que, em suas ocorrências, o *quando* possa relacionar-se a domínios diversos, tais como o aspecto do enunciado, a modalidade ou, até mesmo, a alteridade instalada entre os sujeitos enunciadorees.

Para organizar essa reflexão, faremos as análises da noção temporal de *quando*, relacionando-a ao aspecto e à modalidade. Dividiremos os enunciados em três grupos, com base no tempo verbal: quando + tempo presente, quando + tempo passado e quando + tempo futuro.

Adotaremos para as análises a seguinte legenda:

³⁰ S'agissant du temps, on aboutira à une multiplicité de catégorisations possibles.

A - léxis que aparece primeiro no enunciado

B - léxis com a qual A se relaciona

r – relação entre A e B

T_0 - Tempo da enunciação

T_2 – Tempo predicado no enunciado

T_3 – Marca de tempo intermédia (entre T_2 e T_0)

[] – intervalo temporal fechado

] [- intervalo temporal aberto

TC – Tempo crônico (cronológico)

2.2.1 Quando + tempo presente

Vamos considerar as ocorrências nos seguintes enunciados:

1 – Tem hora que eu sou quando uma pedra.³¹

(A)

(B)

Esse enunciado é organizado a partir do esquema primitivo:

³¹ - Manoel de Barros.

Ter hora r eu ser pedra

A B

Nele a léxis é construída sem origem (ξ_0), portanto ela é formada pelo predicado (π) *ter* e pelo objetivo (ξ_1) *hora*. A léxis B tem como origem (ξ_0) o pronome *eu*, o objetivo (ξ_1) é *pedra* e o predicado (π) é *ser*.

A léxis A com pronome anafórico *que* funciona apenas como uma marca de localização temporal da léxis B, nela *hora* não é determinada por nenhuma marca, trata-se de uma ocorrência predicada pela operação de varredura no domínio *ser hora X ser não-hora*, em relação a outras possibilidades de ocorrência no mesmo domínio nocional como: minuto, segundo, etc. O pronome *eu*, na léxis B, imbrica em si a determinação e indica uma igualdade entre o sujeito enunciador e o sujeito do enunciado. O objetivo *pedra* é predicado pelas operações *Qnt/Qlt ser pedra X ser não-pedra* e é localizado pelo determinante *uma*, artigo que opera a extração de *pedra* em relação a outras possibilidades enunciativas de elementos cujas propriedades permitem ser predicados por *ser*. Os predicados das léxis A e B são modalizados a partir das operações:

ter X não ter

ser X não ser

Se eliminarmos da léxis B *uma*, determinação de *pedra*, como em:

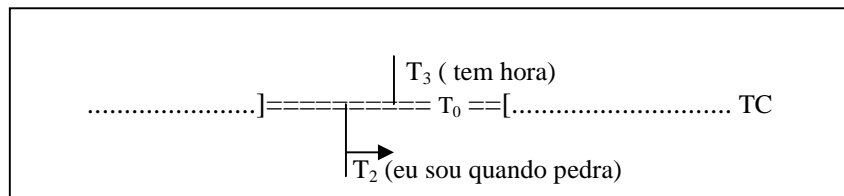
Tem hora que eu sou quando pedra.

teremos tanto na léxis A como na B uma varredura e, por isso, fica indeterminado o tipo de ocorrência do *ser*, já que *pedra* perde ainda mais a sua propriedade física-cultural do que é, de fato, *ser pedra*.

Em (1) a modalidade é *assertiva* e B é um acontecimento que ocorre em um tempo marcado por A, pois A é que marca o intervalo de duração de B, já que *ser pedra* não ocorre o tempo todo, só em determinados intervalos. Daí a inserção de um aspecto durativo iterativo em B. *Quando* funciona como o elemento que, em determinados instantes, despersonaliza o *eu* atribuindo-lhe as características de *pedra*. Tanto que poderíamos parafraseá-lo por:

1a) Às vezes eu pareço uma pedra.

Os intervalos temporais poderiam ser representados assim:



O enunciado:

2 – Hoje eu estou quando infante³².

que pode ser representado pelo esquema primitivo:

Eu estou r (eu ser) infante

A B

tem como origem (ξ_0) da léxis o pronome *eu*, o objetivo (ξ_1) é *infante* e o predicado (π) é *estar*.

³² - Manoel de Barros.

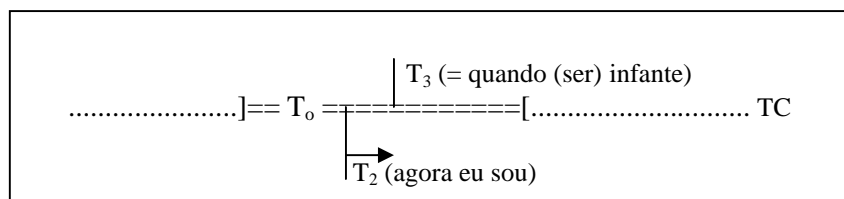
O pronome *eu*, conforme mencionamos na análise do enunciado (01), imbrica em si a determinação e indica uma igualdade entre o sujeito enunciador e o sujeito do enunciado. O objetivo infante é predicado pelas operações Qnt/Qty *ser infante X ser não-infante* e ancora a ocorrência na varredura entre outras possibilidades enunciativas de elementos cujas propriedades permitem ser um estado (qualidade) de eu. O predicado é modalizado a partir das operações:

estar X não estar

A modalidade do enunciado é *assertiva* e B *ser infante* ocorre em um mesmo intervalo de instante em que A é localizado pela marca *hoje*, pois *ser infante* está ocorrendo exatamente *agora*. Daí apreendermos um aspecto *durativo cursivo*. *Quando* funciona como o elemento que remete o *eu* atribuindo-lhe as características de *infante*. Tanto que poderíamos parafraseá-lo por:

1a) Hoje estou sendo infante.

Os intervalos temporais poderiam ser representados assim:



Para os enunciados:

3 – Quando escrevo uma carta, todos lêem.

(A)

(B)

4 – Quando ficamos na janela, vemos tudo.

(A)

(B)

notamos que (3) é organizado a partir do esquema primitivo:

(eu) escrever carta r todos ler (carta)

A

B

e tem como origem (ξ_0) da léxis A o pronome *eu* recuperado pelo contexto por meio do sufixo marca número-pessoal *o*, o objetivo (ξ_1) é *carta* e o predicado é *escrever* (π). A léxis B tem como origem (ξ_0) *todos* como objetivo (ξ_1) *carta* recuperado pelo contexto e predicado (π) *ler*.

O pronome *eu* já analisamos nos enunciados (1) e (2). O objetivo *carta* é predicado pelas operações Qnt/Qlt *ser carta X ser não-carta* e é localizado pelo determinante *uma*, artigo que opera a extração de *carta* em relação a outras possibilidades enunciativas, predicáveis por *escrever*, como: bilhete, livro, poema, etc. A origem da léxis B *todos* é um pronome indefinido marcado pelo número plural que opera uma varredura enunciativa, em cuja operação se localiza a ocorrência. Os predicados das léxis A e B são modalizados a partir das operações:

escrever X não escrever

ler X não ler

Esse enunciado tem uma modalidade *assertiva*.

Se eliminarmos da léxis A *uma* determinação de *carta*, como em:

Quando escrevo carta, todos lêem.

teremos tanto na léxis A como na B uma varredura e, por isso, fica indeterminada se *carta* é um texto (a carta) ou a palavra (carta), portanto uma ocorrência ambígua, assim como a *leitura* (léxis B) pode deixar de ser da *carta* escrita pelo *eu* (léxis A).

O enunciado (4) é organizado com duas léxis a partir do esquema primitivo:

(nós) ficar janela r (nós) ver tudo

A

B

e tem como origem (ξ_0) das léxis A e B o pronome *nós* recuperado pelo contexto por meio da marca número-pessoal *-mos*, o objetivo (ξ_1) da léxis A é *janela* e o predicado (π) é *ficar*. A léxis B tem como objetivo (ξ_1) *tudo* e predicado (π) *ver*.

O pronome *nós* imbrica em si a determinação. A construção do enunciado com tal pronome revela que o sujeito enunciador é parte do sujeito do enunciado. O objetivo *janela* é predicado pelas operações Qnt/Qlt *ser janela X ser não-janela* e é localizado pelo determinante *a*, artigo que opera a extração de *janela* em relação a outras possibilidades enunciativas de elementos, cujas propriedades têm a noção de lugar e permitem ser predicados por *ficar*, como: varanda, porta, escada, etc. A origem da léxis B *tudo* é um pronome que tem a noção de totalizar em si todas as possibilidades, por isso opera uma varredura enunciativa, localizando-se nessa operação a ocorrência. Os predicados das léxis A e B são modalizados a partir das operações:

ficar X não ficar

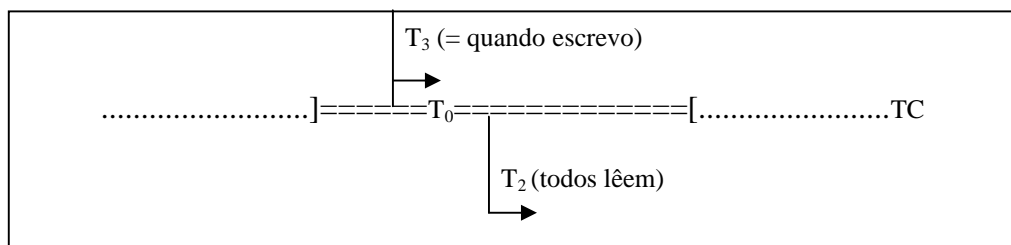
ver X não ver

Se eliminarmos o a determinação de *janela*, na léxis A, como em:

Quando ficamos em janela, vemos tudo.

teremos na léxis A uma mudança, pois *janela* passa a ser uma ocorrência localizada na operação de varredura e, com isso, deixa de ser o local predicado por *ficar* e torna-se o modo de se *ficar* para o ato de *ver*.

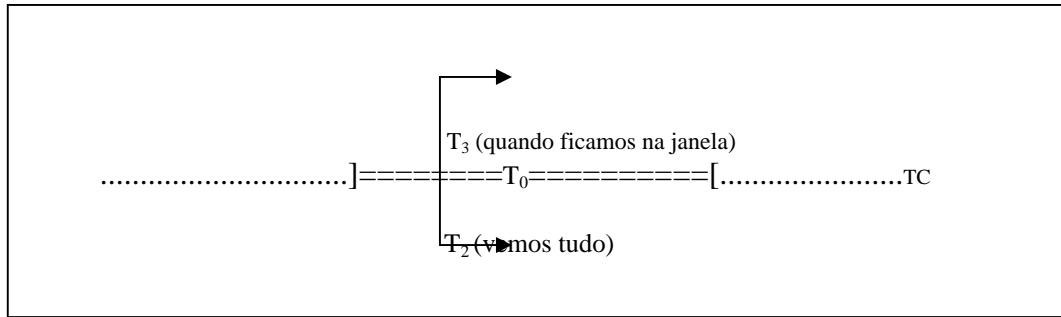
Em (3) e em (4), o tempo lingüístico das léxis A e B é o presente e retrata o momento atual. Em (3) nossa experiência empírica de mundo permite inferir que B só pode ser um acontecimento que ocorre em um tempo posterior ao acontecimento de A, o que permite ser representado no seguinte gráfico:



Nesse enunciado (3), a marca *quando* cria uma projeção temporal e funciona em um domínio aspecto-temporal, em que é o intervalo que marca o instante inicial e final desse domínio, com valor durativo freqüentativo. Dessa forma, tal marca poderia ser parafraseada por *sempre que*, como em:

3a – Sempre que escrevo uma carta, todos lêem.

Em (4) há um tempo concomitante ou simultâneo entre as léxis A e B, que pode ser representado assim:



Nesse enunciado a marca *quando*, além de criar uma projeção temporal, estabiliza uma noção no domínio aspecto-temporal com valor durativo, em um determinado intervalo de tempo (tempo em que estiver na janela). Por isso, essa marca poderia ser parafraseada por *enquanto* ou *sempre que* como em:

4a₁ - Enquanto ficamos na janela, vemos tudo.

4a₂ - Sempre que ficamos na janela, vemos tudo.

Como podemos observar, em (3) e (4) a marca lingüística *quando* influencia o enunciado e é influenciada por outras marcas presentes nele. Portanto, o seu papel em cada ocorrência depende do contexto em que o sujeito enunciator a insere. Devido a isso, mesmo havendo o tempo presente, atual, nos dois enunciados, percebemos que há posterioridade de B em relação a A em (3) e simultaneidade temporal entre A e B em (4). Isso permite a substituição de *quando* por *sempre que* nos dois enunciados e a substituição de *quando* por *enquanto* no enunciado (4). Essa segunda possibilidade de substituição, se fosse feita em (3), implicaria uma mudança semântica, já que, na parafrase *enquanto escrevo uma carta, todos lêem*, o ato de *ler* não estaria necessariamente relacionado com *carta*, apenas pode ser uma ação simultânea. No entanto, se mudarmos a ordem das léxis, como em:

3b – Todos lêem quando escrevo a carta.

4b – Vemos tudo quando ficamos na janela.

tanto em A quanto em B, teremos o mesmo tipo de ocorrência da marca lingüística *quando* e, por isso, a restrição de se substituir, em (3), *quando* por *enquanto* deixa de existir.

Conforme vimos, tanto em (3) quanto em (4), *quando* + o tempo verbal presente têm um aspecto durativo freqüentativo, com um intervalo recortado pela marca *quando*, que marca o instante do acontecimento. No entanto, se retirarmos a marca, como em:

3c - Escrevo a carta, todos lêem.

4c - Ficamos na janela, vemos tudo.

não temos esse marcação do instante em um intervalo, e o caráter freqüentativo se desfaz, pois o aspecto torna-se durativo permansivo e o acontecimento passa a ser permanente.

Analisando o enunciado:

5 – Quando uns trabalham, outros descansam.

(A)

(B)

observa-se que ele é organizado a partir do esquema primitivo:

uns trabalhar (trabalho) r outros descansar (se)

A

B

tendo como origem (ξ_0) da léxis A o pronome *uns*, o predicado (π) é *trabalhar*, a léxis B tem como origem (ξ_0) *outros* e como predicado (π) *descansar*. Na léxis A, o objetivo (ξ_1) vem incorporado no próprio predicado, porque *trabalhar* tem a noção de *fazer o trabalho*, dessa forma, *trabalho* é o objetivo. Já na léxis B, o objetivo (ξ_1) pode ser recuperado pelo contexto, pois o predicado *descansar* sugere o *descansar-se (do trabalho)*.

Os pronomes *uns* e *outros* eleitos para a construção do enunciado indicam uma diferença entre o sujeito enunciador e o sujeito do enunciado e são localizados, respectivamente, pelas operações Qnt/Qlt *ser uns X ser não-uns* e *ser outros X ser não-outros*, cujas propriedades permitem ser predicados por *trabalhar* e *descansar*. Tais pronomes são marcados pelo número plural que opera uma varredura enunciativa, localizando-se nessa operação as suas ocorrências. Os predicados das léxis A e B são, respectivamente, modalizados a partir das operações:

trabalhar X não-trabalhar

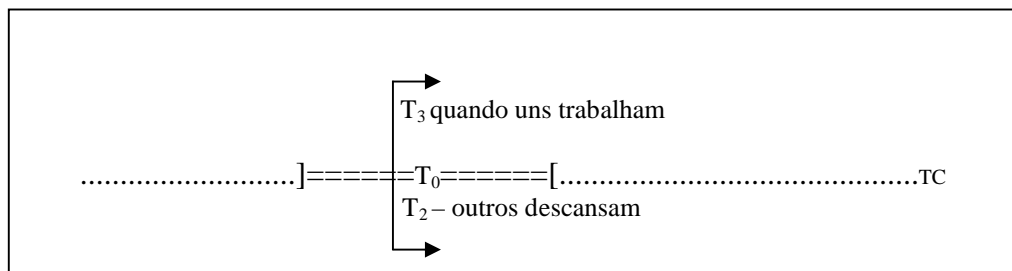
descansar X não-descansar

Neles há uma modalidade assertiva e um tempo concomitante entre os acontecimentos de A e B. A marca *quando* estabelece uma projeção do acontecimento no eixo temporal, construindo um intervalo dos instantes. Isso permite a substituição de *quando* por *enquanto* ou, de forma mais pontual, por *no momento em que*, sem, contudo, comprometer o sentido do enunciado, como em:

5a₁ . Enquanto uns trabalham, outros descansam.

5a₂ - No momento em que uns trabalham, outros descansam.

A temporalidade no enunciado (5) pode ser representada conforme o seguinte quadro:



Embora haja a construção do enunciado com o sujeito de A diferente do de B e sejam ainda ambos diferentes do sujeito enunciador, há uma estrutura de paralelismo sintático inter-léxis que assegura alteração com a migração da marca *quando* da léxis A para a léxis B, como em:

5b - Uns trabalham, quando outros descansam.

Portanto, a mudança de *quando* de A para B provoca a troca do referencial para o momento da duração, que antes tinha a origem em *trabalhar* e, após a mudança, passou para *descansar*, ou seja, essa origem acompanha a marca *quando*.

Se também retirarmos a marca, como em:

5c - Uns trabalham, outros descansam.

o enunciado fica sem um ponto que dê o valor de estabilidade para o intervalo temporal, isto é, o Sit (apoio situacional), que é a própria marca. Isso também implica, em (5c), alteração no domínio aspecto-temporal, pois, com ou sem *quando*, temos um aspecto durativo habitual. Porém, com tal marca, a léxis A é

que constrói um intervalo para B. Sem ela, A e B mantêm seu aspecto de forma quase independente, porque a relação aspectual entre os acontecimentos das léxis é bastante atenuada.

Esse enfraquecimento, com a justaposição, ainda vai refletir na relação semântica entre as léxis A e B, pois vamos ter a possibilidade de substituição de *quando* por outros conectores, reduzindo, assim, a implicação entre elas, o que deixa mais evidentes outros domínios suplementares à noção de tempo, como veremos na análise deste e de outros enunciados que será feita no capítulo III deste trabalho.

Os enunciados:

6 – O homem *quando* adulto não tem vaidade.

(B) (A) (B)

7 – Leticia *quando* professora é exigente.

(B) (A) (B)

são organizados a partir de esquemas primitivos bem parecidos. O do enunciado (6) é:

homem (não) ter vaidade r (homem ser) adulto

A

B

A origem (ξ_0) da léxis A é *homem*, objetivo (ξ_1) *vaidade* e predicado (π) *ter*. A léxis B tem como origem (ξ_0) *homem* recuperado pelo contexto, como objetivo (ξ_1) *adulto* e predicado (π) *ser* também recuperado pelo contexto.

O nome *homem* origem das léxis A e B é predicado pelas operações Qnt/Qlt *ser homem X ser não-homem* e é localizado pelo determinante *o*, artigo que opera a extração de *homem* em relação a *homens* e a outras possibilidades enunciativas de elementos cujas propriedades permitem ser predicados por *ter vaidade*. O objetivo das léxis A e B *vaidade* e *adulto* são também predicadores de *homem*, pois o homem quando qualificado como *adulto* não tem a propriedade de *ter vaidade*, portanto a ocorrência desses objetivos da léxis resulta de operações predicativas Qnt/Qlt, respectivamente, de *ser adulto X ser não-adulto* e *ser vaidoso X ser não-vaidoso*, entendendo-se que *vaidoso* é uma característica apenas do ser que não é adulto. Os predicados das léxis A e B são modalizados a partir das operações:

ser X não-ser

ter X não-ter

Se eliminarmos, da léxis A, a determinação *o* de *homem*, como em:

Homem quando adulto não tem vaidade.

teremos na léxis A uma varredura no domínio *ser homem* e, conseqüentemente, situamos a ocorrência *homem* nessa operação.

O enunciado (7) é organizado a partir do esquema primitivo:

Letícia ser exigente r (Letícia ser) professora

A

B

A origem (ξ_0) da léxis A é o nome *Letícia*, o objetivo (ξ_1) é *exigente* e o predicado (π) é *ser*. A léxis B tem também como origem (ξ_0) *Letícia*, recuperado pelo contexto, como objetivo (ξ_1) *professora* e predicado (π) *ser*, também recuperado pelo contexto.

Letícia origem das léxis A e B designa apenas um único objeto identificado, é pertencente à classe dos objetos do universo de referência pressuposta pragmaticamente. Tal ocorrência é predicada pelas operações Qnt/QIt e extraída em relação a outras possibilidades enunciativas de personalidades cujas propriedades permitem ser predicadas por *ser professora*. Os objetivos das léxis A e B, respectivamente, *exigente* e *professora* também são predicadores de *Letícia*, pois *Letícia*, quando qualificada como *professora*, tem a propriedade de *ser exigente*; portanto a ocorrência desses objetivos das léxis resulta de operações predicativas Qnt/QIt *ser exigente X ser não-exigente* e *ser professora X ser não-professora*, entendendo-se que *professora* é uma característica do ser que tem ou não a natureza *ser exigente*. Os predicados das léxis A e B são modalizados a partir das operações:

ser X não ser

Se inserirmos uma determinação *a* para *Letícia*, como em:

A *Letícia* quando professora é exigente.

teremos a localização, nas léxis, de uma ocorrência resultante da operação de extração que denota certa proximidade afetiva entre o sujeito enunciador e o sujeito do enunciado.

Os enunciados (6) e (7) têm a léxis A inserida no interior da léxis B, e nas suas construções há, respectivamente, relação predicativa: *homem ser adulto r (homem) ter vaidade* e *Letícia ser professora r (Letícia) ser exigente*. A modalidade dos enunciados é *assertiva*. Tanto em (6) quanto em (7) a léxis B tem aspecto durativo permansivo e *quando* opera um valor de *no momento em que*, pois o *homem* não é *adulto* o tempo todo, nem *Letícia* exerce a função *professora* o tempo todo.

Trabalhando com:

6a – O homem no momento em que é adulto tem vaidade.

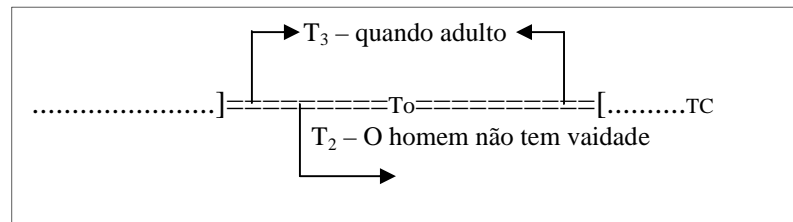
7a – Letícia no momento em que é professora é exigente.

observa-se, ainda, que *adulto* e *professora* representam instantes diferenciados em relação ao termo antecedente. *Adulto* é um intervalo progressivo no tempo cronológico da vida do homem, no qual o instante jamais retorna para a condição anterior. Isso significa que o homem avança no tempo e transforma-se, proporcionalmente, com a sucessão de instantes. Já *professora* é um recorte iterativo, isto é, a condição de Letícia em um intervalo não é a mesma em outro, mas pode, à medida que os instantes se sucedem, retornar à condição de professora. Por isso, há a possibilidade dessas outras paráfrases para *quando*:

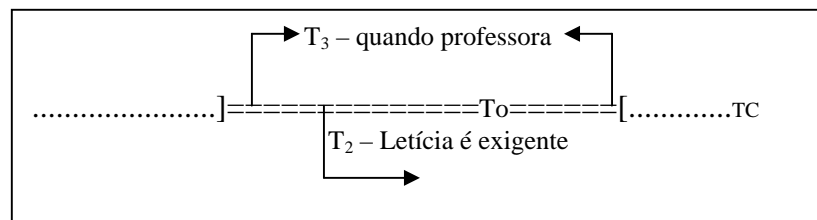
6b – O homem depois que é adulto não tem vaidade.

7b – Letícia sempre que é professora é exigente.

A marca *quando* (léxis A) faz, então, o recorte de um intervalo representado por instantes dentro da léxis B em (6), que pode ser representado:



Como podemos observar, a noção temporal introduzida por *quando* em A faz um recorte no curso do tempo de B sem um instante final. Essa mesma representação também ocorre em relação ao enunciado (7) com intervalo iterativo em que *Letícia* exerce a função *professora*:



Ao observarmos a relação entre A e B nos enunciados, percebemos que A exerce um papel atributivo (qualidade) para os argumentos lexicalizados *homem* e *Letícia* das léxis B, restringindo ou delimitando uma porção de B, como se observa em:

6a – O homem no momento em que é adulto não tem vaidade.

7a – Letícia no momento em que é professora é exigente.

Nesses enunciados, os atributos *adulto* em (6a) e *professora* em (7a) têm valor qualitativo, possibilitando inferir que *quando* introduz um qualificador para o termo (antecedente), sujeito do enunciado na léxis B, por isso marca intervalo de instantes dessa identificação referencial dos termos antecedentes.

Em:

8 - De vez em quando ela abre a janela.

o enunciado é organizado apenas com uma léxis a partir do esquema primitivo:

Ela abrir janela

e tem como origem (ξ_0) da léxis o pronome *ela*, o objetivo (ξ_1) *janela* e o predicado (π) *abrir*.

O pronome *ela* imbrica em si uma determinação e revela que o sujeito enunciador e o sujeito do enunciado são diferentes. O objetivo *janela* é predicado pelas operações Qnt/Qty *ser janela X ser não-janela* e é localizado pelo determinante *a*, artigo que opera a extração de *janela* em relação a outras possibilidades enunciativas de elementos cujas propriedades permitem ser predicados por *abrir*, como: porta, livro, caixa, etc. O predicado da léxis é modalizado a partir das operações:

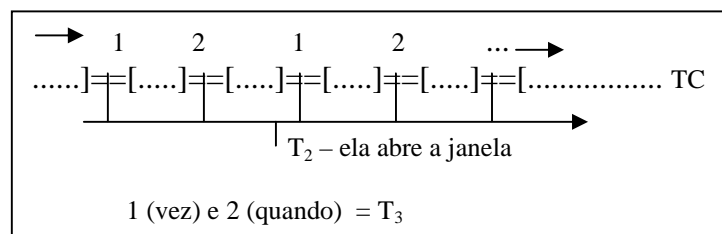
abrir X não abrir

Se eliminarmos a determinação *a* de *janela*, como em:

De vez em quando ela abre janela.

teremos uma varredura e, por isso, fica indeterminado o tipo de ocorrência *janela*, dando a noção de que *ela abre qualquer janela*, mesmo uma não identificada pelo enunciador, com se *ela* tivesse o hábito de abrir *janela*.

A ocorrência de *quando* não estabelece, nesse enunciado, uma relação inter-léxis, já que ele é constituído de apenas uma léxis, com uma modalidade *assertiva*. Tal marca pontua, no domínio temporal, uma alternância com a marca *vez*, *vez* abre o domínio (t_x) e *quando* (t_y) indetermina o momento da repetição do acontecimento. A combinação de *vez* com *quando* forma uma combinação que opera um valor aspectual durativo permansivo, mas com uma iteração entre (t_x) e (t_y), formando duas zonas qualitativamente diferenciadas e desencadeando um processo caracterizado por uma descontinuidade sem dimensão, como podemos observar no quadro:



em que *abrir* tem o aspecto permansivo durativo e *vez em quando* opera a iteração, marcando o início / fim e a repetição do acontecimento ao longo do tempo.

O enunciado:

9 - Quando a gente se envaidece [...] é quando o conceito desce [...]³³

(A)

(B)

é organizado com duas léxis a partir do esquema primitivo:

gente envaidecer gente r ser conceito descer (conceito)

A

B

Ele tem como origem (ξ_0) da léxis A o nome *gente*, o objetivo (ξ_1) *gente* recuperado pelo contexto por meio do pronome *se* e o predicado (π) *envaidecer*. A léxis B tem como origem (ξ_0) *conceito*, como objetivo (ξ_1) *conceito* e predicado (π) *descer*. A léxis B ligada à léxis A pelo predicado *ser* é um predicator daquela léxis.

A construção do enunciado com o nome *gente* revela que o sujeito enunciador também participa da ação do sujeito do enunciado. Ele é predicado pelas operações Qnt/Qlt *ser gente X ser não-gente* e é localizado pelo determinante *a*, artigo que opera a extração de *gente* em relação a outras possibilidades enunciativas predicáveis por *envaidecer*. A origem da léxis B *conceito* é predicada pelas operações Qnt/Qlt *ser conceito X ser não-conceito*. Ela é determinada pelo *o*, artigo que opera a extração e estabiliza a ocorrência. Os predicados das léxis A e B são modalizados a partir das operações:

envaidecer X não envaidecer

ser X não ser

descer X não descer

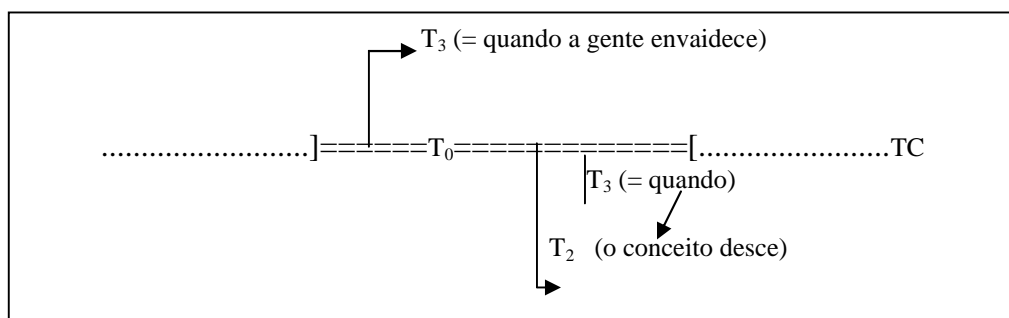
³³ - Adaptado de: Gilberto Pagani de FREITAS. Falsa ilusão. In: LEAL, Sergio (org). **Impressões**: 1ª coletânea de poetas capixabas. Vitória: Diário Oficial do Espírito Santo, 1995. p. 36.

Se eliminarmos a determinação *a* de *gente*, da léxis A, e *o* de *conceito*, na léxis B, como em:

Quando gente se envaidece [...] é quando conceito desce.

teremos, na léxis A, *gente* evidenciando uma noção de conjunto equivalente a *peçoas* e na B *conceito* parece tornar-se impreciso. Tais ocorrências passam então a se localizar na operação de varredura e, por isso, também ficam menos pontuais.

O enunciado tem uma modalidade *assertiva*. O tempo lingüístico das léxis A e B é o presente e retrata o momento atual. Ele pode ser representado assim no seguinte gráfico:



A marca *quando* cria uma projeção temporal e funciona em um domínio aspecto-temporal, no qual é o intervalo que marca o ponto inicial e final com valor durativo freqüentativo, tanto que tal marca poderia ser parafraseada por *sempre que* na léxis A ou na B, como em:

9a – Sempre que a gente se envaidece [...], o conceito desce.

9b – A gente se envaidece [...] sempre que o conceito desce.

No entanto, *ser*, que estabelece uma relação entre as léxis A e B e torna B um atributo (predicativo) de A, é suprimido com o *quando* da léxis B.

Como podemos observar, a marca *quando* influencia o enunciado e é influenciada por outras marcas dele. Portanto, o seu papel, em cada ocorrência, depende do contexto em que o sujeito enunciador a insere. Devido a isso, mesmo havendo o tempo presente atual nas duas léxis, percebemos que há posterioridade de B em relação a A. No entanto, se mudássemos a ordem das léxis, como em:

9c – Quando o conceito desce [...] é quando a gente envaidece.

A

B

a marca continuaria organizando o domínio aspecto-temporal da léxis A em (9c) e pontuando o instante da ocorrência do acontecimento descrito pela léxis B, que pode ser parafraseado assim:

9d – Quando o conceito desce [...] é o momento em que a gente envaidece.

Quando + o tempo verbal presente têm uma influência na aspectualidade de A em relação a B; no entanto, se retirarmos as marcas *quando*, como em:

9e – A gente se envaidece [...] o conceito desce.

não teremos o instante marcado em um intervalo, e o caráter aspectual freqüentativo se desfará, tornando-se um aspecto durativo permansivo, pois o acontecimento passa a ser permanente.

Ressalta-se que a marca *quando*, presente na léxis B *quando o conceito desce*, é uma marca de temporalidade que recorta o intervalo aberto do tempo

representado por instantes delimitados por essa mesma marca presente na léxis A, ou seja, o momento da descida.

2.2.2 Quando + tempo passado

O enunciado:

10 – Quando você estava para chegar, todos ficaram calados.

(A)

(B)

é composto de duas léxis complexas e organizado a partir do esquema primitivo:

Você estar chegar (você) r todos ficar calados

A

B

tendo como origem (ξ_0) e objetivo (ξ_1) da léxis A o pronome *você* e predicado (π) *estar + chegar*. A léxis B tem como origem (ξ_0) *todos*, como objetivo (ξ_1) *calado* e predicado (π) *ficar*.

O pronome *você* imbrica em si a determinação e denota a igualdade entre o sujeito co-enunciador e o sujeito do enunciado; portanto, há diferença entre o sujeito enunciador e o sujeito do enunciado. A origem da léxis B *todos* é um pronome indefinido predicado pelas operações Qnt/Qlt *ser todos X ser não-todos*.

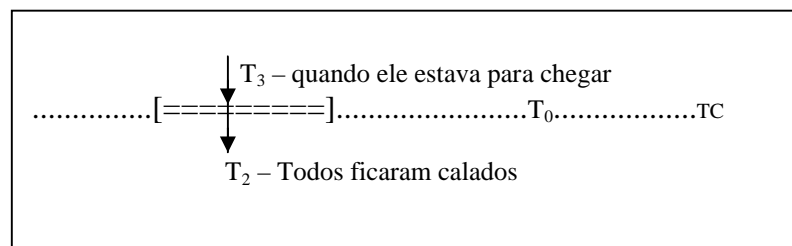
Ele tem a marca de número -s (plural) que opera uma varredura enunciativa no domínio nocional, localizando-se nessa operação a ocorrência. Já o objetivo da léxis B *calado* é a forma verbal *calar* nominalizada, que funciona como um qualificativo, um predicador, indicando o estado de *todos*. Os predicados das léxis A e B são modalizados a partir das operações:

estar X não estar

estar para chegar X não estar para chegar

ficar X não ficar

Nelas ocorre uma modalidade *assertiva*, em que a ocorrência *quando* marca o momento iminente de A em relação à ocorrência B, que é anterior a T_0 , assim A é posterior a B, mas também anterior a T_0 , como podemos observar na representação:



Essa iminência de A marca um valor aspectual cessativo para B. Nesse contexto, *quando* cria uma projeção (reforçando tal aspecto), além de pontuar no tempo o exato instante em que o evento descrito por B encerra-se, mediante a proximidade do acontecimento A. Essa noção fica mais evidente se parafrasearmos *quando* por *no momento em que*:

10a - No momento em que você estava para chegar, todos ficaram calados.

Em contrapartida, em (10b), ao retirarmos a marca *quando*, as léxis A e B tornam-se independentes uma da outra no plano sintático, porque, sem essa marca, desfaz-se a abertura de um domínio do intervalo temporal proporcionado por ela, mas se mantém uma implicação entre as léxis, ainda que de forma atenuada, como em:

10b - Você estava para chegar, todos ficaram calados.

assim, conforme mostraremos no capítulo IV deste trabalho, a marca *quando* pode colocar acontecimentos independentes em relação.

O enunciado:

11 – Quando chovia limpávamos a calçada.

(A) (B)

é organizado a partir do esquema primitivo:

Chover r (nós) limpar calçada

A B

sendo a léxis A o próprio predicado (π) *chover*, um fenômeno natural, que nessa ocorrência tem sua noção completa, imbricando em si a origem (ξ_0) e o objetivo (ξ_1). A léxis B tem como origem (ξ_0) *nós* recuperado pelo contexto por meio da marca número pessoal *-mos*, o objetivo (ξ_1) é *calçada* e o predicado (π) é *limpar*.

O pronome *nós* imbrica em si a determinação e indica uma igualdade entre o sujeito enunciador e o sujeito do enunciado. O objetivo *calçada* é predicado pelas operações Qnt/Qty *ser calçada X ser não-calçada* e é localizado pelo determinante *a*, artigo que opera a extração de *calçada* em relação a outras possibilidades enunciativas com propriedades predicáveis por *limpar*. Os predicados das léxis A e B são modalizados a partir das operações:

chover X não chover

limpar X não limpar

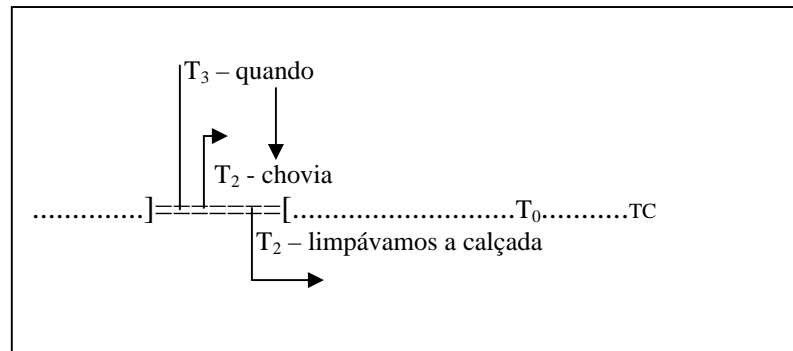
Se eliminarmos a determinação *a* de *calçada* da léxis B, como em:

Quando chovia, limpávamos calçada.

teremos na léxis B uma varredura e a ocorrência *calçada* localizada nessa operação, com isso, a noção é de limpeza de qualquer *calçada* e não uma *calçada* referencialmente ao alcance dos enunciadores.

Há no enunciado uma modalidade *assertiva*. A léxis A é representada por um predicado que também traz imbricado em si a noção do tempo fenômeno da natureza.

A inserção da ocorrência *quando* no enunciado marca o momento em que o acontecimento A provoca o acontecimento B; portanto B é posterior a A, mas tanto A como B são anteriores a T_0 , como representamos no quadro seguinte:



A marca *quando* ainda cria no enunciado uma projeção, recortando um intervalo em um passado dotado de uma noção temporal indeterminada, de aspecto inacabado e, simultaneamente, habitual. Devido a essas características, poderíamos parafrasear o *quando* com *sempre que*:

11a - Sempre que chovia, limpávamos a calçada.

Todavia, em (11b), ao retirarmos a marca *quando*, assim:

11b - chovia, limpávamos a calçada.

as léxis A e B tornam-se acontecimentos mais independentes um do outro no plano sintático.

Em:

12 – Quando o jogador chutou a bola, o goleiro defendeu.

(A)

(B)

O enunciado, composto de duas léxis, é organizado a partir do esquema primitivo:

Jogador chutar bola r goleiro defender (bola)

A

B

e tem como origem (ξ_0) da léxis A o nome *jogador*, o objetivo (ξ_1) é *bola* e o predicado (π) é *chutar*. A léxis B tem como origem (ξ_0) *goleiro* como objetivo (ξ_1) *bola*, recuperado pelo contexto, e predicado (π) *defender*.

Os nomes *jogador*, *bola* e *goleiro* são, respectivamente, predicados pelas operações Qnt/Qlt *ser jogador X ser não-jogador*, *ser bola X ser não-bola*, *ser goleiro X ser não-goleiro* e localizados pelos determinantes *o*, *a* e *o*, artigos que operam a extração e ancoram a ocorrência em relação a outras possibilidades enunciativas. Os predicados das léxis A e B são modalizados a partir das operações:

chutar X não-chutar

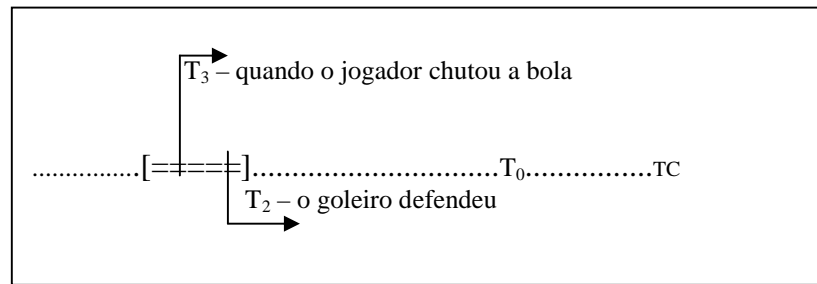
defender X não-defender

Se eliminarmos as determinações *o* de *jogador* e *goleiro* e *a* de *bola*, como em:

Quando jogador chutou bola, goleiro defendeu.

teremos tanto na léxis A como na B uma operação varredura em que se fixa a ocorrência pelo número singular. No entanto, com a indeterminação, o enunciado assume características da fala de quem ainda não domina todos os recursos discursivos da língua portuguesa, ou seja, a fala típica de um infante ou de um aprendiz estrangeiro do português como uma segunda língua.

O enunciado tem uma modalidade *assertiva* e nele a inserção da ocorrência *quando* marca o momento em que o acontecimento A mobiliza o acontecimento B; portanto, B é posterior a A, mas tanto A como B são anteriores a T_0 , como representamos no quadro seguinte:



A marca *quando*, no enunciado, também cria uma projeção que moldura um intervalo de tempo determinado no passado, de aspecto acabado e, concomitantemente, *pontual causativo / resultativo*, para o qual o acontecimento A é o ponto inicial da trajetória no espaço e no tempo que se encerra com o acontecimento B. Assim poderíamos parafrasear o *quando* com *logo que*:

12a - Logo que o jogador chutou a bola, o goleiro defendeu.

Em (12a), ao aspecto lingüístico, poderíamos acenar para uma concomitância entre A e B, mas a língua reflete as propriedades físico-culturais que constroem as noções, e a nossa experiência empírica absorve, da realidade, que, primeiro, X *chuta* para, em seguida, Y *defender*.

Ao retirarmos a marca *quando* do enunciado:

12b - O jogador chutou a bola, o goleiro defendeu.

a léxis A e B tornam-se independentes uma da outra no plano sintático, mas implicadas semanticamente. Uma outra possibilidade interpretativa nos leva a afirmar em (12b) que, por S_2 ser diferente de A para B, o acontecimento A necessariamente não implica o acontecimento B nem é implicado por ele. No

entanto, o argumento na posição b ³⁴, na relação primitiva, *bola* é o mesmo, tanto na léxis A quanto na B e isso liga as duas léxis.

Os enunciados:

13 – Quando os pais chegaram, ele saiu.

(A)

(B)

14 – Quando cheguei, todos tinham saído.

(A)

(B)

são compostos de duas léxis. O (13) é organizado a partir do esquema primitivo:

pais chegar (pais) r ele sair (ele)

A

B

e tem como origem (ξ_0) e objetivos (ξ_1) da léxis A o nome *pais*, a léxis B tem como origem (ξ_0) e objetivos (ξ_1) *ele*; os predicados (π) das duas léxis são, respectivamente, *chegar* e *sair*.

Pais é predicado pelas operações Qnt/Qt *ser pais* X *ser não-pais* e é localizada pelo determinante *os*, artigo que opera a extração de *pais* em relação a outras possibilidades enunciativas com elementos que permitem ter como predicado *chegar*. A marca número-plural -s que aparece em *pais* não generaliza o nome, apenas denota segundo a experiência de mundo, que se trata do pai e da mãe do S_2 da léxis B. O pronome *ele*, que imbrica em si a determinação, indica a não-

³⁴ - Segundo Culioli, a léxis tem os lugares vazios (a r b) que serão ocupados por noções a serem predicadas por P/P'. No caso do enunciado: "ser bola", "ser não-bola", que, após a eleição pelo sujeito enunciador, torna-se argumento.

igualdade entre o sujeito enunciador e o sujeito do enunciado. Os predicados das léxis A e B são modalizados a partir das operações:

chegar X não chegar

sair X não sair

Se eliminarmos a determinação *os* de *pais* da léxis A, como em:

Quando pais chegaram, ele saiu.

teremos na léxis A uma varredura e a ocorrência *pais* passará, então, a localizar-se nessa operação; por isso, a noção é que *pais* não é do sujeito do enunciado da léxis B, mas quaisquer *pais*.

O enunciado (14) é organizado a partir do esquema primitivo:

(eu) chegar (eu) r todos ter sair (todos)

A

B

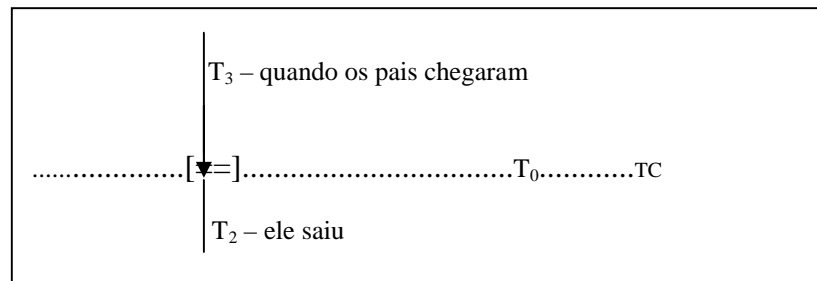
e tem como origem (ξ_0) e objetivos (ξ_1) da léxis A o pronome *eu* recuperado pelo contexto. A léxis B tem como origem (ξ_0) e objetivos (ξ_1) *todos*. Os predicados (π) das duas léxis são, respectivamente, *chegar* e *ter*.

O pronome *eu* já foi analisado em outros enunciados como o (1) e (2). A origem da léxis B *todos* é um pronome marcado pelo número plural e predicado pelas operações Qnt/Qlt *ser todos X ser não-todos*. A marca de número -s (plural) opera uma varredura enunciativa no seu domínio nocional, localizando-se nessa operação a ocorrência. *Saído*, nominalização de *sair*, é um qualificador que resulta da ação praticada por *todos*. Os predicados das léxis A e B são modalizados a partir das operações:

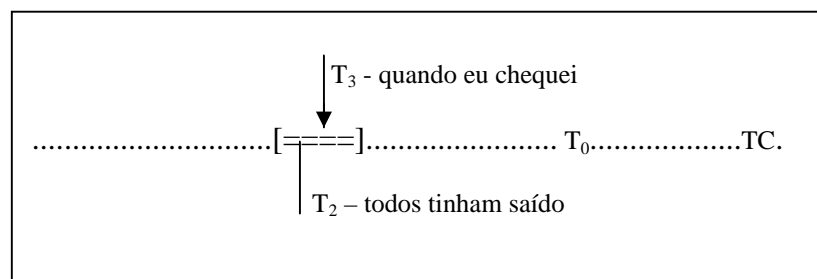
chegar X não-chegar

ter (sair) X não-ter (sair)

Os dois enunciados (13) e (14) têm uma modalidade *assertiva*. A inserção da ocorrência *quando* em (13) marca o instante em que o fim do acontecimento A pontua o acontecimento B. Portanto, B é posterior a A, mas tanto A como B são anteriores a T_0 , como se pode representar no quadro seguinte:



A inserção da ocorrência *quando* em (14) marca o momento em que o início do acontecimento A pontua o fim do acontecimento B. Portanto, B é anterior a A, mas tanto A como B são anteriores a T_0 , como representamos no quadro seguinte:



Quando em (13) cria uma projeção que moldura um intervalo de tempo determinado no passado, de aspecto acabado *pontual conclusivo*, no qual o

acontecimento A ocorre em um espaço de tempo e o seu ponto final marca o instante, no espaço-tempo, do acontecimento B. Tanto que poderíamos parafrasear o *quando* com *logo que*:

13a - Logo que os pais chegaram, ele saiu.

Em (14), porém, a marca *quando* cria uma projeção de um intervalo de tempo determinado no passado, de aspecto acabado *pontual cessativo*, no qual o acontecimento A inicia sua ocorrência em um espaço de tempo marcado pela constatação do acontecimento B finalizado. Portanto, poderíamos parafrasear o *quando* com *no momento em que*:

14a - No momento em que cheguei, todos tinham saído.

Em (13), sob o aspecto empírico, poderíamos acenar para uma concomitância entre A e B, mas o aspecto acabado de *chegaram* não assegura essa possibilidade, a menos que tivéssemos *estavam chegando*.

13b – Quando os pais estavam chegando, ele saiu.

Ao retirarmos a marca *quando* dos enunciados:

13c - Os pais chegaram, ele saiu.

14b - Cheguei, todos tinham saído.

as léxis A e B tornar-se-ão independentes uma da outra no plano sintático, pois nem os sujeitos do enunciado (origem) nem os objetivos são comuns entre elas. No entanto, os enunciados parecem carecer de uma outra marca temporal, já que em (13c) a *chegada dos pais* é a origem referencial no espaço-tempo para a

saída e em (14b) *a saída de todos* é o ponto de referência para o acontecimento *minha chegada*.

Podemos, também, constatar em (13c) e (14b) que, por S_2 ser diferente de A para B, os acontecimentos A necessariamente não implicam os acontecimentos B nem são implicados por eles. No entanto, a ocorrência *chegar* faz parte de um mesmo domínio nocional que *sair* seu complementar. Essa presença de P/ não-P vai, de certa forma, implicar a relação semântica entre as léxis.

O enunciado:

15 – quando sentei, a aula começou.

(A)

(B)

é organizado a partir do esquema primitivo:

(eu) sentar(eu) r aula começar (aula)

A

B

e tem, também, como origem (ξ_0) e objetivo (ξ_1) da léxis A, o pronome *eu* recuperado pelo contexto. A léxis B tem como origem (ξ_0) e objetivo (ξ_1) *aula*. Os predicados (π) das duas léxis são, respectivamente, *sentar* e *começar*.

O pronome *eu* já foi analisado nos enunciados (1) e (2). *Aula*, origem e objetivo de B, é predicada pelas operações Qnt/Qlt *ser aula X ser não-aula* e localizada pelo determinante *a*, artigo que opera a extração de *aula* em relação a outras

possibilidades enunciativas predicáveis por *começar*. Os predicados das léxis A e B são modalizados a partir das operações:

sentar X não sentar

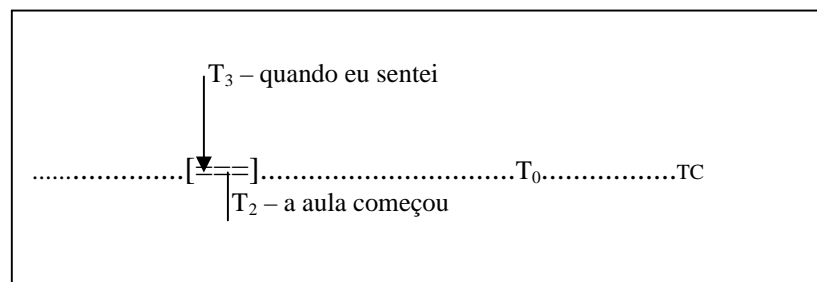
começar X não começar

Se eliminarmos a determinação *a* de *aula*, na léxis B, como em:

Quando sentei aula começou.

teremos na léxis B uma operação de varredura e, por isso, não fica claro se o *eu* sujeito estava na *aula* começada. A noção é a de que, sem a determinação, cria-se um distanciamento entre o *eu sentar* e a ocorrência da léxis B *aula começar*.

A inserção da ocorrência *quando* marca o momento em que o acontecimento A pontua o início do acontecimento B; portanto, B é posterior a A, mas tanto A como B são anteriores a T_0 , como representamos no quadro seguinte:



A marca *quando*, nesse enunciado, cria uma projeção pontuando um intervalo de tempo determinado no passado, de aspecto acabado *pontual inceptivo*, em que o fim do acontecimento A é o ponto inicial da trajetória no espaço-tempo do acontecimento B. Tanto que poderíamos parafrasear o *quando* com *assim que*:

15a - Assim que sentei, a aula começou.

Em (15a) o mesmo tempo verbal das léxis A e B poderia acenar para uma concomitância entre A e B, mas a ordem das léxis sugere uma sucessão dos acontecimentos. Se mudássemos a marca *quando* de léxis, como em:

15b - Eu sentei, quando a aula começou.

teríamos, igualmente, a ocorrência de acontecimentos sucessivos, em que o início da aula pontuaria o instante inicial do intervalo temporal do acontecimento *eu sentar*.

Ao retirarmos a marca *quando* do enunciado (15), as léxis A e B tornar-se-ão independentes uma da outra no plano sintático, estabelecendo apenas uma sucessão de acontecimentos.

15c - sentei, a aula começou.

Na léxis A ocorre $S_2 = S_0$. Essa igualdade sugere a presença de *eu* no ambiente onde ocorre a *aula* S_2 da léxis B. O acontecimento A necessariamente não implica o acontecimento B nem é implicado por ele. No entanto, a referência temporal que A exerce para B em (15c) cria uma interação entre as léxis no espaço-tempo, de forma tal que a parataxe sintática entre elas se torna uma hipotaxe semântica.

O enunciado:

16 – Quando deram seis horas, terminei a tarefa.

(A)

(B)

é organizado a partir do esquema primitivo:

dar horas r (eu) terminar tarefa

A

B

e tem na léxis A como origem (ξ_0) e objetivo (ξ_1) *horas* e como predicado (π) *dar*. A léxis B tem como origem (ξ_0) o pronome *eu* recuperado pelo contexto, como objetivo (ξ_1) *tarefa* e predicado (π) *terminar*.

Horas e *tarefa* são predicadas pelas operações Qnt/Qty *ser horas X ser não-horas*, *ser tarefa X ser não-tarefa* e localizadas, respectivamente, pelos determinantes *seis*, numeral, e *a*, artigo, que operam a extração de *horas* e de *tarefa* em relação a outras possibilidades enunciativas de elementos predicáveis por *dar* e *terminar*. A origem da léxis B *eu* já foi analisada nos enunciados (1) e (2). Os predicados das léxis A e B são modalizados a partir das operações:

dar X não dar

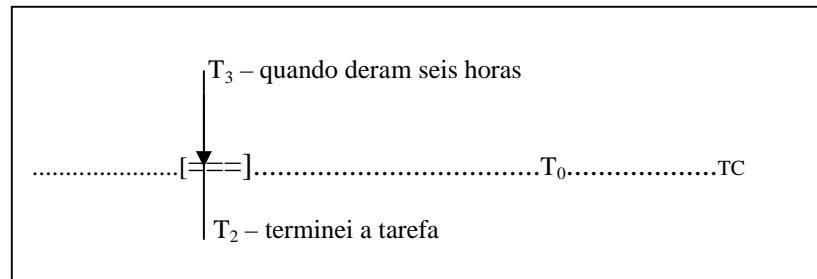
terminar X não terminar

Se eliminarmos a determinação *seis* de *horas* na léxis A e *a* de *tarefa* na léxis B, como em:

Quando deram horas, terminei tarefa.

Teremos, tanto na léxis A como na B, uma varredura e, por isso, *fica* indeterminada a ocasião em que se terminou a tarefa; já com *tarefa*, sem a determinação, cria-se um distanciamento entre o *eu* e a ocorrência. A noção é que *tarefa* não tem um referente que favoreça a regulação dos enunciadores; parece ser uma *tarefa* qualquer.

A inserção da ocorrência *quando* marca o momento em que o acontecimento A pontua o fim do acontecimento B. Portanto, B é concomitante ou posterior a A, mas tanto A como B são anteriores a T_0 , como representamos no quadro:



A marca *quando*, nesse enunciado, cria uma projeção pontuando um intervalo de tempo determinado no passado, de *aspecto acabado pontual conclusivo*, em que o instante do acontecimento A é o ponto inicial de percurso no tempo e no espaço da realização do acontecimento B. Dessa forma, poderíamos parafrasear o *quando* por *assim que*:

16a - Assim que deram seis horas, terminei a tarefa.

Em (16a) a identidade no tempo verbal entre as léxis A e B e a marca temporal pontual *seis horas* na léxis A permitem, também, inferir uma possível concomitância entre A e B. Porém, se de um lado, a ordem das léxis sugere uma sucessão dos acontecimentos (pode-se entender que *só terminei depois que deram seis horas*), de outro, a marca *seis horas* insere uma noção de tempo cronológico que dá uma abertura também para a possível simultaneidade dos acontecimentos *terminei a tarefa exatamente seis horas*. Temos, então, uma ambigüidade. Se mudássemos a marca *quando* de léxis, como em:

16b - Deram seis horas, quando terminei a tarefa.

não teríamos margem para admitir uma sucessividade de fatos, somente uma concomitância, já que a marca *seis horas* pontuaria o exato fim de um acontecimento, *término da tarefa*, que era feita em um intervalo de tempo anterior a *seis horas*.

Ao retirarmos a marca *quando* do enunciado:

16c - Deram seis horas, terminei a tarefa.

as léxis A e B mantêm a relação de tempo e estabelecem apenas essa relação, pois a léxis A é, em si, uma marca origem da referência temporal. Por isso, no enunciado ocorre $T_2 \neq T_0$.

O enunciado:

17 - Quando o telefone tocou, mamãe estava fazendo almoço.

(A)

(B)

é organizado a partir do esquema primitivo:

telefone tocar telefone r mamãe estar fazer almoço

A

B

tem como origem (ξ_0) e objetivo (ξ_1) da léxis A o nome *telefone* e o predicado (π) *tocar*. A léxis B tem como origem (ξ_0) *mamãe*, como objetivo (ξ_1) *almoço* e predicado (π) *(estar) fazer*.

Telefone é predicado pelas operações Qnt/Qlt *ser telefone X ser não-telefone* e é localizado pelo determinante *o*, artigo que opera a extração de *telefone* em

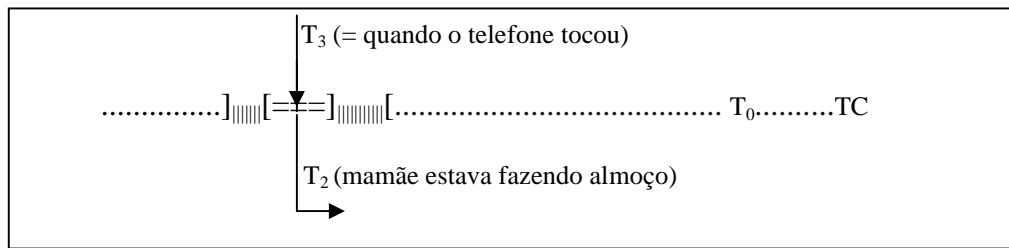
relação a outras possibilidades enunciativas predicáveis por *tocar*. A origem da léxis B *mamãe* é um nome personalizado pelo sujeito enunciador que estabelece nessa qualificação a noção de intimidade, atribuindo ao *ser-mãe X ser não-mãe* a propriedade de ser mãe do enunciador; por isso, a ocorrência *mamãe* é extraída em relação às mães. Quanto ao objetivo *almoço*, é um nome predicado pelas operações Qnt/Qty *ser almoço X ser não-almoço* que, associado ao predicado *fazer*, insere uma noção de tempo. Essa noção de momento, de instantes, estabiliza a ocorrência. Os predicados das léxis A e B são modalizados a partir das operações:

tocar X não tocar

estar fazer X não estar fazer

Na léxis B, ocorrem dois tempos devido à presença de uma dupla predicação. Dessa forma, a léxis B fica complexa <mamãe, estar, fazendo almoço>, em que *mamãe* é um argumento nominal; *fazendo almoço* é um argumento proposicional e *estar* é o predicado. O enunciado tem uma modalidade *assertiva*.

Nesse enunciado, o tempo lingüístico da léxis A é de anterioridade em relação ao momento da enunciação e o da léxis B retrata um momento atualizado pela léxis A, ou seja, é concomitante ao da léxis A. Portanto, tem-se uma sobreposição de tempos formando um acontecimento anterior ao tempo de enunciação, pois *estar*, ao assumir o estatuto de predicado, remete o acontecimento para o passado. Essa organização temporal do enunciado pode ser representada no seguinte gráfico:



A marca *quando* cria uma projeção temporal e funciona em um domínio aspecto-temporal no qual ela é o intervalo que marca o ponto inicial e final de um acontecimento com valor inceptivo, pontuando um recorte fechado no tempo da ocorrência representada pela léxis B, que tem um valor aspectual durativo cursivo. Essa marca poderia ser parafraseada por *no momento em que*, como em:

17a – No momento em que o telefone tocou, mamãe estava fazendo almoço.

Dessa forma, o *quando* estabiliza uma noção em um domínio aspecto-temporal em determinado intervalo de tempo (tempo exato do toque do telefone). Essa marca lingüística influencia o enunciado e é influenciada por outras marcas dele no contexto em que o sujeito enunciadador a insere. Devido a isso, mesmo havendo o tempo presente no argumento proposicional da léxis B, percebemos que há simultaneidade temporal de A e B no passado. Se mudarmos a ordem das léxis, ou a posição da marca no enunciado, como em:

17b₁ – Mamãe estava fazendo almoço quando o telefone tocou.

17b₂ – Quando mamãe estava fazendo almoço, o telefone tocou,

o *quando* poderá ser parafraseado por *enquanto*, como em:

17b₃ – Mamãe estava fazendo almoço, enquanto o telefone tocou.

17b₄ – Enquanto mamãe estava fazendo almoço, o telefone tocou.

Em (17b₃) *enquanto* sugere um toque mais duradouro do telefone. Ainda assim as paráfrases (17b₃) e (17b₄) confirmam a noção de simultaneidade entre os acontecimentos das léxis A e B.

Conforme afirmamos, vimos no enunciado (17) que *quando + o tempo verbal presente* têm um aspecto inceptivo com o intervalo recortado por *quando*, que marca o instante do acontecimento. No entanto, se retirarmos tal marca, como em:

17c – O telefone tocou, mamãe estava fazendo almoço.

teremos esse instante representado por um intervalo, e o caráter inceptivo se manterá, mesmo sem a marca que cria a projeção de uma léxis em outra. Isso acontece devido ao tempo predicado pela léxis A, que tem essa pontualidade na flexão do tocar.

O enunciado:

18 – Quando Leonardo quebrou o copo, cortou a mão.

(A)

(B)

é organizado a partir do esquema primitivo:

Leonardo quebrar copo r (Leonardo) cortar mão

A

B

e tem como origem (ξ_0) da léxis A *Leonardo*, como objetivo (ξ_1) *copo* e como predicado (π) *quebrar*. A léxis B tem também como origem (ξ_0) *Leonardo*, recuperado pelo contexto, como objetivo (ξ_1) *mão* e predicado (π) *cortar*.

Leonardo origem das léxis A e B designa um único objeto identificado, pertencente à classe dos objetos do universo de referência pressuposta pragmaticamente. É predicado pelas operações Qnt/Qlt e extraído em relação a outras possibilidades enunciativas de nomes predicáveis por *quebrar copo* e *cortar a mão*. Os objetivos das léxis A e B, *copo* e *mão*, resultam de operações predicativas Qnt/Qlt, respectivamente, *ser copo X ser não-copo* e *ser mão X ser não-mão*. Eles são localizados pelos determinantes *o* e *a*, artigos que operam a extração. Os predicados das léxis A e B são modalizados a partir das operações:

quebrar X não quebrar

cortar X não cortar

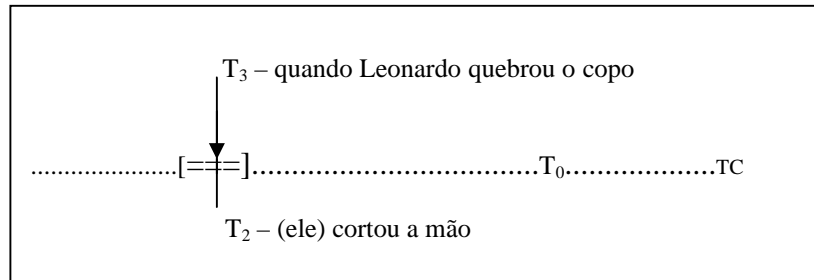
e tem uma modalidade *assertiva*.

Se eliminarmos a determinação *o* de *copo* na léxis A e *a* de *mão* na léxis B, como em:

18a - Quando Leonardo quebrou o copo, cortou mão.

teremos tanto na léxis A como na B uma varredura e, por isso, *fica* a noção de que Leonardo quebrou qualquer *copo* e cortou uma *mão* que não era, necessariamente, a sua, parecendo ser, também, uma *mão* qualquer.

A presença de *quando* marca o momento em que o acontecimento A pontua o acontecimento B, portanto B é posterior a A, mas tanto A como B são anteriores a T_0 , como representamos no quadro seguinte:



A marca *quando*, nesse enunciado, cria uma projeção pontuando um intervalo de tempo determinado no passado, de *aspecto acabado pontual conclusivo*, em que o instante do acontecimento A é o ponto inicial de percurso no tempo e no espaço da realização do acontecimento B. Por isso, poderíamos parafrasear o *quando* com *no momento em que*:

18b – No momento em que Leonardo quebrou o copo, cortou a mão.

Nesse enunciado, há uma identidade no tempo verbal e igualdade de sujeitos (S_2) entre as léxis A e B que permitem, também, inferir uma possível concomitância entre o acontecimento de A e o de B. Se mudássemos a marca *quando* de léxis, como em:

18c – Leonardo quebrou o copo quando cortou a mão.

não teríamos margem para admitir uma sucessividade de acontecimentos, mas apenas uma concomitância, já que *quebrar o copo* não é mais a razão de *cortar*

a *mão*, pois o sujeito poderia ter cortado a mão com um outro instrumento e, simultaneamente, quebrar o copo, por exemplo, deixá-lo cair.

Ao retirarmos a marca *quando* do enunciado, como em:

18d - Leonardo quebrou o copo, cortou a mão.

as léxis A e B manterão a relação de *temporalidade* mais atenuada e uma relação de *causalidade*³⁵ ficará mais evidente.

Em:

19 - Nossa data maior era o quando.

o enunciado é composto apenas de uma léxis e organizado a partir do esquema primitivo:

data ser quando

A origem (ξ_0) da léxis é *data*, o objetivo (ξ_1) é *quando* e o predicado (π) é *ser*.

Data é predicada pelas operações Qnt/Qlt *ser data X ser não-data* e localizada pelo determinante *nossa*, pronome qualificador, que opera a extração de *data* e cria uma aproximação entre o sujeito enunciador e o sujeito do enunciado, denotando qualitativamente uma posse: o sujeito do enunciado é qualquer coisa pertencente ao sujeito enunciador. *Data* ainda é determinada pelo qualificador *maior*, que cria para a ocorrência um domínio nocional de grandeza, expressividade em relação a outras *datas*. O objetivo *quando* é predicado pelas

³⁵ - Trataremos dessas possíveis relações suplementares no capítulo III deste trabalho.

operações Qnt/Qty *ser quando X ser não-quando* e é localizado pela marca lingüística *o*, artigo que opera a extração de *quando* em relação a outras possibilidades que permitiriam delimitar um intervalo para *data*, predicado por *ser*. O predicado da léxis é modalizado a partir das operações:

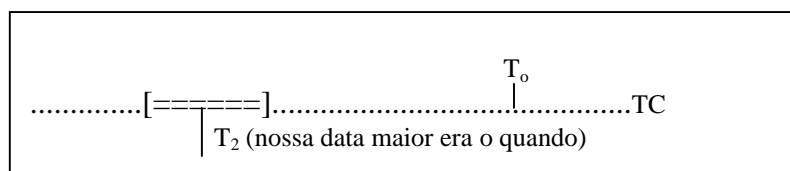
ser X não ser

Se eliminarmos as determinações *nossa* e *maior* de *data* e *o* de *quando*, como em:

19a - Data era quando.

teremos na léxis uma varredura que torna a origem *data* uma *data* qualquer indeterminada por *quando*, formando um questionamento de qual seria a noção que representa um intervalo temporal.

O enunciado tem uma modalidade *assertiva*, o sujeito enunciador é diferente do sujeito do enunciado e o aspecto tem a noção de *acabado*. Acabado porque os intervalos que formavam tal extensão temporal do acontecimento foram situados no passado em relação ao tempo de enunciação, como podemos observar no gráfico:



A ocorrência *quando*, nesse enunciado, não marca um intervalo de tempo, tal marca é nominalizada. Ela aparece determinada pelo artigo, é passível de ser

pluralizada e designa algo, pois apresenta as mesmas propriedades dos objetos que nomeiam aquilo que pode caracterizar ou qualificar uma *data maior*.

O enunciado:

20 – O quando mandava em nós.

é composto de uma léxis e organizado a partir do esquema primitivo:

Quando mandar nós

e tem como origem (ξ_0) *quando*, como objetivo (ξ_1) *nós* e como predicado (π) *mandar*.

O objetivo *quando*, cuja ocorrência é personificada devido à ação do sujeito, é predicado pelas operações Qnt/Qlt *ser quando X ser não-quando* e é localizado pela marca lingüística *o*, artigo que opera a extração de *quando* em relação a outros elementos cujas propriedades são predicáveis por *mandar*. O pronome *nós*, objetivo da léxis, conforme vimos em outros enunciados, imbrica em si a determinação e indica uma igualdade entre sujeito do enunciado e o enunciador.

O predicado da léxis é modalizado a partir das operações:

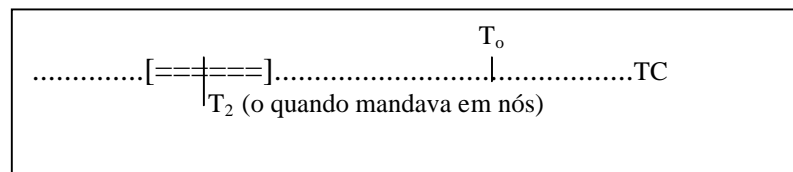
mandar X não mandar

Se eliminarmos a determinação *o* de *quando*, como em:

20a - Quando mandava em nós.

teremos na léxis a noção de uma interrogativa ou uma asserção que responde a um questionamento, concernente à ocasião em que um evento *mandar em nós* aconteceu.

O enunciado tem uma modalidade assertiva, um sujeito enunciador diferente do sujeito do enunciado e uma aspectualidade com a noção de *acabado*. Acabado porque os intervalos que formavam tal extensão temporal do acontecimento foram situados no passado em relação ao instante da enunciação, assim representados:



A presença de *quando*, nesse enunciado, não marca um intervalo de tempo, é nominalizada. É um nominal porque aparece determinado pelo artigo, é passível de ser pluralizado e designa, encarando-o como um objeto nomeável, a propriedade comum aos objetos acerca dos quais é possível afirmar que nomeiam aquilo que se pode personalizar para ser o sujeito do enunciado e praticar a ação de *mandar*.

O enunciado:

21 – Eu tive a lembrança de quando você caiu.

(A)

(B)

é composto de duas léxis e organizado a partir do esquema primitivo:

eu ter lembrança r você cair (você)

B A

e tem como origem (ξ_0) da léxis B o pronome *eu* e como objetivo (ξ_1) *lembrança*, a léxis A tem como origem (ξ_0) e objetivo (ξ_1) *você*; os predicados (π) das duas léxis são, respectivamente, *ter* e *cair*.

O pronome *eu* indica uma igualdade entre o sujeito enunciador e o sujeito do enunciado. O objetivo *lembrança* é predicado pelas operações Qnt/Qlt *ser lembrança X ser não-lembrança* e é localizado pelo determinante *a*, artigo que opera a extração de *lembrança* em relação a outras possibilidades enunciativas de elementos cujas propriedades permitem ser predicadas por *ter*, como: saudade, visão, informação, etc. A origem e objetivo da léxis A *você* é um pronome que indica uma igualdade entre o sujeito do enunciado e o sujeito co-enunciador. Os predicados das léxis B e A são modalizados a partir das operações:

ter X não ter

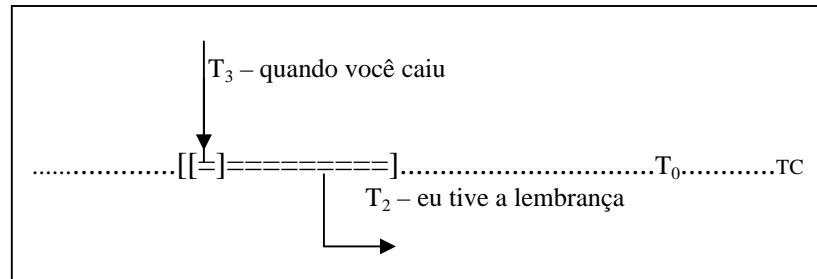
cair X não cair

Se eliminarmos a determinação *a* de *lembrança*, na léxis B, como em:

Eu tive lembrança de quando você caiu.

teremos na léxis B uma varredura, e a ocorrência *lembrança* passa, então, a localizar-se nessa operação. Por isso, a noção é que *lembrança* não é apenas um acontecimento pontual, mas alguma ação que apresenta uma extensão maior no espaço e no tempo.

O enunciado tem uma modalidade *assertiva*. A inserção da ocorrência *quando* em A marca um acontecimento pontual ocorrido no passado retomado pelo acontecimento B. Portanto, A é anterior a B, mas tanto A como B são anteriores a T_0 , como se pode representar no quadro seguinte:



A marca *Quando* em (21) cria uma projeção que moldura um intervalo de tempo determinado no passado, de aspecto acabado *pontual conclusivo*, no qual o acontecimento A ocorreu em um espaço de tempo pontual com início e fim. O acontecimento B ocorreu em um intervalo de tempo aberto, impulsionado pelo acontecimento A. Tanto que poderíamos parafrasear o *quando* com *o momento em que*:

21a - Eu tive a lembrança do momento em que você caiu.

Em (21), poderíamos admitir ainda que o acontecimento A estivesse inserido no complemento B, pois o intervalo de tempo de B transcorre durante a retomada nocional de A, assim o acontecimento B *você caiu* pode ser visto como objeto da *lembrança*.

O enunciado:

22 - Quando da sua queda todos ficaram comovidos.

(A)

(B)

tem a léxis A apagada; se a recuperarmos, poderemos admitir que o enunciado é organizado a partir do esquema primitivo:

(você quedar você) sua queda r todos ficar comovidos

A

B

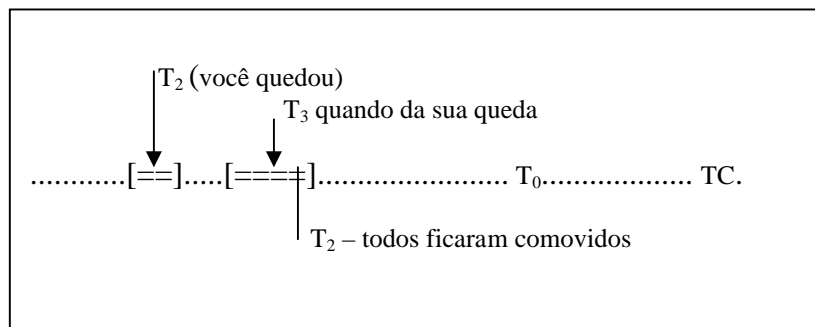
A léxis A tem como origem e objetivo (ξ_1) o pronome *você*. A léxis B tem como origem (ξ_0) *todos* e como objetivo (ξ_1) *comovidos*. Os predicados (π) das duas léxis são, respectivamente, *quedar* e *ficar*.

O pronome *você*, conforme analisado, indica uma igualdade do sujeito co-enunciador com o sujeito do enunciado. Ele pode ser recuperado pelo contexto por meio de *sua*, determinante de *queda*. *Queda* é uma forma nominalizada do predicado *quedar*, portanto, *sua queda* opera a flechagem da léxis A *você quedou você*, que está subentendida no enunciado. *Queda* é predicada pelas operações Qnt/Qlt *ser queda X ser não-queda* e determinada, como já dissemos, pelo a, artigo, e por *sua*, pronome, que operam a extração. A origem da léxis B *todos* é um pronome marcado pelo número plural. Ele é predicado pelas operações Qnt/Qlt *ser todos X ser não-todos*. O *todos* tem a marca de número -s (plural), que opera uma varredura enunciativa no seu domínio nocional, localizando-se nessa operação a ocorrência. Já o objetivo da léxis B *comovidos* é a predicação *comover* nominalizada, que funciona como um qualificador, indicando a situação em que se encontravam *todos*. Os predicados das léxis A e B são modalizados a partir das operações:

quedar X não-quedar

ficar X não-ficar

Esse enunciado tem uma modalidade *assertiva*. A inserção da ocorrência *quando* remete de forma pontual ao momento em que se deu o acontecimento da léxis A, o qual pontua o início do acontecimento B. Portanto, A é anterior a B, mas tanto A como B são anteriores a T_0 , como representamos no quadro seguinte:



Nesse enunciado, a marca *quando* cria uma projeção de um intervalo de tempo determinado no passado, de aspecto acabado *pontual cessativo*, pontuando um acontecimento finalizado em um intervalo de tempo com início e fim. Portanto, poderíamos parafrasear o *quando* por *no momento*:

22a - No momento da sua queda, todos ficaram comovidos.

Sob o aspecto empírico, podemos admitir ainda que o acontecimento B é posterior a A, pois, sem a queda, não teríamos a comoção; portanto, a comoção de todos vem após a queda.

2.2.3 Quando + tempo futuro

Os enunciados:

23 - Quando eu crescer, vou ser atleta.

(A) (B)

24 - Quando eu sair, compro o cigarro.

(A) (B)

são organizados por mais de uma léxis. No enunciado (23), o esquema primitivo é:

eu crescer (eu) r (eu) ir ser atleta

A B

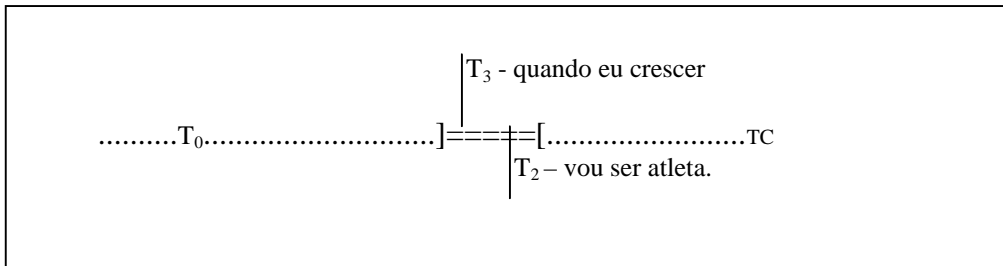
e tem como origem (ξ_0) e objetivo (ξ_1) da léxis A o pronome *eu* e como predicado (π) *crescer*. A léxis B tem como origem (ξ_0) *eu*, recuperado pelo contexto, como objetivo (ξ_1) *atleta* e predicado (π) *ser*.

O pronome *eu*, nas léxis A e B, já foi analisado no enunciado (1). O objetivo *atleta* da léxis B é predicado pelas operações Qnt/Qt *ser atleta X ser não-atleta* que operam a varredura de *atleta* em relação a outras possibilidades enunciativas que poderiam predicar qualitativamente o *eu*. Os predicados das léxis A e B são modalizados a partir das operações:

crescer X não crescer

(vou) ser X não (vou) ser

Essa modalização do verbo, com o auxiliar *ir*, projeta o *ser* para o tempo futuro, conforme podemos constatar neste quadro:



O enunciado (24) é organizado a partir do esquema primitivo:

eu sair (eu) r (eu) comprar cigarro

A

B

e tem como origem (ξ_0) das léxis A e B e objetivo (ξ_1) da léxis A o pronome *eu*, recuperado pelo contexto; o objetivo (ξ_1) da léxis B é *cigarro*. O predicado (π) da léxis A é *sair* e o da léxis B é *comprar*.

O pronome *eu* já foi analisado nos enunciados (1) e (2). *Cigarro* é predicado pelas operações Qnt/Qlt *ser cigarro X ser não-cigarro* e é localizado pelo determinante *o*, artigo que opera a extração de *cigarro* em relação a elementos cujas propriedades permitem ser predicados por *comprar*. Os predicados das léxis A e B são modalizados a partir das operações:

sair X não sair

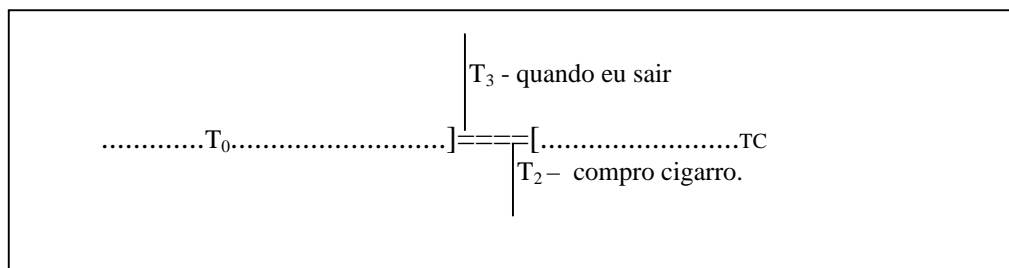
comprar X não comprar

Se eliminarmos a determinação *o* de *cigarro*, na léxis B, como em:

24a - Quando eu sair, compro cigarro.

teremos na léxis B uma varredura e, por isso, ficam indeterminadas a marca a ser comprada e a quantidade de *cigarros*, se é especificamente um cigarro ou qualquer *cigarro* e, até mesmo, vários *cigarros*, pois *o cigarro* aproxima-se do sujeito e denota que este conhece o objeto da *compra*; no entanto, sem a determinação o sujeito fica distanciado de tal objeto de compra.

Os dois enunciados, (23) e (24), têm $S_2 = S_0$ e uma modalização que conjuga o *possível* na léxis A com o *provável* da B. O tempo enunciativo é situado no futuro, em que o acontecimento B é posterior à realização do acontecimento representado por A. O enunciado (24) pode ser representado conforme o quadro seguinte:



A marca *quando* cria uma projeção temporal e funciona em um domínio aspecto temporal hipotético-progressivo, esboçando o acontecimento em um tempo-espaço ainda por vir, validado pela noção.

A ocorrência de *quando* influencia os enunciados e é influenciada por outras marcas deles. Portanto, o seu papel, nessas ocorrências, é formatar na léxis A, por meio do sujeito enunciativo, um intervalo que é moldado pelas modalizações possíveis na enunciação. No caso, uma possibilidade presa a uma relação de

condicionalidade. Devido a isso, mesmo sabendo que o S_2 é possível *crescer*, em (23), a realização desse acontecimento depende da trajetória progressiva no tempo, evocando, assim, uma outra relação inter-léxis, suplementar à de temporalidade.

No enunciado (24), a projeção no tempo-espaco das ocorrências representadas pelas léxis A e B ancora, também, em um aspecto freqüentativo, que se apreende com base no enunciado, pois a possibilidade do *comprar* se deve à habitualidade do enunciador *sair* e comprar *cigarro*, como se vê em:

24b – Sempre saio e compro cigarro.

O enunciado:

25 – Quando eu completar 18 anos, vendo a casa.

(A)

(B)

é organizado a partir do esquema primitivo:

eu completar anos r (eu) vender casa

A

B

e tem, como origem (ξ_0) das léxis A e B, o pronome *eu*, na léxis B, recuperado pelo contexto por meio da marca número pessoal *-o*, o objetivo (ξ_1) da léxis A é *anos* e da léxis B é *casa*. O predicado (π) da léxis A é *completar* e o da léxis B é *vender*.

O pronome *eu* já analisamos no enunciado (1). O objetivo *anos* é um qualificador que se relaciona a *eu*, predicado pelas operações Qnt/Qlt *ser anos X ser não-anos* localizado pelo determinante numeral *18*, que opera a extração em relação a outras quantidades possíveis de completar. O objetivo *casa* é predicado pelas operações Qnt/Qlt *ser casa X ser não-casa* e é localizado pelo determinante *a*, artigo que opera a extração de *casa* em relação a outras possibilidades enunciativas de elementos predicáveis por *vender*. Os predicados das léxis A e B são modalizados a partir das operações:

completar X não-completar

vender X não-vender

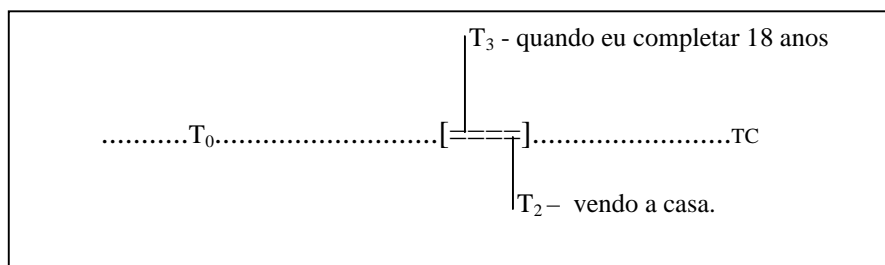
Se eliminarmos a determinação *18* de *anos* e *a* de *casa*, respectivamente, das léxis A e B, como em:

25a - Quando eu completar anos, vendo casa.

teremos nas léxis A e B uma varredura. Na léxis A *quando completar anos*, a noção é a de que *anos completados* se refere à idade de um outro evento, como a morte do pai, da mãe, etc., e não a própria idade do sujeito. Na léxis B, fica a noção de que se *venderá casa*, ou seja, o objeto da venda deixa de ser a própria casa e sim outras casas, como ocorre, por exemplo, na profissão de corretor de imóveis.

Nesse enunciado, tem-se $S_2 = S_0$ e verifica-se uma modalização que conjuga o *possível* na léxis A com a *certeza* da léxis B. O tempo enunciativo configura-se situado no futuro, mas B ocorre em um tempo posterior à realização do

acontecimento representado por A, porque temos um presente deslocado para o futuro. Isso pode ser representado conforme o quadro seguinte:



A marca *quando* cria uma projeção temporal e funciona em um domínio aspecto-temporal *hipotético-progressivo* em que projeta o acontecimento em um tempo-espaço, que tem o término do intervalo marcado pontualmente pela marca temporal *18 anos*.

A ocorrência *quando* influencia o enunciado e é delimitado por outra marca *18 anos*. Portanto, o seu papel, nessa ocorrência, é formatar, na lexis A, por meio do sujeito enunciador, um intervalo que é moldado pela enunciação. No caso, uma possibilidade real representada pela marca temporal *18 anos*, que é sustentada por uma relação de *condicionalidade*. Devido a isso, mesmo sabendo que o S₂ é possível percorrer o tempo cronológico e realizar o acontecimento completar *18 anos*, a outra relação inter-léxis, suplementar à de temporalidade, é evocada, pois o acontecimento de B está condicionado à realização de A.

No enunciado (25), a projeção no espaço de tempo das ocorrências representadas pelas léxis A e B ancora-se também em um aspecto cursivo, já que a realização de A ainda é um concluído nocional e a de B, sucessiva à de A, não

tem indício de pontualidade; é um acontecimento baseado na hipótese. Ainda que alterássemos a predicação de *vender* para *venderei*, como em:

25b – Quando eu completar 18 anos, venderei a casa.

não pontuaríamos uma demarcação no tempo-espço para o evento representado pela léxis B, pois a sua natureza de um acontecimento hipotético permaneceria inalterada.

Observando os enunciados sem a marca *quando*:

23a – Eu crescer, vou ser atleta.

24c - Eu sair, compro cigarro.

25c – Eu completar 18 anos, vendo a casa.

constatamos que, diferentemente de enunciados com *quando + tempo presente* e *quando + tempo passado*, os enunciados com *quando + tempo futuro* não podem ter a marca *quando* retirada, pois, sem ela, o enunciado torna-se agramatical.

O enunciado:

26 – Não sei até quando o dinheiro vai durar.

(A)

(B)

é organizado a partir do esquema primitivo:

(eu) saber quando r dinheiro (ir) durar (dinheiro)

A

B

e tem como origem (ξ_0) da léxis A o pronome *eu* recuperado pelo contexto, o objetivo (ξ_1) é *quando* e o predicado (π) é *saber*. A léxis B tem como origem (ξ_0) e objetivo (ξ_1) *dinheiro* e como predicado (π) *durar*.

O pronome *eu*, já analisado em enunciados anteriores, imbrica em si a determinação e iguala o sujeito enunciador com o sujeito do enunciado. O objetivo *quando* é predicado pelas operações Qnt/Qty *ser quando X ser não-quando* e é localizado pela marca lingüística *até* que abre um intervalo temporal indeterminado por *quando* e pela negação *não*, em relação a outras possibilidades enunciativas de elementos cujas propriedades permitiriam delimitar um intervalo predicado por *durar*. A origem da léxis B *dinheiro* é predicada pelas operações Qnt/Qty *ser dinheiro X ser não-dinheiro* e é localizada pelo *o*, artigo que opera uma extração em relação a outras possibilidades enunciativas passíveis de serem predicadas por *durar*. Os predicados das léxis A e B são modalizados a partir das operações:

saber X não saber

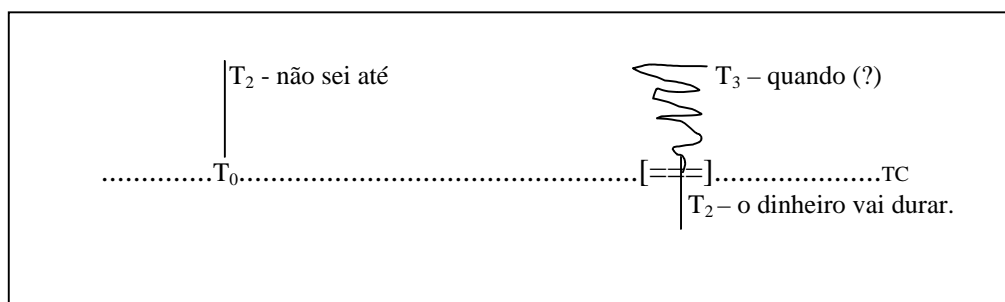
ir durar X não-ir durar

Se eliminarmos *até* determinação de *quando* da léxis A e *o* de *dinheiro* na B, como em:

26a - Não sei quando, dinheiro vai durar.

teremos na léxis A a falta do indicador que acena para a delimitação do fim de intervalo indeterminado; e, na léxis B, a extração que transforma a ocorrência de *dinheiro* como se fosse uma operação típica da fala infantil.

Esse enunciado ainda é organizado com $S_2 = S_0$ na léxis A e uma modalidade apreciativa que envolve a posição do sujeito enunciador ante a um fato. O tempo enunciativo é situado no futuro e tem como ponto de referência o tempo presente. B ocorre em um tempo posterior à realização do acontecimento representado por A onde $T_2 = T_0$. Isso pode ser representado conforme o quadro seguinte:



A ocorrência da marca *quando*, nesse enunciado, é um ponto derradeiro não factual de uma projeção do tempo. Ela funciona, no domínio das modulações aspecto-temporais, como o ponto de indefinição do fim do acontecimento de B. Nesse ponto, a marca enunciativa de tempo presente, imbricada no predicado *não saber* (não-P), estabiliza o início do acontecimento e projeta-o a um ponto infinito. A marca *até*, combinada com uma noção de tempo indeterminada, representada por *quando*, limita esse infinito. Dessa forma, a indeterminação temporal da locução *até quando* afeta o aspecto pontual cessativo da expressão *não sei*.

Os enunciados:

27 – Vais sair quando?

28– Você virá quando?

são compostos apenas de uma léxis. O enunciado (27) é organizado a partir do esquema primitivo:

(tu) Ir sair (tu)

A origem (ξ_0) e objetivo (ξ_1) da léxis é o pronome *tu* recuperado pelo contexto por meio do sufixo marca número pessoal *-s* e o predicado (π) é *sair*.

O pronome *tu* imbrica em si a determinação e indica uma diferença entre o sujeito enunciador e o sujeito do enunciado. Tu é igual ao co-enunciador. O predicado da léxis é modalizado a partir das operações:

Ir sair X não-ir sair

O enunciado (28) é organizado a partir do esquema primitivo:

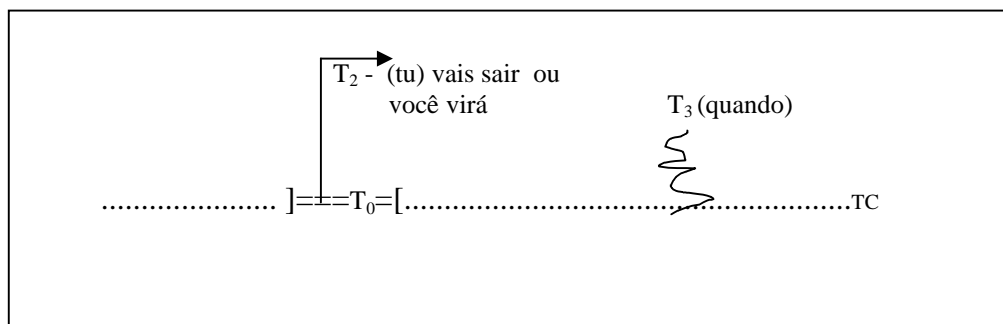
Você vir (você)

A origem (ξ_0) da léxis e o objetivo (ξ_1) é o pronome *você* e o predicado (π) é *vir*.

O pronome *você* indica uma diferença entre o sujeito enunciador e o sujeito do enunciado. Ele é igual ao co-enunciador. O predicado da léxis é modalizado a partir das operações:

vir X não-ir

Os dois enunciados, (27) e (28), têm $S_2 \neq S_0$, com uma modalidade *deôntica* em que o sujeito enunciador pressiona para obter uma determinação para a marca *quando*. O tempo enunciativo é situado no futuro e tem, como ponto de referência, o tempo da enunciação. Portanto, $T_2 \neq T_0$; o acontecimento ainda se vai realizar. Esses enunciados podem ser representados conforme o quadro seguinte:



A ocorrência da marca *quando*, nesses enunciados, é uma projeção temporal sem uma modulação aspectual. Não há um ponto definido para o acontecimento representado no enunciado. A marca de indeterminação do tempo evoca um recorte ou uma moldura por parte do sujeito co-enunciador, e não há nenhuma marca que remeta à definição, como se houvesse uma varredura na coordenada enunciativa temporal, sem apresentar ainda uma ancoragem de um instante projetado no intervalo. A situação enunciativa poderia remeter a uma localização situada em um *agora*, que, contudo, dependeria ainda da validação do co-enunciador.

É possível que as peculiaridades até aqui observadas em todos os enunciados tenham relação com a propriedade de voz, com a estruturação do espaço de referência e com outras operações, que serão nosso objeto de investigação nos próximos capítulos.

Precisamente no capítulo III verificaremos a possibilidade de paráfrases de *quando* por outros conectores inter-léxis, para confirmar se há uma indeterminação inerente à linguagem e uma invariância sustentável das variações. Com base na relação de causalidade, analisaremos a propriedade de voz inter-léxis em cada enunciado. Nesse sentido, verificaremos outras operações enunciativas com a marca *quando*.

CAPÍTULO III

A vida muda como a cor dos frutos
lentamente
e para sempre
A vida como a flor em fruto
velozmente
A vida muda como a água em folhas
o sonho em luz elétrica
a rosa desembrulha do carbono
o pássaro, da boca
mas
quando for tempo
E é tempo todo tempo
mas
não basta um século para fazer a pétala
que um só minuto faz
ou não
mas
a vida muda
a vida muda o morto em multidão.
(Ferreira Gullar)³⁶

3 ANÁLISES DA RELAÇÃO INTER-LÉXIS

Neste capítulo, prosseguindo as análises, pretendemos verificar os enunciados com a marca *quando*, observando no esquema de léxis outras relações além da de tempo. Ainda, com base na relação de causalidade, que permeia sua construção, verificar a propriedade de voz³⁷.

³⁶ - GULLAR, Ferreira. Dentro da noite veloz, VIII. in: **Toda poesia**. 6 ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1997, p.192.

³⁷ - A propriedade de voz só será analisada nos enunciados com mais de uma léxis.

Tradicionalmente a propriedade de voz é estudada em função da ação dos verbos que, segundo a nomenclatura gramatical, têm voz ativa, passiva ou reflexiva³⁸. Entretanto, a perspectiva da nossa investigação segue por outro caminho: a possível causalidade entre as léxis. Portanto, visamos à propriedade de voz na ação ligada ao resultado por meio da combinação das léxis, em função do aspecto, da modalidade e da compatibilidade dos termos representados nas operações de linguagem.

As noções predicadas no item lexical, conforme Culioli (1999 t.3, p. 10), são "[...] propriedades que se organizam umas com relação às outras em função de fatores físicos, culturais, antropológicos [...]"³⁹, assim, a análise com base na relação de causalidade visa a verificar a propriedade de *simetria*⁴⁰, ou seja, se nas léxis quem pratica a ação reúne todas as condições lógicas para tal e se quem recebe a ação tem as propriedades para recebê-la, ou seja, é com base nas experiências ou conhecimento de mundo que se pode analisar a coerência no elo entre causa e consequência. A propriedade de simetria ocorre quando todas as propriedades da esquerda são compatíveis com as da direita.

³⁸ - Ver, por exemplo, Rocha LIMA, p. 123-4.

³⁹ - "[...] propriétés qui s'organisent les unes par rapport aux autres em fonction de facteurs physiques, culturels, anthropologiques [...]"

⁴⁰ - Matematicamente uma figura em uma, duas ou três dimensões é dita simétrica, se ela possui um ente de simetria (ponto, eixo ou plano), de modo que, do outro lado desse ente de simetria, a figura seja semelhante, porém invertida, como se tivesse sido colocada na frente de um espelho. Segundo Camacho (1999, p. 381), "a conjunção simétrica significa permitir a alteração da ordem das orações sem alteração de gramaticalidade e de significado".

3.1 METODOLOGIA DA ANÁLISE

Considerando que nosso objetivo é identificar, no uso da marca *quando*, possíveis relações que poderiam ser evidenciadas por meio da presença de outras marcas e verificar as operações de voz, faremos a análise dos enunciados, adotando o seguinte procedimento:

- I – apresentaremos, na análise, cada enunciado identificado com um número;
- II – faremos paráfrases para verificar se existem outras relações encobertas pela marca *quando*. Essas paráfrases podem recuperar termos que foram apagados, inserir um outro conector ressaltado pelo contexto ou outros elementos importantes para a análise, na tentativa de facilitar o entendimento. Cada paráfrase será identificada com o número do enunciado seguido de uma letra;
- III – usaremos, em relação ao esquema de léxis, **A** para a léxis que aparece primeiro na ordem de leitura, **r** para a conexão ou relação e **B** para a segunda léxis ligada à léxis **A**;
- IV – trataremos da propriedade de voz, na relação de causalidade entre as léxis que compõem o enunciado, usando a nomenclatura *causa* → *efeito* ou *conseqüência*;
- V – faremos a inversão das léxis no enunciado para verificar se ocorre a simetria sintática na propriedade de voz, ou seja, se a inversão altera a

natureza da noção de causalidade.

3.2. VERIFICAÇÃO DOS ENUNCIADOS

Os enunciados de que faremos as análises são os mesmos usados em outros capítulos. Portanto, em:

1 – Tem hora que eu sou quando uma pedra.

1) Eu ser r ser uma pedra

A B

2 – Hoje eu estou quando infante.

2) Eu estar r estar infante

A B

ao se considerarem as relações semânticas em torno da marca *quando* e o sentido encoberto por ela, poderemos observar as seguintes paráfrases com conectores que não portam em si a noção de tempo, como:

1a - Tem hora que eu sou *como* uma pedra.

2a - Hoje eu estou *como* infante.

nessas paráfrases se verifica uma relação de comparação (a = b). Também são possíveis as paráfrases:

1b - Tem hora que eu sou *conforme* uma pedra.

2b - Hoje eu estou *conforme* [estava] na infância.

nas quais se nota uma relação de conformidade. Não há, nos enunciados (1) e (2), a possibilidade de outras paráfrases sem implicar uma significativa alteração do sentido de todo o enunciado.

Tanto em (1) quanto em (2), ao aproximar *eu* de *pedra* e de *infante*, há a predicação na origem de um resultado incorporado na cultura. A causalidade se torna possível pela analogia da predicação *ser eu*, *ser pedra* e *ser infante*. Portanto, ao observar a propriedade de voz, não se percebe entre as léxis uma causalidade real, pois nota-se que tanto no enunciado (1) quanto no (2) B é um qualificador ou, apenas, uma possível propriedade que se atribui a A, na ação de se tentar transferir as propriedades de *pedra* e de *infante* para o *eu*.

Os enunciados:

3 - Quando escrevo uma carta, todos lêem.

3) Escrever a carta r todos ler (a carta)

A

B

4 – Quando ficamos na janela, vemos tudo.

4) Ficar na janela r ver tudo

A

B

são compostos de mais de uma léxis. Neles as relações semânticas inter-léxis e o sentido atenuado pela marca *quando*, como conector, permitem outras paráfrases por conectores que não portam em si a noção de tempo, como em:

3a . Se escrevo a carta, todos lêem.

4a . Se ficamos na janela, vemos tudo.

Nesses enunciados, observa-se a relação hipotática de *condicionalidade* [se A (antecedente) → B (conseqüente)], pois só com o acontecimento de A é possível o acontecimento de B. O enunciado (4a) poderia ser a resposta de uma pergunta de alguém na dúvida, por exemplo, *ocê realmente viu tudo?* Nas paráfrases:

3b . Escrevo a carta e todos lêem.

4b . Ficamos na janela e vemos tudo.

notamos que há relação paratática de *adição* [se A (antecedente) + B (acrécimo)], em que B é um acontecimento já esperado pelo enunciador, uma seqüência natural da realização do acontecimento A, embora não se possa afirmar que em (3b) exista implicação entre os acontecimentos de A e de B, já que o sujeito do enunciado na léxis A é diferente do da B; a ligação entre o *ler* e o *escrever* é resultada da nossa experiência de mundo, isso implica B ser apenas uma possível conseqüência de A; daí admitirmos, inclusive, as paráfrases:

3c . Escrevo a carta, *mas* todos lêem.

4c . Ficamos na janela, *mas* vemos tudo.

nas quais a relação é de *oposição* [A (antecedente) → B (não-A)], pois poder-se-ia dizer que *escrevo a carta* que não deveria ser lida por qualquer pessoa ou, até mesmo por ninguém, uma carta confidencial, por exemplo, *mas todos lêem a carta*. Da mesma forma, poderíamos *ficar na janela* e, de acordo com a disposição dela no espaço, não pudesse ver o que estivesse acontecendo (dentro ou fora do ambiente), *mas vemos tudo* contraria a expectativa em relação ao que não deveria ser visto da janela. Em:

3d . *Conforme* escrevo a carta, todos lêem.

4d . *Conforme* ficamos na janela, vemos tudo.

a relação passa a ser de *conformidade* [conforme A (antecedente) → B (conseqüente)], já que o acontecimento A, de certa forma, vai funcionar como um regulador do acontecimento B. Há ainda as paráfrases:

3e . *Porque* escrevo a carta, todos lêem.

4e . *Porque* ficamos na janela, vemos tudo.

3f . Escrevo a carta, *por isso* todos lêem.

4f . Ficamos na janela, *por isso* vemos tudo.

que demonstram a relação de *causalidade* [A (causa) → B (efeito)].

Podemos afirmar, a partir das ocorrências (3e, 3f, 4e, 4f), que, com a marca *quando*, a relação nocional de tempo entre as léxis A e B é mais expressiva,

embora não elimine as outras relações. No entanto, após as paráfrases, essa noção de temporalidade fica menos marcada, mas permanece, já que a noção espaço-tempo é uma coordenada referencial na operação enunciativa. Em contrapartida, as relações de condicionalidade, oposição, conformidade, causalidade e adição ficam mais evidentes, porque os novos nexos inseridos (se, e, mas, conforme, porque, por isso) passam a marcar o enunciado, evidenciando a ocorrência dessas relações semânticas. Isso torna o domínio do sentido, externado por tais nexos, mais visível.

Ao observar a propriedade de voz, percebe-se entre as léxis a causalidade, portanto há uma ação que as envolve. No enunciado (3), que tem a modalidade assertiva e o aspecto durativo freqüentativo, nota-se que *a escritura da carta* pode levar todos à *leitura*. *Todos* reúne as propriedades para *ler a (carta)*, e a *carta* é passível *de ser lida*; portanto, há, no enunciado, um direcionamento para a relação de voz. No entanto, a *leitura* pode não ser necessariamente da *carta* feita por mim, a menos que houvesse uma flechagem retomando *carta* na léxis B, assim:

4g - Quando escrevo a carta, todos a lêem.

Portanto, no enunciado (3), não existe uma simetria nem reflexividade entre as léxis. A ação *eu escrever carta* só é apreendida com base em *todos ler*, e o aspecto não-acabado revela que *a leitura* ainda não é de fato um resultado.

No enunciado (4), que tem modalidade assertiva e um aspecto durativo, *ficar na janela* pode nos levar a *ver tudo*. *A visão de tudo*, embora tenha uma predicação de sentido genérico, entende-se, no contexto, que seja a totalidade do universo que se espera poder *ver da janela*, por isso há uma possibilidade de se ter a

propriedade de voz em que o *nós ficar na janela* é a causa de *ver tudo* e a *visão de tudo* uma consequência; portanto, no plano inter-léxis, há a relação causa → consequência e um direcionamento para se ter a propriedade de voz. No entanto, o *ficar na janela* é apresentado como a única condição que possibilitaria a *visão*, já que *tudo* só pode ser visto quando se *fica na janela*. Há uma igualdade entre os sujeitos da Léxis A e da B, além da volição que envolve o querer e o poder. O aspecto não-acabado denota que não há uma simetria entre a ação *ficar na janela* e o possível resultado dessa ação *visão de tudo*, pois é preciso que a *visão* se torne de fato um resultado para se apreender a ação *ficar na janela*.

No plano sintático, ao inverter a ordem das léxis, temos:

3h - Todos lêem quando (porque) escrevo a carta.

4g – Vemos tudo quando (porque) ficamos na janela.

em que permanece a causalidade apenas em (3h), porém a *leitura* passa a ser um acontecimento que se refere, exclusivamente, à carta, motivada por ela; assim não temos simetria sintática.

O enunciado:

5 – Quando uns trabalham, outros descansam.

5) uns trabalhar r outros descansar

A

B

é composto de duas léxis. Nele as relações semânticas inter-léxis e o sentido atenuado pela marca *quando*, como conector, permitem paráfrases por nexos que não portam em si a noção de temporalidade, como em:

5a) **Se** uns trabalham, outros descansam.

na qual se evidencia a relação *condicionalidade* [se A (antecedente) → B (conseqüente)], que serviria, por exemplo, para responder a uma pergunta do tipo: *como você organizaria o grupo?* Subtendendo-se que todos não poderiam trabalhar ao mesmo tempo. Também poderíamos parafrasear o *quando* por:

5b) *Ora* uns trabalham *ora* outros descansam.

5c) Uns trabalham e outros descansam.

e ter em (5b) uma relação paratática de *alternância* (ora A → ora B) ou, com a mudança do conector, relação de *adição* como em (5c). Também é possível a paráfrase:

5d) *Conforme* uns trabalham, outros descansam.

em que se torna evidente a relação de *conformidade* [conforme A (antecedente) → B (conseqüente)], já que o acontecimento A, de certa forma, vai funcionar como um regulador do acontecimento B. Há também as paráfrases:

5e) *Porque* uns trabalham, outros descansam.

5f) Uns trabalham, *por isso* outros descansam.

em que há a relação de *causalidade* [A (causa) → B (efeito)], isso considerando o conector e a seleção de predicadores representados em A e em B.

Ainda em:

5g. Uns trabalham, *porém* outros descansam.

observamos uma relação paratática de oposição [A(antecedente) → B (não-A)], porque os pares *uns* → *outros*, *trabalhar* → *descansar* situam-se em domínios diferentes: de um lado, *uns* e *trabalhar* podem ser entendidos como P, de outro lado, *outros* e *descansar* podem ser não-P, ou quase não-P, isto é, alguma coisa que se coloca do outro lado da fronteira daquilo que seja P.

Conforme ficou demonstrado nas paráfrases existe entre as léxis a causalidade; portanto, ao observar a propriedade de voz, admite-se que há uma ação envolvendo as léxis.

Na propriedade de voz inter-léxis, há uma combinação entre a modalidade assertiva e o aspecto durativo habitual. Nota-se que pode haver simetria e reflexividade, ou não, dependendo da paráfrase que se fizer. Nas paráfrases (5b), (5c) e (5g), a ação de causalidade entre *trabalho* (A) e *descanso* (B) é quase nula; em (5a) e (5d), a ação entre *trabalho* e *descanso* é de uma causalidade menos atenuada, já em (5e) e (5f), há uma ação de *trabalho* (A) que torna o *descanso* (B) um resultado; portanto há uma causalidade plena. Dessa forma, em (5a), (5d), (5e) e (5f), a ação de *trabalho* na léxis A implica B e *descanso* na léxis B é um acontecimento resultado da ação de A. Dessa forma, há a propriedade de voz com simetria.

No plano sintático, ao inverter a ordem das léxis, temos:

5h – Outros descansam, quando (porque) uns trabalham.

em que permanece a causalidade, mas descanso (léxis A) é mais evidenciado que trabalho (léxis B), assim há alteração da natureza da causalidade no contexto e não temos uma simetria sintática no enunciado.

Nos enunciados:

6 – O homem quando adulto não tem vaidade.

6) (O homem) ser adulto r o homem não ser vaidoso

A

B

7 – Letícia quando professora é exigente.

7) (Letícia) ser professora r Letícia ser exigente

A

B

ao observarmos a relação entre A e B, percebemos que A exerce um papel atributivo (qualidade) para os argumentos *homem* e *Letícia* da léxis B, respectivamente, dos dois enunciados, restringindo ou delimitando uma porção de B, como podemos observar em:

6a – O homem *no momento em que é adulto* não tem vaidade.

7a – Letícia *no momento em que é professora* é exigente.

Nesses enunciados, os atributos *adulto* em (6a) e *professora* em (7a) têm valor qualitativo, possibilitando inferir que a marca *quando* em (6) e (7) introduz um qualificador para o termo (antecedente), sujeito do enunciado na léxis B, e localiza o instante da identificação referencial desse antecedente.

Os dois enunciados, (6) e (7), são compostos de duas léxis. Neles as relações semânticas inter-léxis e o sentido atenuado pela marca *quando*, como conector, além da relação qualitativa, permitem também paráfrases por nexos que não portam em si a noção de tempo, como em:

6b – O homem *como* adulto não tem vaidade.

6c – O homem *se* adulto não tem vaidade.

6d – O homem *porque* é adulto não tem vaidade.

7b – Letícia *como* professora é exigente.

7c – Letícia *se* professora é exigente.

7d – Letícia *porque* é professora é exigente.

cujas relações evidenciadas em (6b) e (7b) é de *comparação* (homem = adulto) e (Letícia = professora), em (6c) e (7c) é de *condicionalidade* (Se B (causa) → A (conseqüência) e em (6d) e (7d) é de *causalidade* (Porque B (causa) → A (conseqüência)).

Ao observar as paráfrases, nota-se que existe entre as léxis A e B nos enunciados (6) e (7) a causalidade; portanto, na propriedade de voz, admite-se que há uma ação que envolve as léxis que visa a um resultado. Observa-se, no

enunciado (6), que o *ser adulto* pode ocasionar a *não vaidade*, no entanto, a *não vaidade* não reúne todas as propriedades para ser uma conseqüência natural do *ser adulto*. Da mesma forma, *professora* reúne as propriedades para tornar *Letícia exigente*, mas a *exigência* não tem a passividade para ser uma conseqüência natural de *professora*, é apenas mais um determinante do sujeito *Letícia*. Portanto, na relação entre as léxis, há um resultado, mas não existe uma ação, de fato, para ocasioná-lo. A modalidade assertiva combinada com um aspecto durativo permansivo não-acabado contribui para a não-compatibilidade entre ação/ resultado, pois *adulto* e *professora* só podem ser apreendidos com base no *ser vaidoso* e *ser exigente*; portanto, não há uma simetria entre as léxis B e A dos enunciados (6) e (7).

Na construção sintática, ao inverter a ordem das léxis, temos:

6e – Quando (porque é) adulto, o homem é exigente.

7e – Quando (como) professora, Letícia é exigente.

em que permanece a causalidade e o enunciado não tem seu sentido alterado; no entanto, os arranjos (6e) e (7e) não chegam a ser uma inversão; por isso, temos a simetria sintática nos dois enunciados, até mesmo porque a léxis A já se encontrava interposta no interior da léxis B.

Os enunciados:

8 – De vez em quando ela abre a janela.

8) Ela abrir janela.

9 – Quando a gente se envaidece [...] é quando o conceito desce [...]

9) A gente envaidecer (gente) r conceito descer.

A

B

têm a organização diferente. O enunciado (8) tem apenas uma léxis, portanto não tem relações inter-léxis em torno da marca *quando*, que não exerce a função de um conector. O enunciado (9) é composto por mais de uma léxis.

No enunciado (9), considerando as relações semânticas inter-léxis e o sentido atenuado pela marca *quando*, como conector, podemos observar paráfrases por outros nexos que não portam em si a noção de tempo. Analisando-as, temos:

9a - A gente se envaidece, *mas* o conceito desce [...].

9b - A gente se envaidece e o conceito desce [...].

9c - A gente se envaidece *ou* o conceito desce [...].

Em (9a) uma relação paratática de *compensação* [A(antecedente) → B (não-A)] em que o *envaidecer* implicaria o *descer*; em (9b) uma relação paratática de *adição* [A(antecedente) + B (acrécimo)], sendo o *descer* um acontecimento acrescido a *envaidecer* e em (9c) uma relação paratática de *alternância* (A ou B), entendendo-se que a *vaidade* é algo positivo, necessária para manter o *conceito* inabalado, por exemplo, em um grupo social que prima pela vaidade para manter determinado *status*.

As paráfrases:

9d . *Se a gente se envaidece , o conceito desce [...].*

9e . *Porque a gente se envaidece, o conceito desce [...].*

9f . *A gente se envaidece, por isso o conceito desce [...].*

9g - *Conforme a gente se envaidece o conceito desce [...].*

revelam outras relações. Em (9d) há relação de *condicionalidade* [se A (antecedente) → B (conseqüente)], em (9e) e (9f) relação de *causalidade* [A (causa) → B (efeito)], em (9g) relação de *conformidade* [(conforme) A → B] e (9h) relação de *proporcionalidade* [(a proporção que) A (causa) → B (reflexo)] denotando implicação entre A e B.

Portanto, podemos afirmar, a partir dessas ocorrências, que com a marca *quando*, a relação de temporalidade entre as léxis A e B é mais expressiva, embora não elimine as outras relações. Após as paráfrases, a noção de tempo é menos marcada e as outras relações tornam-se mais perceptíveis, porque os nexos inseridos passam a evidenciar a ocorrência dessas relações semânticas. Isso leva os domínios dos sentidos veiculados por elas a serem mais predominantes.

Nota-se, por meio das paráfrases, que existe a causalidade entre as léxis A e B do enunciado (9) que tem uma modalidade assertiva. Assim, há propriedade de voz na medida em que uma ação envolve as léxis, na perspectiva de se obter um resultado. Observa-se que *envaidecer* (a causa) não implica o *conceito descer* (efeito) nem o *conceito descer* reúne todas as propriedades para receber a ação do *envaidecer*. O aspecto durativo freqüentativo não-cabado faz o resultado *descida do conceito* ter uma natureza não factual; portanto o *envaidecimento*

(léxis A) só vai ser apreendido a partir da *descida do conceito* (léxis B). Não existe uma simetria na voz entre as léxis A e B do enunciado.

Na organização sintática, ao inverter a ordem das léxis, temos:

9i – Quando o conceito desce é quando (porque) a gente se envaidece.

em que não se modifica o sentido do enunciado e permanece a natureza da noção de causalidade; conseqüentemente, temos nele a simetria sintática.

O enunciado:

10 – Quando você estava para chegar, todos ficaram calados.

10 - Você (estar) chegar r todos (ficar) calar

A

B

é organizado com duas léxis complexas⁴¹. Na relação semântica entre elas, *quando* torna evidente a noção temporal. A organização de um jogo de paráfrases do enunciado deixa transparecer outras relações, como em:

10a - *Como* você estava para chegar, todos ficaram calados.

10b – Você estava para chegar, *por isso* todos ficaram calados.

10c – *Conforme* você estava para chegar, todos ficaram calados.

10d - Você estava para chegar *e* todos ficaram calados.

⁴¹ - Usamos a nomenclatura “léxis complexa” porque uma léxis é predicada sobre outra léxis.

10e - Você estava para chegar, *mas* todos ficaram calados.

que têm relações semânticas suplementares à de tempo. Dessa forma, na paráfrases (10a) e (10b), há uma relação de *causalidade* [A (causa) → B (efeito)] em que a *chegada* é a causa e o *silêncio*, a conseqüência; em (10c), uma relação de *conformidade* [Conforme A (causa) → B (efeito)]; em (10d), uma relação paratática de *adição* [A (acontecimento em curso) + B (acrécimo)] que poderia ocorrer, por exemplo, em um contexto em que uma pessoa explica para a outra o porquê de ela chegar e já encontrar todos calados; já em (10e), uma relação de *oposição* [A(antecedente) → B (oposição)], que poderia ocorrer em uma situação em que todos devessem cantar, aplaudir, ovacionar ou emitir qualquer ruído na chegada, mas não o fazem.

Como se vê nas paráfrases, o *quando* pôde ser substituído por um outro conector e isso deu maior visibilidade a outras relações entre A e B, colocando em segundo plano a relação de tempo.

Em relação à causalidade entre as léxis A e B, há uma ação que as envolve. Nesse enunciado de modalidade assertiva, o *estar para chegar* (causa) implica *todos calarem* (efeito); no entanto, esta pode não ser uma causa suficiente, mas leva a um resultado. Podemos supor que talvez haja autoritarismo, medidas punitivas ou uma ação que denote poder do *you* sobre *todos*; por isso, uma ação liga as léxis A e B. Por outro lado, *todos calar* também não reúne as propriedades para receber a ação do *you estar para chegar*, mas é, de fato, um resultado, devido ao aspecto cessativo acabado. Portanto, há uma propriedade de voz sem uma simetria entre as léxis A e B do enunciado.

Na organização sintática, ao inverter a ordem das léxis, temos:

10f – Todos ficaram calados quando (porque) você estava para chegar.

em (10f) uma intensificação da causalidade e, conseqüentemente, não temos a simetria sintática no enunciado.

O enunciado:

11 – Quando chovia, limpávamos a calçada.

11) Chover r limpar calçada

A

B

é organizado com duas léxis. Na relação semântica, entre elas, *quando* torna evidente a noção de tempo. Retirando-se o *quando*, aparecem outras relações verificadas no exercício da léxis A em relação à léxis B, como as paráfrases:

11a – Chovia, *mas* limpávamos a calçada.

11b – Chovia *e* limpávamos a calçada.

11c - *Porque* chovia, limpávamos a calçada.

11d – Chovia, *por isso* limpávamos a calçada.

11e – Se chovia, limpávamos a calçada.

11f – *Conforme* chovia, limpávamos a calçada.

11g – *Tanto chovia quanto limpávamos a calçada.*

Em (11a) há relação de *oposição* [A (antecedente) → B (oposição)] como se *chover* fosse desfavorável à *limpeza da calçada*; em (11b), relação de *adição* [A (antecedente) + B (acréscimo)], sendo a *limpeza* uma ação que sucede à *chuva*; em (11c) e (11d), relação de *causalidade* [A (causa) → B (efeito)] em que a *chuva* implicava a *limpeza*; em (11e) há relação de *condicionalidade* [se A (antecedente) → B (conseqüente)] entendida como se somente a *chuva* possibilitasse a *limpeza* da calçada; em (11f), relação de *conformidade* [(conforme) A → B], denotando que a *limpeza* era algo feito imediatamente após a *chuva* ou até que a *chuva* e *limpeza* eram concomitantes e em (11g), relação de *comparação* (A = B), em que se evidencia que *chuva* e *limpeza* eram ações de mesma duração e intensidade.

Nesse enunciado de modalidade assertiva, ao analisar a propriedade de voz combinada com o aspecto permansivo, notamos que existe a causalidade, mas não há uma ação que envolve as léxis A e B na perspectiva de um resultado. Observa-se que o *chover* (causa) não implica necessariamente a *limpeza da calçada* (efeito), porque não é uma causa factual ou suficiente, já que *chover* tem uma ação voltada para si mesmo, é apenas um fenômeno. A nossa ação de *limpar* não reúne todas as propriedades para ser causada pela *chuva* ou ser um efeito da *chuva*; há apenas um direcionamento para a propriedade de voz. O aspecto não-acabado leva a entender que *limpeza* não pode ser um resultado da *chuva*, mas é importante para se apreender o contexto de *chover*. Também não existe uma simetria entre as léxis A e B do enunciado.

Na organização sintática, ao inverter a ordem das léxis, temos:

11i – Limpávamos a calçada quando (porque) chovia.

em que o *chover* se torna a causa exclusiva da *limpeza da calçada*; portanto, intensifica-se a causalidade entre as léxis e, conseqüentemente, não temos a simetria sintática no enunciado.

No enunciado:

12 – Quando o jogador chutou a bola, o goleiro defendeu.

12) jogador chutar bola r goleiro defender

A

B

a marca *quando* torna evidente a noção de tempo entre as léxis. O paralelismo sintático entre *o jogador chutou* e *o goleiro defendeu* permite um jogo parafrástico em que, ao se substituir *quando* por outros nexos, faz emergir relações como as que se notam em:

12a . O jogador chutou, *mas* o goleiro defendeu.

12b . O jogador chutou e o goleiro defendeu.

12c - O jogador chutou *ou* o goleiro defendeu.

que têm relação de *oposição* (12a) [A(antecedente) → B (oposição)] em que A *chutar* é a ação e B *defender* a ação contrária; em (9b), relação de *adição* [A(antecedente) + B (acrécimo)] e em (9c), relação de *alternância* (A ou B) que poderia ocorrer em um contexto em que se tentasse, por exemplo, apresentar o

porquê de a bola ter saído pela linha de fundos do campo. Também no exercício da léxis A em relação à B, poder-se-iam construir outras paráfrases, como:

12d - *Porque* o jogador chutou, o goleiro defendeu.

12e - O jogador chutou *por isso* o goleiro defendeu.

12f . *Conforme* o jogador chutou, o goleiro defendeu.

12g _ *Se* o jogador chutou, o goleiro defendeu.

Em (12d) e (12e) há relação de *causalidade* [A (causa) → B (efeito)] na qual podemos observar que *chutar* (causa) mobiliza o *defender* (efeito); em (12f), relação de *conformidade* [(conforme) A → B], ou seja, a intensidade ou plasticidade do *chute* corresponde à beleza da *defesa*; em (12g), relação de *condicionalidade* [se A(causa) → B (efeito)] que poderia ocorrer em um contexto onde se tentasse explicar a presença da *bola* ainda no campo, mas fora do gol.

Existe a causalidade entre as léxis A e B desse enunciado que tem modalidade assertiva e um aspecto pontual acabado; por isso, há uma ação e um resultado que permitem identificar a propriedade de voz. Observa-se que *o chutar a bola* (causa) implica o *defender* (efeito), no entanto, não é uma causa suficiente, já que a bola poderia não ser defendida, mas uma causa necessária, pois só com o chute é que se tem a defesa. A ação de *defender*, dessa forma, reúne todas as propriedades para ser provocada pelo *chute*, já que o objeto de *chute* e da *defesa* é o mesmo, ou seja, *a bola*; portanto, há uma simetria no enunciado entre a ação (léxis A) e o resultado (léxis B).

Na organização sintática, ao inverter a ordem das léxis, temos:

12h – O goleiro defendeu, quando (porque) o jogador chutou a bola.

em que o *chute do jogador* se torna a causa da defesa do goleiro; portanto, não se altera a noção de causalidade entre as léxis e, conseqüentemente, temos a simetria sintática no enunciado.

Os enunciados:

13 – Quando os pais chegaram, ele saiu.

13) pais chegar r ele sair

A

B

14 – Quando cheguei, todos tinham saído.

14) (eu) chegar r todos ter sair

A

B

são compostos de mais de uma léxis. Na relação semântica entre A e B, a ausência da marca *quando* faz aparecer, no enunciado, relações complementares (que tiveram o domínio atenuado por *quando*). Elas emergem no léxico e na seqüência das léxis mediante a presença de outras marcas. Portanto, nas paráfrases:

13a - Os pais chegaram, *mas* ele saiu.

13b – Os pais chegaram e ele saiu.

14a - Cheguei, *mas* todos tinham saído.

14b - Cheguei e todos tinham saído.

há relação de *oposição* em (13a) e (14a) em que [A (antecedente) → B (oposição)]; nela a *saída* contraria a expectativa da *chegada*; e em (13b) e (14b) tem relação de *adição* [A(antecedente) + B (acréscimo)]. No enunciado (13), podemos ainda parafrasear *quando* com outros nexos, dando maior visibilidade às relações que há entre A e B, além da de tempo, como em:

13c - *Porque* os pais chegaram, ele saiu.

13d - Os pais chegaram, *por isso* ele saiu.

13e - *Se* os pais chegaram, ele saiu.

que nos mostram a existência de uma relação de *causalidade* (13c) e (13d) [A (causa) → B (conseqüência)] na qual podemos observar que a *chegada dos pais* (causa) mobiliza a *saída* (efeito); em (13e) a relação de *condicionalidade* [(se) A → B] , em que poderia acontecer em um contexto que tentasse retratar que *ele* não quisesse compartilhar do mesmo espaço que *os pais*, portanto a sua *saída* é uma conseqüência da *chegada dos pais* que a motivaria.

No enunciado (13), que tem modalidade assertiva, há uma ação que leva a um resultado, por isso existe a causalidade entre as léxis A e B, permitindo identificar a propriedade de voz. Observa-se que *os pais chegarem* (causa) mobiliza a ação *ele sair* (efeito), no entanto, não é uma causa que envolve um sujeito atingindo um objeto, mas de uma ação levando a outra ação, já que *chegar* e *sair* ocupam o espaço topológico de um mesmo domínio nocional. O acontecimento *ele sair*,

dessa forma, reúne todas as propriedades para ser provocado pelo *chegar dos pais*, sobretudo, por exemplo, em um contexto em que *ele* estivesse com alguém em casa, escondido, ou estivesse fazendo algo reprovável e *os pais chegam* forçando a *saída*. O aspecto pontual, conclusivo e acabado permite identificar a saída na léxis B como um resultado chegada dos pais na léxis A; portanto, é possível inferir uma simetria semântica entre as léxis A e B do enunciado.

O enunciado (14) com modalidade também assertiva tem uma ação *a chegada* (causa) que leva a um resultado *constatação da saída de todos* (efeito); por isso, existe a causalidade entre as léxis A e B, permitindo identificar a propriedade de voz. Observa-se que não é uma causa que envolve um sujeito atingindo um objeto, mas de uma ação levando a outra ação. O acontecimento *todos sair* não reúne todas as propriedades para ser provocada por *eu chegar*, mas a *chegada* é que permite a verificação da *saída de todos*. Portanto, considerando o aspecto pontual, conclusivo e acabado, entendemos que *a saída verificada* na léxis B é um resultado da ação *eu chegar* na léxis A; portanto, é possível inferir uma propriedade de voz, mas sem simetria semântica entre as léxis A e B do enunciado.

Na organização sintática, ao inverter a ordem das léxis nos enunciados, temos:

13f – Ele saiu, quando (porque) os pais chegaram.

14c – Todos tinham saído, quando (porque) cheguei.

Em (13f) *os pais chegar* é a causa de *ele sair* e em (14c) *eu chegar* é também a causa verificar a *saída de todos*; portanto, mantém-se a causalidade entre as léxis e, conseqüentemente, temos a simetria sintática nos enunciados.

O enunciado:

15 – Quando sentei a aula começou.

15) (eu) sentar r aula começar

A

B

é composto por duas léxis. Na relação semântica entre elas, excluindo-se a noção temporal evidenciada com a marca *quando*, aparecem no enunciado, por meio de paráfrases, outras relações, como em:

15a - Sentei, *mas* a aula começou.

15b – Sentei *e* a aula começou.

que evidenciam uma relação de *oposição* em (15a) [A, mas B], que poderia acontecer, por exemplo, em uma situação em que a expectativa fosse de sentar para ler ou conversar com alguém e não assistir à aula e, também, uma relação paratática de *adição* em (15b) [A(antecedente) + B (acrécimo)]. Prosseguindo as paráfrases, encontramos outras relações como:

15c – Sentei *por isso* a aula começou.

15d - *Porque* sentei, a aula começou.

15e – *Se* sentei, a aula começou.

Em (15c) e (15d) há relação de *causalidade* [A (causa) → B (efeito)], em que podemos observar que *a aula* só começaria no momento em que *eu estivesse*

sentado, de forma tal que o meu *sentar* é que provocaria o *começo da aula* e em (15e), relação de *condicionalidade* [(se) A → B] , ou seja, um professor advertindo os alunos *se sentei a aula começou*.

Nesse enunciado de modalidade assertiva e aspecto pontual inceptivo, existe a causalidade entre as léxis A e B, por isso há uma ação que envolve as léxis, permitindo identificar a propriedade de voz. Observa-se que a ação de *sentar* (causa) na léxis A mobiliza o *começar* (efeito), no entanto, não é uma causa que exerce uma ação direta de A para B, já que temos nas léxis A e B sujeitos e ações diferentes, mas o aspecto acabado denota na *aula começada* um resultado da ação *sentar*. O acontecimento *aula começar* não reúne todas as propriedades para ser provocada pelo *sentar*, portanto, não há uma simetria semântica entre as léxis A e B do enunciado.

Na organização sintática, ao inverter a ordem das léxis nos enunciados, temos:

15g – A aula começou, quando (porque) sentei.

Em (15g) *eu sentar* continua implicando *a aula começar*, portanto permanece uma relação de causalidade entre as léxis, porém aqui *eu sentar* configura-se como a causa maior de *a aula começar*, alterando a natureza dessa causalidade, por isso não temos a simetria sintática no enunciado.

Os enunciados:

16 – Quando deram seis horas, terminei a tarefa.

16) dar seis horas r terminar a tarefa

A

B

17 – Quando o telefone tocou, mamãe estava fazendo almoço.

17) telefone tocar r mamãe estar fazer almoço

A

B

são compostos de mais de uma léxis. Considerando as relações semânticas entre elas e o sentido atenuado pela marca *quando*, como conector, poderíamos fazer paráfrases por nexos que não portam em si a noção temporal. Se observarmos:

16a – Deram seis horas e terminei a tarefa.

17a – O telefone tocou e mamãe estava fazendo almoço.

16b – Deram seis horas, *mas* terminei a tarefa.

17b – O telefone tocou, *mas* mamãe estava fazendo almoço.

notamos que, em (16a) e (17a), ocorre relação de *adição* [A(antecedente) + B (acrécimo)] e, em (16b) e (17b), relação *contrajuntiva* [A (antecedente) → B (não-conseqüente)], entendendo-se que em (16b) a tarefa não pudesse ser terminada antes das seis horas e, em (17b), o fazer almoço impediu a *mamãe* de atender ao telefone. Ainda podemos parafrasear o *quando* com outros nexos, como:

16c – *Porque* deram seis horas terminei a tarefa.

16d - Deram seis horas *por isso* terminei a tarefa.

17c – *Porque* o telefone tocou, mamãe estava fazendo almoço.

17d – O telefone tocou *por isso* mamãe estava fazendo almoço.

Em (16c) e (16d), há relação de *causalidade* [A (causa) → B (efeito)], em que podemos observar que a *o horário* impulsiona o fim da tarefa; em (17c) e (17d), também a relação de *causalidade* se entendermos que o telefone é uma forma de comando ou aviso para *mamãe fazer o almoço*.

Esses enunciados têm modalidade assertiva. Em (16) o aspecto é pontual conclusivo e em (17) é pontual inceptivo na léxis A conjugado com durativo cursivo na léxis B. Nos dois enunciados, existe uma causalidade entre as léxis A e B, por isso há uma ação que as envolve permitindo identificar a propriedade de voz. Em ambos os enunciados o aspecto acabado denota que *tarefa terminada* e *almoço sendo feito* são, respectivamente, os resultados das ações *dar seis horas* e *telefone ter tocado*. Observa-se, no entanto, que as ações das léxis A não reúnem as propriedades que as tornam causa suficiente para provocar os acontecimentos da léxis B; da mesma forma, os resultados representados pelas léxis B reúnem as propriedades para serem mobilizados pelas ações da léxis A. A nossa experiência de mundo permite inferir que o léxico predicado não apresenta compatibilidade; portanto, não há uma simetria entre as léxis A e B dos enunciados.

Na organização sintática, ao inverter a ordem das léxis nos enunciados, temos:

16f – Terminei a tarefa quando (porque) deram seis horas.

17e – Mamãe estava fazendo almoço, quando (porque) o telefone tocou.

Em (16f) *dar seis horas* poderia ser a causa da *tarefa terminada* e em (17e) o *telefone tocar* também é uma possível representação da causa de *mamãe estar fazendo almoço*. Nesses dois enunciados, ainda ocorre uma relação de causalidade entre as léxis, mas com alteração na sua natureza. Assim, não podemos admitir a presença de uma simetria sintática nos enunciados.

O enunciado:

18 – Quando Leonardo quebrou o copo, cortou a mão.

18) Leonardo quebrar como r cortar a mão

A

B

é composto por duas léxis. Os elementos predicadores desse enunciado (origem /flexão temporal do predicado) que são o mesmo em A e em B, deixam uma indeterminação maior e, conseqüentemente, uma abertura para o domínio de outras relações, como se notam nas seguintes paráfrases:

18a - Leonardo quebrou o copo e cortou a mão.

18b - Leonardo quebrou o copo, *porém* cortou a mão.

18c - Leonardo quebrou o copo *ou* cortou a mão.

Em (18a) há relação de *adição* [A (antecedente) + B (acréscimo)], sendo o *cortar a mão* um acontecimento que segue o *quebrar o copo*; em (18b), relação de *contrajunção* [A (antecedente) → B (compensação)] em que o *cortar a mão* é uma espécie de punição para Leonardo por ter *quebrado o copo*. Já em (18c), uma

relação de *alternância* (A ou B) que poderia ocorrer, por exemplo, em uma situação em que duas pessoas, conversando em um ambiente diferente do em que se encontra Leonardo, ouvem um barulho típico do estilhaçar de um copo seguido de um *ai* de lamento ou dor e comentam *Leonardo quebrou o copo ou cortou a mão*. As paráfrases:

18d – Se Leonardo quebrou o copo, cortou a mão.

18e – *Porque* Leonardo quebrou o copo, cortou a mão.

18f – Leonardo quebrou o copo, *por isso* cortou a mão.

18g – *Conforme* Leonardo quebrou o copo, cortou a mão.

revelam relações em (18d) de *condicionalidade* [se A (antecedente) → B (conseqüente)], em (18e) e (18f), relação de *causalidade* [A (causa) → B (efeito)] e em (18g) relação de *conformidade* [(conforme) A → B] como se o *corte da mão* se assemelhasse à forma do *copo quebrado*.

No enunciado (18), que tem a modalidade assertiva e um aspecto acabado pontual conclusivo, existe a causalidade entre as léxis A e B. O aspecto acabado denota que a ação *quebrar o copo* (léxis A) provocou o resultado *mão cortada* (léxis B). Se o *quebrar o copo* (a causa) implica o *cortar a mão* (efeito) e o *cortar a mão* reúne todas as propriedades para receber a ação do *copo quebrado*, há uma compatibilidade entre a ação e resultado; portanto, existe uma simetria entre as léxis A e B do enunciado.

Na organização sintática, ao inverter a ordem das léxis no enunciado, temos:

18i – Cortou a mão, quando (porque) Leonardo quebrou o copo.

em (18i) *Leonardo quebrar o copo* sendo a causa de *cortar a mão*, portanto continua ocorrendo uma relação de causalidade entre as lexis; no entanto, não se sabe quem cortou a mão, se foi o Leonardo ou outra pessoa, já que, sem a inversão *ele*, subentendido no contexto, operava uma flechagem do nome *Leonardo*; portanto, não temos simetria sintática no enunciado a menos que se tenha:

18i – Leonardo cortou a mão, quando (porque) quebrou o copo.

Os enunciados:

19 – Nossa data maior era o quando.

19 – Data maior ser quando

20 – O quando mandava em nós.

20) Quando mandar nós

são iguais ao enunciado (8) quanto a sua composição, eles têm apenas uma léxis e, com isso, não têm relações em torno da marca *quando*, porque tal marca aqui não funciona como um conector, nem há uma propriedade de voz inter-léxis. Essa marca, nos enunciados (19) e (20), aparece nominalizada.

O enunciado:

21 – Eu tive lembrança de quando você caiu.

21) Eu ter lembrança r você cair

B

A

tem duas léxis. Na relação semântica entre A e B, a ausência da marca *quando* faz aparecer, no enunciado, outras relações que emergem mediante a paráfrase por outros nexos, como:

21a – Você caiu e eu tive a lembrança disso.

21b – Eu tive a lembrança de porque você caiu.

Em que há uma relação de *adição* (21a) [A (antecedente) + B (acréscimo)], em (21b) uma relação de *causalidade* [A (causa) → B (conseqüência)]. Nesta podemos observar que a *caída* (causa) mobiliza a *lembrança* (efeito), no entanto em (21b), podemos ter também o entendimento de que a *lembrança* é exatamente da causa da *caída* e não a lembrança da queda.

Nesse enunciado com modalidade assertiva e pontual conclusivo, existe uma ação que envolve as léxis A e B, por isso há uma causalidade que permite identificar a propriedade de voz. O aspecto acabado denota que o resultado *lembrança ocorrida* (efeito) é provocado pela ação *você cair* (causa), no entanto, não é uma causa que envolve um sujeito atingindo um objeto, mas de uma ação que leva a outra ação. A predicação *você cair* que corresponde à causa não reúne as propriedades para provocar diretamente o resultado *lembrança*, nem o resultado *lembrança ocorrida* (efeito) reúne as propriedades para ser uma

conseqüência de *cair*. Portanto, não existe simetria na propriedade de voz, devido à não-compatibilidade entre os elementos envolvidos.

Na organização sintática, ao inverter a ordem das léxis nos enunciados, temos:

21c – Quando (porque) você caiu, eu tive a lembrança.

Dessa forma, *cair* se torna a causa da *lembrança*. Ainda assim não é uma causa suficiente e a implicação entre as léxis é bastante suavizada; portanto, não há simetria sintática.

O enunciado:

22 - Quando da sua queda todos ficaram comovidos.

22) (Você *quedou*) na sua queda r todos *ficar comovidos*

A

B

tem duas léxis (a léxis A está subentendida no enunciado). Na relação semântica entre A e B, a ausência da marca *quando* faz aparecer, no enunciado, relações que emergem devido ao léxico e à seqüência das léxis, mediante a presença de outros nexos, tais como nas paráfrases:

22a – Você *quedou* e (no momento) todos *ficaram comovidos*.

22b - Devido a sua queda todos *ficaram comovidos*.

Há em (22a) uma relação de *adição* [A (antecedente) + B (acréscimo)], em (22b), uma relação de *causalidade* [A (causa) → B (conseqüência)] na qual podemos observar que a *queda* (causa) provoca a *comoção* (efeito).

Esse enunciado com modalidade assertiva e aspecto pontual cessativo tem uma ação entre as léxis A e B, por isso há nele uma causalidade que permite identificar a propriedade de voz. Observa-se que a *comoção de todos* (efeito) é o resultado da ação *queda* (causa), validado pelo aspecto acabado do enunciado. A *queda* reúne todas as propriedades para provocar a *comoção* e a *comoção* é passível de ser provocada por uma queda, ainda que ambas sejam ações que envolvam sujeitos distintos. Sua *queda* é uma causa que envolve o co-enunciador paciente em uma ação e, concomitantemente, provocador do sentimento de *todos*. Daí existir simetria na propriedade de voz.

Na organização sintática, ao inverter a ordem das léxis nos enunciados, temos:

22c – Todos ficaram comovidos, quando da (devido a) sua
queda

Ainda assim, mantém-se a causalidade, *queda continua*, ser a causa de *todos ficarem comovidos*, pois a *queda* é o motivo da *comoção*; portanto, há simetria sintática.

Os enunciados:

23 – Quando eu crescer, vou ser atleta.

23) eu crescer r (eu) ir ser atleta

A

B

24 – Quando eu sair, compro o cigarro.

24) eu sair r (eu) comprar cigarro

A

B

25 – Quando eu completar 18 anos, vendo a casa.

25) eu completar 18 anos r (eu) vender casa

A

B

são compostos de mais de uma léxis. Na relação semântica entre A e B, a ausência da marca *quando* faz aparecer outras relações como nas paráfrases:

23a – *Se* eu crescer, vou ser atleta.

24a – *Se* eu sair, compro o cigarro.

25a – *Se* eu completar 18 anos, vendo a casa.

23b – *Como* eu vou crescer, vou ser atleta.

24b – *Como* eu vou sair, compro o cigarro.

25b – *Como* vou completar 18 anos, vendo a casa.

23c – *Para* eu crescer, vou ser atleta.

24c – *Para* eu sair, compro o cigarro.

25c – *Para* eu completar 18 anos, vendo a casa.

Encontramos nelas estas relações semânticas: em (23a), (24a) e (25a), há relação de *condicionalidade* [se A (antecedente) → B (conseqüente)] em que o acontecimento A é condição necessária para a realização de B; em (23b), (24b) e (25b), relação de *causalidade* [A (causa) → B (efeito)]; no entanto, a léxis A passa a carecer da presença de uma outra marca modalizadora *vou* para garantir o paralelismo com a léxis B; em (23c), (24c) e (25c), relação de *finalidade* [(para) A → B], porém a léxis B passa a ser uma condição para a realização do acontecimento descrito na A, ou seja, em (23c) *atleta* é condição para o *crescimento*; em (24c) *comprar o cigarro* é um pretexto para a *saída* e em (25c) a *venda da casa* é condição para *completar dezoito anos*. Esse enunciado (25c) poderia ocorrer, por exemplo, em um contexto em que alguém (um herdeiro) estivesse sendo coagido por meio de ameaças à sua vida para vender a casa, se não quisesse ser assassinado.

Os enunciados (23) e (24) têm uma modalidade que conjuga o possível com o provável e o aspecto hipotético progressivo. Em (23) o aspecto é preso a uma condicionalidade: se *crescer* → *ser atleta*; em (24) nota-se também um aspecto freqüentativo *sempre sair e comprar cigarro*. O enunciado (25) tem uma modalidade que conjuga o possível com a certeza e um aspecto hipotético progressivo que apresenta um curso com término pontual aos 18 anos. Há nos três enunciados, uma ação que envolve as léxis na perspectiva de um resultado; portanto, há uma causalidade que permite identificar a perspectiva de uma propriedade de voz.

Entretanto, as relações de causalidade nos três enunciados são hipotéticas, porque estão projetadas para um tempo futuro. Assim em (23), o *crescimento* (causa) não é suficiente para tornar alguém *um atleta*, nem *ser atleta* reúne as propriedades para ser uma consequência factual do *crescimento*; em (24), o *eu sair* não é causa suficiente para *comprar o cigarro*, pode ser uma ação necessária, nem *comprar cigarro* reúne as propriedades para ser uma consequência factual de *sair*, por isso esses dois enunciados têm uma modalidade que conjuga o possível com o provável e a validação das ações (léxis A) dependentes dos resultados (léxis B). Devido a isso, em (23) e (24) não há uma efetiva propriedade de voz nem simetria semântica entre as léxis A e B.

No enunciado (25), a ação *completar 18 anos* não é causa suficiente para *vender a casa*, é certamente um pré-requisito legal ou uma causa necessária, e *casa* reúne as propriedades para ser vendida, portanto pode ser uma consequência após o *completar dezoito anos*. A modalidade desse enunciado conjuga a possibilidade da ação *completar 18 anos* (léxis A) com a certeza de um resultado *casa vendida* (léxis B); portanto, no enunciado (25), há propriedade de voz com simetria, apreendida em uma perspectiva nocional.

Na organização sintática, ao inverter a ordem das léxis nos enunciados, temos:

23d – Vou ser atleta quando (porque vou) eu crescer.

24d – Compro o cigarro quando eu (porque vou) sair.

25d – Vendo a casa, quando eu (porque vou) completar 18 anos.

Nestes enunciados (23d), (24d) e (25d), não há mudança na causalidade, após a inversão das léxis. Portanto, podemos admitir a presença de uma simetria sintática neles.

O enunciado:

26 – Não sei até quando o dinheiro vai durar.

26) (eu) saber r dinheiro durar

A

B

é formado por duas léxis. Nele a marca *quando* não é um conector, mas expressa uma circunstância de tempo e aparece combinada com a marca *até*. Essas duas marcas poderiam ser parafraseadas com outras marcas que não portam em si a noção de temporalidade. Se observarmos:

26a – Não sei *se* o dinheiro vai durar.

26b – Não sei *como* o dinheiro vai durar.

26c – Não sei *para que* o dinheiro vai durar.

26d – Não sei *por que* o dinheiro vai durar.

veremos que em (26a) a marca “se” introduz uma noção de *dúvida* já expressa pela léxis A “não sei”; em (26b), a marca “como” incorpora no enunciado uma noção de *modo* associada à noção de *dúvida* expressa pela léxis A; em (26c) a marca “para que” agrega ao enunciado uma noção de *finalidade* associada à

noção de dúvida expressa pela léxis A e em (26d) a noção de uma indagação da causa, razão, justificativa para o dinheiro, o *dinheiro durar*.

Nota-se, por meio das paráfrases, que não existe uma causalidade entre as léxis A e B no enunciado (26), já que a léxis A é apenas uma circunstância da B; assim, também não há uma propriedade de voz inter-léxis na medida em que não se apreende uma ação que envolve as léxis A e B desse enunciado.

Na organização sintática, ao inverter a ordem das léxis, temos:

26d – Até quando o dinheiro vai durar, não sei.

que não tem uma relação de causalidade, mas, por não alterar o sentido com a inversão, temos a simetria sintática.

Os enunciados:

27– Vais sair quando?

27) – (tu) ir sair?

28 – Você virá quando?

28 – Você vir?

são idênticos aos enunciados (8), (19) e (20) no que concerne a sua composição, eles têm apenas uma lexis; portanto, não há nenhuma relação em torno da marca *quando*, porque tal marca aqui não é um conector.

3.3 CONCLUSÕES DESSAS ANÁLISES

Após analisarmos os 28 enunciados com a marca *quando*, fazer paráfrases dessa marca com outros conectores, percebemos que podem emergir outras relações mediante a retirada da marca e a inserção de outros nexos. Ao analisar a propriedade de voz, observamos certas peculiaridades.

Observamos que, quando temos mais de uma léxis no enunciado e há uma causalidade entre elas, ocorre uma propriedade de voz. Essa propriedade é decorrente de uma ação que leva a um resultado, combinada com a modalidade e o aspecto. Constatamos ainda que:

- os enunciados (1), (2) e (25), ainda que tenham mais de uma léxis, não têm propriedade de voz;
- os enunciados (3), (4), (6), (7), (9), (11), (23), (24) têm propriedade de voz, mas a ação (léxis A) depende do resultado (léxis B) para ser validada, porque os enunciados têm um aspecto não-acabado e a modalidade assertiva ou têm uma modalidade que conjuga o possível com o provável. Nesses enunciados, ainda não se tem um resultado factual;
- os enunciados (5), (12), (18) e (25) têm propriedade de voz com simetria semântica entre ação → resultado, pois o aspecto é acabado para os enunciados com modalidade assertiva. No enunciado (25), que tem uma modalidade que conjuga o provável com a certeza, o resultado é

apreendido nocionalmente. A simetria ocorre porque há compatibilidade entre os elementos da esquerda e da direita no enunciado;

- os enunciados (09), (13), (14), (15), (16), (17), (21) e (22) têm propriedade de voz, porque o aspecto é acabado quando a modalidade é assertiva, mas não têm simetria semântica entre causa → efeito porque não há compatibilidade entre os elementos da esquerda e da direita no enunciado;

Dessa forma, entendemos que a propriedade de voz está ligada à correspondência entre ação e resultado, ao aspecto, à modalidade e à compatibilidade entre os elementos predicados na relação de causalidade.

No próximo capítulo, analisaremos as operações de localização e os valores referenciais que envolvem as operações de linguagem com a marca *quando*.

CAPÍTULO IV

Se eu morrer, morre comigo
um certo modo de ver.
Tudo foi prêmio do tempo
e no tempo se converte.
(...)
O tempo fluiu sem dor.
(Carlos Drummond de Andrade)⁴²

4 ESPAÇO DE REFERÊNCIA TEMPORAL

Todo o trabalho do lingüista consiste em mostrar como os sistemas específicos de tempo lingüístico são apenas casos possíveis de representações (no sentido de “traços”) que não desmontam a invariância de nossas representações cognitivas da temporalidade.⁴³
(CULIOLI, 1999 t.2, p. 172)

Para Culioli, o enunciado resulta de um conjunto de operações de localização abstrata que incidem sobre um termo e o localizam em relação a um segundo termo. O termo localizado adquire, assim, uma determinação que não tinha antes.

A passagem da estrutura de origem a uma estrutura dotada de significação mediante as operações enunciativas corresponde à construção de um acontecimento lingüístico localizado em relação ao parâmetro situação de enunciação, que é o localizador de origem de toda a cadeia de operações.

⁴² - Carlos Drummond de ANDRADE in: MORAES, Lygia Marina. **Conheça o escritor Carlos Drummond de Andrade**. 4.ed. Rio de Janeiro: Record, 1978, p. 48.

⁴³ - Tout le travail du linguiste consiste à montrer que les systèmes spécifiques de *tenses* ne sont que des cas possibles de représentations (au sens de “traços”), qui n’entament pas l’invariance de notre représentation cognitive de la temporalité.

Na discussão que segue, trataremos da construção da significação nos enunciados e da relação da marca lingüística *quando* nas operações de localização, que atribuem determinação a cada um dos termos. Entretanto, como construir significado é referenciar, vamos abrir parênteses para fazer uma breve reflexão acerca da referência e da significação antes de prosseguir com as análises.

4.1 REFERÊNCIA

O conceito de referência é bastante abstrato por se tratar de uma operação cognitiva que envolve linguagem e pensamento, além do mundo, dimensionado e representado nos enunciados pelos enunciadores. De certa forma, não há muita discordância entre os teóricos sobre o que se poderia chamar de referência.

Grande parte dos estudos acerca da referenciação⁴⁴ envolve, geralmente, a anáfora, os dêiticos e os nexos coesivos do discurso. Embora sejam importantes os estudos da referência nos campos da análise do discurso ou da conversação, não daremos ênfase a essa perspectiva de estudo. Entendemos que a referência deve ser vista como uma operação que vai além de arranjos textuais

⁴⁴ -Marcuschi (2000), Marcuschi; kock (2002), Mondada (2005), Kock (2005) Ilari (2005), Cavalcante (2005, 2003), Salomão (2005), Zamponi (2005) Lima (2005), Jubran (2005), Morato (2005), Bentes; Rio (2005), Cruz (2005), Cortez (2005), Milner (2003); Mondada; Dubois (2003), Apothéloz (2003).

representados; ela está em toda operação de linguagem capaz de proporcionar a representação do pensamento. Ricoeur (2000) afirma que

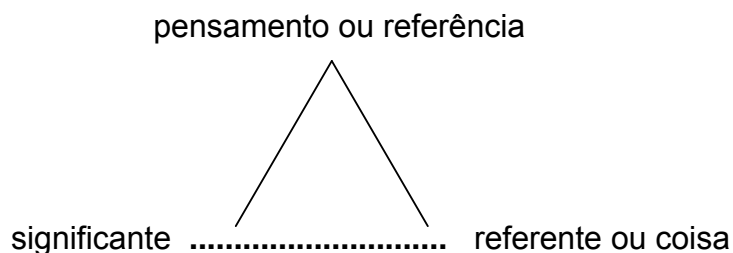
[...] enquanto postulado da semântica, a referência ressalta, antes de mais nada, o caráter sintético da operação central do discurso, a saber, a predicação, e opõe esta operação a um jogo de diferenças e de oposições entre significantes e significados. (RICOEUR, 2000, p. 331)

Para Ducrot (1972) “[...] referenciais são as expressões que permitem ao locutor designar, para o destinatário, um ou mais objetos particulares do universo do discurso [...]”. Conforme Azeredo (1999) “[...] a referência constitui o conjunto dos meios pelos quais o locutor designa, no discurso, as variáveis do contexto: ele próprio (o locutor), o interlocutor, o tempo, o espaço, o assunto”.

Como esses conceitos apresentados informam a referência não é apenas a gramaticalização da linguagem por meio de uma classificação de marcas no discurso. Tentaremos entender como se estabilizou o significado de referência partindo da afirmação de Saussure (1969, CLG, p. 80), que diz “[...] o signo lingüístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica” e conclui classificando-o como “uma entidade psíquica de duas faces [...]”.

Essa dicotomia proposta por Saussure é complementada por Ogden e Richards⁴⁵, que acrescentam à definição de signo a coisa significada e dessa forma descrevem o signo constituído por uma relação triádica da seguinte maneira:

⁴⁵ RICHARDS, I. A. & OGDEN, C. K. apud: Castelar de CARVALHO. **Para compreender Saussure**, 11 ed., Petrópolis: Vozes, 2002, p. 29.



A proposição de Saussure é a de que a significação provém do jogo de formas materiais. No entanto, a referência é a função que permite às unidades e aos enunciados da língua remeter ao mundo real ou ideal em um sistema de correspondência que, em uma perspectiva clássica, tende a se conceber como estável e imediata. Por isso releva-se uma relação de transparência e adequação das unidades da língua, às idéias que elas permitem representar e que são, em si, suficientes para constituir as representações do mundo. A referência não é feita com um objeto real, mas com um objeto do pensamento.

Conforme Mateus et. al. (1989, p. 51) “[...] uma expressão de uma dada língua natural, quando usada em um dado contexto comunicativo, tem um dado significado e um dado valor referencial”. Dessa forma, por meio de uma expressão nominal ou pronominal, nomeia-se o objeto (real ou imaginário) ou a ele se faz referência, o qual é construído como exterior à própria língua. Esse objeto é o referente da expressão usada para referir. Além de um referente, a cada expressão nominal associa-se, igualmente, um sentido (ou significado).

Para Benveniste (1989, p. 84), “[...] a questão é ver como o sentido se forma em palavras [...]”, pois “[...] antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua [...], já que

[...] desde que o locutor se declara e assume a língua, ele implanta o *outro* diante de si, qualquer que seja o grau de presença que ele atribua a este outro [...]. Na enunciação a língua se acha empregada para a expressão de certa relação com o mundo. A condição mesma dessa mobilização e dessa apropriação da língua é, para o locutor, a necessidade de referir, pelo discurso, e, para o outro, a possibilidade de co-referir identicamente no consenso pragmático que faz de cada locutor um co-locutor. A referência é parte integrante da enunciação. [...] a presença do locutor em sua enunciação faz com que cada instancia de discurso constitua um centro de referência interno. Esta situação vai se manifestar por um jogo de formas específicas cuja função é a de colocar o locutor em relação constante e necessária com sua enunciação (BENVENISTE, 1989, p. 84).

A proposição feita por Saussure é a de que a significação provém do jogo das formas materiais, porém, se retornarmos ao triângulo apresentado por Ogden e Richards, poderemos entender que há, entre a imagem acústica e a representação mental, a referência. Isso postula uma diferença entre sentido e referência, pois, de um lado, há formas descritíveis e definidas (significante) e, de outro, há significado; manifestações, conforme Benveniste (*op. cit.*), “[...] *livres, fugidias, imprevisíveis*”.

Frege (1978) já afirmara a existência dessa dicotomia entre sentido e referência. Para esse lógico,

A conexão regular entre sinal, seu sentido e sua referência é de tal modo que ao sinal corresponde um sentido determinado e, ao sentido, por sua vez, corresponde uma referência determinada, enquanto que a uma referência (a um objeto) não deve permanecer apenas um único sinal. O mesmo sentido tem expressões diferentes em diferentes linguagens, ou até na mesma linguagem [...] um sentido nunca assegura sua referência (FREGE, 1978, p. 63).

No entanto, o que permite construir o significado? Que operações cognitivas regulam e estabilizam as formas lingüísticas?

Se a comunicação lingüística tem, muitas vezes, por objeto a realidade extralingüística, é possível entender que o sentido faz parte do sistema que é a língua. Já o referente é o objeto, real ou imaginário, cuja existência é construída lingüisticamente como exterior a esse mesmo sistema. Assim, o sentido de uma

expressão é interno à língua; é o lugar que essa expressão ocupa em um sistema de relações semânticas com outras expressões da língua, delimitando-se mutuamente. Há expressões que nascem e outras que desaparecem ou se modificam e a organização relativa das expressões que coexistem é continuamente feita e refeita. Parafraseando Culioli, diríamos que a significação se encontra na essência da língua.

4.1.1 Processo de referenciação

Como afirmam Mondada e Dubois (2003, p. 20) “[...] a referenciação não diz respeito a ‘uma relação de representação das coisas ou dos estados de coisas’, mas a uma relação entre o texto e a parte não lingüística da prática em que ele é produzido e interpretado.” Dessa forma, podemos entender que o processo de referenciação é constitutivo do ato de enunciar. Então o que seria a referenciação?

Reportando a Culioli, diríamos que referenciação é um processo pelo qual o sujeito constrói e (re)constrói a significação lingüística na analogia representação-referente. Nessa operação, o sujeito enunciador localiza a relação que se estabelece entre os termos mediante a situação de enunciação e seu pensamento, direcionado-se ao sujeito co-enunciador. No nível do enunciado, essa valoração da referência vai depender do ponto de vista daquele que enuncia, em relação àquilo que ele supõe ser o pensamento ou a posição de seu

interlocutor e àquilo que ele visa a construir como juízo de valor do deslocamento de certo número de significações anteriores, presentes ou possíveis.

Essa relação intersubjetiva, que se estabelece no processo de referenciação, está presente nos postulados de Mondada e Dubois:

[...] passar da referência à referenciação [...] implica uma visão dinâmica que leva em conta não somente o sujeito “encarnado”, mas ainda um sujeito sócio-cognitivo mediante uma relação indireta entre os discursos e o mundo. Este sujeito constrói o mundo ao curso das suas atividades sociais e o torna estável graças às categorias - notadamente às categorias manifestadas no discurso. Isto significa que, no lugar de fundamentar implicitamente uma semântica lingüística sobre as entidades cognitivas abstratas, ou sobre os objetos *a priori* do mundo, nós nos propomos a reintroduzir explicitamente uma pluralidade de atores situados, que discretizam a língua e o mundo e dão sentido a eles, constituindo individualmente e socialmente as entidades (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 20).

O enunciado tem, na sua base, uma proposição, ou conteúdo proposicional, que é uma estrutura abstrata⁴⁶ à qual se associa um sentido. Quando a proposição sofre operações de determinação, pelas quais lhe são atribuídos os valores de quantificação e qualificação (singular, plural, etc.), valores modais (epistêmica assertiva, apreciativa, intersubjetiva, etc.), temporais (anterioridade, simultaneidade e posterioridade), aspectuais, etc., torna-se um enunciado e podemos então lhe associar um valor referencial.

Para Mateus et. al. o processo de referência é o próprio ato enunciativo, como afirmam na passagem :

[...] o significado e o valor referencial⁴⁷ de uma proposição são função do significado dos elementos que a constituem e das condições em que a frase que a exprime foi enunciada. Em particular, o seu valor referencial é função do significado dos seus elementos e de um conjunto de parâmetros enunciativos, de que fazem parte o locutor (LOC), o alocutor (ALOC), o tempo, o espaço, o discurso anterior e o universo de referência (MATEUS et. al., 1994, p 51).

⁴⁶ - Entendemos que a estrutura abstrata (primitiva) se trata da léxis a ser predicada.

⁴⁷ - O conceito de valor referencial externado pelas autoras não tem a mesma concepção do que adotaremos em nossa investigação.

As reflexões que apresentamos sobre sentido e referente, sobre signo (palavras) e frases e sobre o processo de referenciação parecem relegar o conteúdo do referente para um plano exterior à atividade lingüística. Entretanto, a abordagem que norteará nossa pesquisa é a de que a linguagem é um processo de representação, regulação e referenciação⁴⁸.

Ao construirmos referência, produzimos seqüências lingüísticas que são associadas não a segmentos de um mundo, real ou não, inteiramente exterior a atividade da linguagem, mas a segmentos de um universo que nós próprios projetamos de acordo com a nossa experiência. Assim, nosso entendimento é o de que referenciar não corresponde a estabelecer uma relação direta entre o enunciado e um referente extralingüístico, mas a operar cognitivamente sobre a linguagem.

4.2 VALORES REFERENCIAIS

A escola culioliana se distingue no campo da semântica referencial por introduzir um nível referencial intermediário entre o sentido e o referente, designado como aquele de valor referencial do enunciado. Como o referente, o valor referencial é aquilo a que um enunciado se refere: os enunciados têm, portanto, uma dupla referência. Mas o valor referencial é construído pelo enunciado e não tem outra existência que não seja a que o enunciado lhe confere: é uma construção lingüística constituída de entidades aparentando a ordem da linguagem. Ela é aquilo que o enunciado diz tal qual o referente, mantido na sua exterioridade da língua, não é aquilo que o enunciado fala. Ela se dá em conseqüência de uma reconstrução do referente [...].⁴⁹ (VOGUE, 1999, p. 77).

⁴⁸ - Esse é o conceito de linguagem na perspectiva da Teoria das Operações Enunciativas.

⁴⁹ - L'école culiolienne s'est distinguée dans le champ de la sémantique référentielle en introduisant un niveau référentiel intermédiaire entre sens et référent, désigné comme celui de la valeur référentielle de l'énoncé. Comme le référent, la valeur référentielle est ce à quoi un énoncé

O que leva à construção de um valor referencial⁵⁰? Metaforicamente Vogue (1999b) descreve o processo da construção de um valor referencial como se fosse um cenário no sentido cinematográfico, onde o enunciado fornece todos os recursos necessários à filmagem para se reconstituir a cena. Esse cenário apresenta, de um lado, as entidades particulares (pessoas, eventos, situações etc.) que ali se configuram e, de outro, as qualidades a que tais entidades se encontram ligadas. Há, portanto, uma dupla dimensão: a quantitativa (Qnt) e a qualitativa (Qlt). A relação ajusta-se entre essas duas dimensões. Partindo-se dos elementos qualitativos - noções que revêem os lexemas implicados no enunciado – e das configurações operadas pelos diferentes marcadores do enunciado é que se encontram as entidades mobilizadas como valor referencial.

De certa forma, o valor referencial supõe ser uma abstração com feitiço particular cuja noção instanciada por ele é a mesma que o define. Subentende-se aqui a possibilidade da passagem do qualitativo das noções ao quantitativo das ocorrências, para que as noções, em si, tenham, no fato desejado, uma dimensão quantitativa. Essa relação *paradoxal* parece ser constitutiva do tipo de material semântico que mobiliza os lexemas de uma língua.

Uma noção é uma instância de ordem qualitativa e caracteriza-se por uma configuração particular de qualidades diferenciadas. A qualidade é

réfère: les énoncés ont donc une double référence. Mais la valeur référentielle est construite par l'énoncé, et n'a d'autre existence que celle que l'énoncé lui confère: c'est une construction linguistique, constituée d'entités appartenant à l'ordre du langage. Elle est ce que l'énoncé dit, alors que le référent, maintenu dans son extériorité à la langue n'est que ce dont l'énoncé parle. Elle se donne par conséquent comme une reconstruction du référent [...].

⁵⁰ - Na citação de Mateus, referimo-nos a um valor referencial, no entanto a valoração no seu estudo, que tem uma perspectiva funcionalista, é diferente da valoração na abordagem de Culioli, pois, pelo que nos parece, tomando por base as leituras que fizemos, para o que a autora afirma ser um valor referencial, entende-se que seja um processo de referenciação, comparável às Operações Enunciativas da teoria Culioliana.

necessariamente qualidade de qualquer coisa e implica, portanto, um campo de “suporte” externo que é de ordem quantitativa. Sem dúvida, pode-se considerar a qualidade uma abstração feita de toda quantidade particular, suscetível de a suportar: uma abstração daquilo que constitui a particularidade da quantidade. O quantitativo é uma das dimensões dos diferentes lexemas que constituem uma língua.

Em certos lexemas, a própria semântica vai definir e caracterizar um tipo particular de entidade. Este é o caso, por exemplo, de lexemas como *cão*, *chocolate* e *leitura*. Não se saberia definir as noções a que esses lexemas se referem sem que eles passem por uma explicitação do que seja uma entidade *ser cão* ou *ser chocolate* e do que seja a atividade *leitura*. Esses léxicos têm em si as qualidades próprias que lhes caracterizam e a primeira delas é ser entidade ou ser não-entidade.

Para o lexema *chocolate* descrever a noção de chocolate e explicitar tal propriedade, necessitaria, ainda, precisar que se trata de uma substância particular. Tal propriedade, de acordo com os dicionários, traz apenas a definição daquilo que recobre a noção e não as qualidades que a noção recobre, ou seja, aquilo que é o chocolate e não como ele é. Os conceitos de noção e de qualidade devem, portanto, para o gênero de lexemas, ao menos ser diferenciados, pois as entidades se encontram também mobilizadas na definição das noções e constituem um campo de padrões, próprios a configurar quantitativa e qualitativamente.

Um lexema mais estritamente qualitativo como *doçura* (ligado a uma forma adjetiva) não remete a uma substância particular, mas à propriedade particular de

certas substâncias. Ainda assim a noção conserva uma dimensão quantitativa, mas implica, necessariamente, um suporte que vai localizar e especificar a doçura, fazendo a noção determinar, de uma maneira ou de outra, sobre as bases qualitativas, o padrão das ocorrências que a poderiam instanciar. O quantitativo se acha, dessa forma, duplamente implicado em tais noções, não somente pelas vias de um tal padrão, mas também pelas vias dos suportes que a qualidade pode convocar. Como toda qualidade implica os tais suportes, pode-se sustentar que uma noção como a de *doçura* convoca os suportes de maneira mais fundamental, no caso ainda mais interna.

Não importa qual a natureza dos suportes que estão sujeitos a se aplicar à qualidade *doçura*; pode-se pensar em todo campo de coisas que são suscetíveis de serem doces: *coberturas, balas, sabor* ou outros, mas, ao contrário, é mais difícil, por exemplo, de aceitar *um ovo, um triângulo* ou *um canivete* serem dados como doce. Ora, quando se invoca a noção de doçura, engloba-se outra qualidade em si: o conjunto de seus suportes potenciais. Nisso o conceito de noção presente, aplicado no uso ordinário, parece mais difuso e mais amplo que o conceito de qualidade: ele recobre em definitivo o domínio de tudo aquilo que não se poderia dizer que é doce. Isso quer dizer que uma noção como a de *doçura* vai determinar, sobre as bases qualitativas, não somente o padrão de suas eventuais instanciações quantitativas, mas também a configuração própria dos suportes que ela implica.

Pode-se imaginar um *triângulo*, um *canivete* ou um *ovo* doces, mas faltaria achar nesses nomes um suporte para *doçura*, a menos que se dissesse, por exemplo, *a doçura do traço do triângulo, a doçura do tamanho do canivete* ou *a doçura do sabor do ovo*. Ainda assim, *triângulo, canivete* e *ovo* só estariam afetados pela

noção de doçura que a eles é aplicada, já que essa qualidade não lhes é própria. Isso supõe que tal noção apenas seja conhecida por um operador, condicionando seus operantes, e, portanto, os termos que lhe podem servir de argumento, definindo-se no argumento tomado. Eles exigem, dessa forma, que se coloquem em cena os argumentos. Portanto, dizer *doçura* implica, necessariamente, um tipo particular de entidade suscetível de ser doce.

Admitindo a implicação do quantitativo nas noções (sob a forma de padrões ou de suportes), compreendemos como se dá a construção dos valores referenciais. A partir das noções, pode-se elaborar o cenário onde as quantidades são colocadas em cena, uma vez que os enunciados ainda não são estáveis e evocam a forma de cenário onde as próprias noções são dotadas de um poder de estabilidade. Elas estabilizam, sobre as bases qualitativas, as quantidades que as implicam.

4.2.1 Referência compacta, densa e discreta

A construção de ocorrências passa por um esquema de individuação que coloca em jogo ponderações variáveis sobre QNT e QLT. Essas ponderações resultam nas operações de determinação em interação com as propriedades lexicais dos termos abrangentes. Discreto, compacto e denso correspondem a tipos de ponderações diferentes [...] ⁵¹ (CULIOLI, 1999 t.3, p. 14).

Essa citação antecipa o aspecto principal da nossa reflexão, que é um esclarecimento de como se dão as ocorrências por meio da balança Qnt e Qlt.

⁵¹ - La construction d'occurrences passe par un schème d'inviduation qui met en jeu des pondérations variables sur QNT et sur QLT. Ces pondérations tiennent aux opérations de détermination en interaction avec les propriétés lexicales des termes concernés. Discret, compact, dense correspondent à des types de pondération différents,[...].

A unidade lingüística apresenta uma maleabilidade que lhe é inerente e que se traduz pelas diferentes relações entre suas dimensões Qnt e Qlt. Essas deformações, por serem independentes desta ou daquela unidade lingüística, correspondem, assim, a um dos planos nos quais as operações regulares, provenientes da atividade de linguagem, tornam-se presentes: plano do modo de construção referencial (referências compacta, densa, discreta).

Em vez de ser simplesmente o quantitativo de um lado - as ocorrências, e o qualitativo de outro - as noções, podendo então ser diversamente colocados em relação, obtendo-se na discussão duas dimensões quantitativas e duas dimensões qualitativas: ao lado da configuração qualitativa sobre a qual se organiza a noção, há também as qualidades próprias que as ocorrências possuem enquanto entidade particular. No resultado, um jogo, portanto, as conseqüências são extremamente importantes sobre o modo de constituição dos valores referenciais⁵² (VOGUE, 1999b, p. 84).

A ocorrência é definida com base na noção. Mas há, com certeza, três possibilidades de correspondências sobre as quais se pode fundir a relação entre ocorrência e noção: uma correspondência qualitativa, uma correspondência quantitativa ou uma correspondência simultaneamente quantitativa e qualitativa. No primeiro caso, a ocorrência é uma entidade particular cujas qualidades correspondem àquelas pelas quais a noção se define, mas isso não implica necessariamente que ela se dê como instanciação quantitativa dessa noção. No segundo, ao contrário, a ocorrência é uma instanciação quantitativa da noção. Não é mais necessário efetivamente, na qualidade de entidade particular. No terceiro caso, enfim, faz-se a convergência das duas dimensões: a ocorrência é dada como uma instanciação quantitativa da noção e, a um tempo, verifica a dimensão qualitativa dessa noção.

⁵² - Au lieu d'avoir simplement du quantitatif d'une part, les occurrences, et du qualitatif d'autre part, les notions, pouvant alors être diversement mis en relation, on a en lice deux dimensions quantitatives, mais aussi deux dimensions qualitatives: à coté de la configuration qualitative sur laquelle s'organise la notion, on a aussi les qualités propres que possède l'occurrence en tant qu'entité particulière. Il en résulte un jeu, dont les conséquences sont extrêmement importantes sur le mode de constitution des valeurs référentielles.

De uma maneira mais objetiva, os três tipos de valores referenciais do quadro teórico de Antoine Culioli podem ser explicitados da seguinte forma⁵³:

4.2.1.1 Valor referencial compacto

No valor referencial compacto, é atribuída ao suporte uma qualidade sem o recorte espaço-temporal. Se falamos em suporte, é porque o termo lingüístico (ou o segmento lingüístico) ao qual é atribuída essa função não apresenta nenhuma individualidade. Como afirma Culioli, “no caso do **compacto**, o tipo não faz o papel preponderante, é a construção de um gradiente que é fundamental⁵⁴.” (CULIOLI, 1999 t.3, p. 14).

Como exemplo desse valor referencial, tomamos o enunciado:

1 - *A doçura do clima da serra.*

Em (1) *clima*, que corresponde ao suporte, é apreendido exclusivamente sob o aspecto de *doçura*: atribui-se a *clima* a qualidade *doçura*. Nos exemplos:

2 - *O pé da mesa está jogando.*

3 - *O avião jogou muito.*

⁵³ - As explicações que se seguem, inclusive os exemplos apresentados, são contribuições de LOPES (2000) apresentadas em sua tese de doutorado, cuja referência se encontra na bibliografia.

⁵⁴ - Dans le cas du **compact**, le type ne joue pas de rôle prépondérant, c'est la construction d'un gradient qui est fondamentale

4 - *A madeira Trabalhou.*

vemos que, em (2) e (3), o *pé da mesa* e o *avião* são suportes de um jogo que é visto como pura qualidade. Da mesma maneira que dizemos *o pé da mesa está bambo*, dizemos que *ele está jogando*. Em (4), observa-se o mesmo fenômeno: *madeira* é vista como *madeira da janela*, *madeira do piso* que está *inchada*, *estufada*. *Madeira* é um simples suporte de uma qualidade apreendida por meio do verbo trabalhar.

Em:

5 - *Ele bebeu muito, mas hoje não bebe mais.*

ele é o suporte da qualidade *beber*, o que nos leva à interpretação *ele era alguém que bebia demais*, *ele era um bebum*. *Beber + muito* são apreendidos como ser *bebum*.

4.2.1.2 Valor referencial denso

No valor referencial denso, quando se trata de nomes (substantivos), o termo que instancia age como mero localizador. Quando se refere aos processos, não se observa nenhuma finalização; o processo é visto como pura atividade. Para Culioli, “o **denso** corresponde a um misto, um caso intermediário e instável. Nem QNT, nem QLT são preponderantes. Não há forma típica que se estabilize.

Neste caso, QNT corresponde a formas de amostragem⁵⁵ (CULIOLI, 1999 t.3, p. 14).

Para exemplificar esse valor, tomemos, por exemplo:

6 - *Um pouco de doçura só faz bem.*

Nesse caso, *um pouco de* permite quantificar *doçura*. Contudo, essa *doçura* quantificada não deixa de ser *doçura*; continua apresentando todas as qualidades relativas à *doçura*.

Em:

7 - *As crianças estão jogando na rua.*

as crianças são responsáveis pelo desenrolar de um jogo, que só existe enquanto jogo à medida que as crianças jogam.

E em:

8 - *Ontem , ele bebeu, dançou, se divertiu à beça.*

o que é absolutamente importante é que, durante um determinado espaço de tempo, definido por *ontem*, ele *bebeu*, ele fez o que se conhece por *beber*.

⁵⁵ - Le **dense** correspond à un mixte, un cas intermédiaire et instable. Ni QNT, ni QLT ne sont prépondérants. Il n'y a pas de forme type qui stabilise. Dans ce cas, QNT correspond à des formes de prélèvement.

4.2.1.3 Valor referencial discreto

Com base em propriedades primitivas, ocorrem nomes ou processos que se apresentam no enunciado com o funcionamento do tipo *discreto*, remetendo para ocorrências enumeráveis, quantificáveis e individualizadas.

No caso do **discreto**, QNT é preponderante e o tipo é privilegiado com relação ao atrator. Trata-se de um modo de construção de uma ocorrência tal que a delimitação de uma porção de espaço-tempo seja privilegiada. A estabilidade da ocorrência se fundamenta sobre a relação do tipo. Exibir um representante de uma propriedade faz parte de um funcionamento do tipo discreto [...].⁵⁶ (CULIOLI, 1999 t.3, p. 14).

De forma mais objetiva, poderíamos dizer que o funcionamento do tipo discreto é pré-identificado por um formato; ele traz em si uma validação (o indivíduo, ao responder a um formato, corresponde a uma discretização da noção). Em relação aos processos, verifica-se a construção de um resultado, chega-se a um fim. Isso pode ser verificado em:

9 - *Hoje não me resta mais do que uma amarga doçura.*

Nesse enunciado, a doçura instanciada não deixa de ser *doçura* individualmente. A expressão nominal *uma amarga doçura* não deixa de ser exatamente a *doçura*; ela é diferente por ser amarga, mas ela é uma ocorrência singular.

Em:

10 - *Jogou a herança inteirinha no cassino.*

⁵⁶ - Dans le cas du **discret**, QNT est prépondérant et le type est privilégié par rapport à l'attracteur. Il s'agit d'un mode de construction d'une occurrence tel que la délimitation d'une portion d'espace-temps soit privilégiée. La stabilité de l'occurrence se fonde sur la relation au type. Exhiber un représentant d'une propriété relève d'un fonctionnement de type **discret** [...].

existia algo a ser jogado – *a herança* – e, uma vez o jogo feito, não existia nada mais a ser jogado. Um *jogar* preciso ocorreu, delimitado pela *herança*.

E em:

11 - *Pronto, ele bebeu o remédio.*

o que tinha para se beber foi efetivamente bebido. Um *beber* preciso ocorreu, delimitado pelo *remédio*.

4.3 UM RETORNO À TEORIA DE ANTOINE CULIOLI

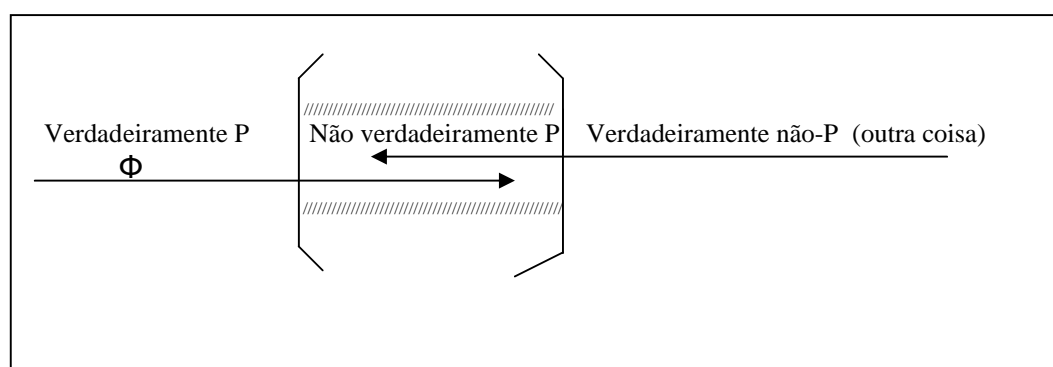
Até aqui buscamos entender a significação, ou referenciação, expondo citações, estabelecendo conceitos e, às vezes, fazendo menção do quadro teórico de Culioli, que também foi utilizado para dar suporte às análises feitas em outros capítulos II deste trabalho. A começar deste ponto, retomaremos aspectos da teoria culioliana, de forma mais específica, enfatizando aspectos que serão usados nas próximas análises da marca *quando*.

Enunciar é referenciar, essa postulação nos leva ao entendimento de que o processo de referenciação, na teoria de Culioli, representa o momento em que o co-enunciador monta e desmonta as representações, usando o esquema de léxis. É aí que se pode ter a percepção de como o domínio nocional se realiza como se fosse *um pacote*: de um lado, a relação enunciação-enunciado que envolve o

sujeito enunciador e o sujeito do enunciado; de outro lado, o tempo da enunciação e o tempo do enunciado.

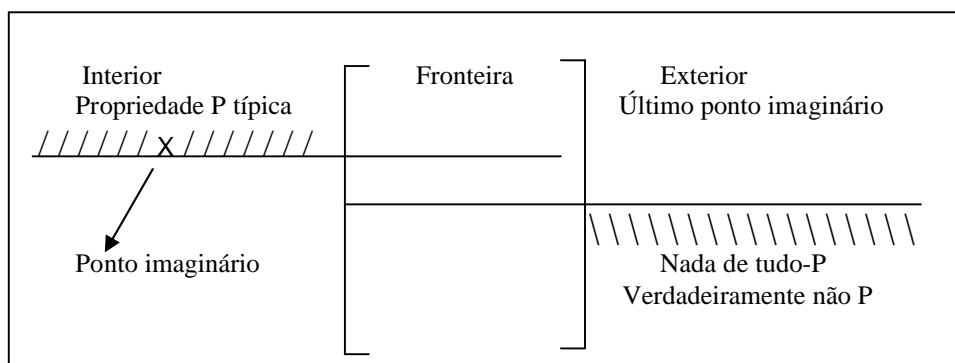
4.3.1 Domínio nocional

O domínio nocional é formado com base em uma projeção que cria uma abertura que tem como ponto de referência um *centro*, ou seja, o alto grau da noção. A partir desse centro, ocorre uma transição em que se formam gradientes por meio de *estabilizações* de noções (ocorrências), ou por *deformações*, que são as oscilações em relação ao centro. Essa transição poderia, conforme Vignaux (1988), ser representada no seguinte esquema:



Como podemos observar no quadro acima, a noção, após ser predicada, passa por um processo de regulação até ser estabilizada e, depois, opera-se uma transição, quer seja por uma referência remetida ao centro, quer tenha o centro

como ponto de partida. Esse espaço topológico – a transição - pode ser assim representado:



Em relação ao domínio nocional do tempo lingüístico, entendemos que toda ocorrência estabelece uma abertura de um domínio para tal noção. Também há mudanças de ocorrências porque os intervalos ou recortes temporais não são iguais. Assim, poderíamos situar no centro do domínio da noção o intervalo que apresenta continuidade e os instantes inicial e final; entre o centro e a fronteira os recortes que não apresentam esses pontos inicial e final, ou seja, têm uma abertura sem fechamento e a noção sem nenhum intervalo demarcado situa-se na fronteira do domínio.

4.3.2 A operação de localização

O conceito de localização, segundo Culioli (1999 t.3), está ligado ao conceito de determinação e ao ato de situar um termo em relação a outro. Dizer que x está localizado em relação a y significa que x está situado com referência a y , que é

um localizador (ponto de referência). Esse y pode ser uma origem ou pode, ainda, ser localizado por outro localizador. Um objeto somente adquire um determinado valor por meio de um sistema de localização.

O operador de localização é notado \underline{e} (está localizado por), portanto a ocorrência $\langle x \underline{e} () \rangle$ significa que x é o determinado em uma relação que está sendo estabilizada. A partir de $\langle x \underline{e} () \rangle$ pode-se construir um localizador, diga-se y , e, assim, ter-se a relação $\langle x \underline{e} y \rangle$, isto é, x está localizado em relação a y .

Falar em localização é referir-se tanto ao estabelecimento de uma relação quanto à relação que foi estabelecida.

A operação de localização envolve duas propriedades primitivas reflexividade / não-reflexividade, simetria / não-simetria. Quando temos uma localização simétrica, reflexiva, temos identificação, mas, quando a localização tem a propriedade de não simetria, temos a diferenciação. Isso se pode notar na operação $\langle x \underline{e} y \rangle \rightarrow \langle y \underline{e} x \rangle$ (por exemplo: $\langle x \text{ possui } y \rangle$ (y é possuído por x)).

Após essa breve retomada dos postulados teóricos, prosseguiremos nossa análise da marca lingüística *quando*, para verificar como ela se comporta nas operações de localização.

Nas análises que seguem, necessariamente, não identificaremos os enunciados com mesma numeração usada nos capítulos anteriores.

4.4 ANÁLISE DAS OPERAÇÕES DE LOCALIZAÇÃO COM A MARCA QUANDO

Todo enunciado se associa a um tempo lingüístico abstrato (T_2) e seus valores referenciais de tempo resultam da relação entre T_2 e o tempo da enunciação T_0 , ou seja, resultam de uma operação de localização em que há um termo localizado e um localizador. Nas análises que seguiremos manipularemos os enunciados com a marca *quando* para verificar a operação de localização e os valores referenciais. Dessa forma, observaremos no enunciado:

I - o termo localizador e o tempo localizado;

II - a determinação / não-determinação da noção de temporalidade,

Usaremos nessa análise a seguinte legenda:

T_0 – Indicador temporal origem

T_1 – Tempo da enunciação relatada

T_2 – Tempo predicado no enunciado

T_3 – Marca de temporalidade intermédia (entre T_2 e T_0)

Não retornaremos às análises feitas, mas entendemos ser importante levar em consideração que as nossas representações resultam da aglutinação de todas as operações de linguagem em que se associam as particularidades da língua e a nossa experiência empírica de mundo. Portanto, entendemos que a modalidade, a aspectualidade, as operações de determinação e a propriedade de voz

concorrem, para que a marca lingüística *quando* assuma os valores referenciais de denso, de discreto ou compacto.

Adotaremos como procedimento metodológico o uso de paráfrases da marca *quando*, para manipular o enunciado e regular o seu sentido. Em face disso, acreditamos poder entender o seu funcionamento no contexto e identificar os valores referenciais em relação ao uso.

4.4.1 - Enunciados de valor compacto

Analisando os enunciados:

1 – Tem hora que eu sou quando uma pedra.

2 - Hoje eu estou quando infante.

notamos que acontecimento lingüístico é construído como simultâneo à situação de enunciação $T_2 = T_0$. Nas operações de localização temporal T_3 respectivamente *tem hora* e *hoje* são os tempos lingüísticos localizadores dos acontecimentos *eu sou uma pedra* e *estou infante*. T_3 também é simultâneo a T_0 , ou seja, $T_3 = T_0$. O presente lingüístico garante essa igualdade entre as coordenadas temporais.

$$T_2 = T_0 \rightarrow T_3 = T_0 \lll \ggg T_3 = T_2 = T_0$$

$$\lll \lll \underline{\epsilon} T_2 \ggg \underline{\epsilon} \lll T_3 \ggg \underline{\epsilon} T_1 \ggg \underline{\epsilon} T_0 \ggg$$

Nesses enunciados, a ocorrência de *quando* é localizada por *ser pedra* e *estar infante*. Em uma relação $\langle x \underline{\epsilon} y \rangle$, ou seja, x está localizado em relação a y , a marca *quando* ocupa o lugar de x e o seu localizador é que fornece um intervalo de tempo marcado pelo curso de uma seqüência de pontos (ou instantes), que representam o domínio da noção temporal da marca *quando*. Dessa forma, tal marca pontua um intervalo de tempo aberto em relação ao tempo crônico, nocionalmente situado no presente. Ainda que em (2) a asserção *ser infante* remeta ao passado do sujeito enunciator, essa condição é transportada para o presente pela desinência verbal *sou*.

Nos enunciados:

3 – Quando escrevo uma carta, todos lêem.

4 – Quando ficamos na janela, vemos tudo.

verifica-se que o acontecimento lingüístico é construído como simultâneo à situação de enunciação $T_2 = T_0$. Nas operações de localização temporal T_3 *quando escrevo uma carta* em (03) e *quando ficamos na janela* em (04) são os tempos lingüísticos localizadores, respectivamente, dos acontecimentos *todos lêem* e *vemos tudo*. T_3 também é simultâneo a T_0 , ou seja, $T_3 = T_0$. O presente lingüístico garante essa igualdade entre as coordenadas temporais.

$$T_2 = T_0 \rightarrow T_3 = T_0 \ll\langle\langle\rangle\rangle T_3 = T_2$$

$$\ll\langle\langle \underline{\epsilon} T_2 \rangle \underline{\epsilon} \langle T_3 \underline{\epsilon} T_1 \rangle \underline{\epsilon} T_0 \rangle\rangle$$

Nos enunciados (03) e (04), a ocorrência de *quando* é localizada, respectivamente, por (03) *escrevo* e (04) *ficamos na janela*. Em uma relação $\langle x \underline{\epsilon}$

y (x está localizado em relação a y) a marca *quando* ocupa o lugar de x e os seus localizadores se encontram em y e fornecem um intervalo de tempo marcado pelo curso de uma seqüência de pontos (ou instantes), que representam o domínio nocional de tempo da marca. Dessa forma, *quando* representa um intervalo de tempo aberto em relação ao tempo cronológico e, nesses enunciados, ele representa uma ocorrência que poderia ser regulada como pertencente ao interior do domínio da noção temporal situada em um gradiente (entre o centro e a fronteira).

Em:

5 – O homem quando adulto não tem vaidade.

6 - Letícia quando professora é exigente.

o acontecimento lingüístico é construído como simultâneo à situação de enunciação $T_2 = T_0$. Nas operações de localização temporal T_3 , representado pelas predicções⁵⁷ *quando adulto* e *quando professora*, é o tempo lingüístico localizador dos elementos *homem* e *Letícia*, presentes na asserção *o homem não tem vaidade* e *Letícia é exigente*. Esse localizador denota uma fração de tempo dentro do conjunto tempo. T_3 também é simultâneo a T_0 , ou seja, $T_3 = T_0$.

$$T_2 = T_0 \rightarrow T_3 = T_0 \lll \ggg T_2 (T_3) = T_0$$

$$\lll \in T_2 \ggg \lll \in T_3 \ggg \lll \in T_1 \ggg \lll \in T_0 \ggg$$

⁵⁷ - Essas predicções têm o estatuto de pré-construído.

A ocorrência de *quando* é localizada, respectivamente, por (05) *adulto* e (06) *professora*. Esses localizadores representam um período de tempo na vida humana: *adulto* e uma fração de tempo na existência do *homem* e *ser professora* é a soma de instantes de exercício de uma profissão; portanto, fornecem um intervalo de tempo marcado pelo curso de uma seqüência de pontos (ou instantes) que representam o domínio nocional do tempo da marca *quando*. Dessa forma, essa marca representa um intervalo de tempo situado entre o centro e a fronteira de um domínio; um recorte de tempo aberto em relação ao tempo cronológico.

Nos enunciados:

07 - Quando eu crescer, vou ser atleta.

08 - Quando eu sair, compro o cigarro.

o acontecimento lingüístico é construído como posterior à situação de enunciação: $T_2 \neq T_0$. Nas operações de localização temporal, T_3 , igual às predicções *quando eu crescer* e *quando eu sair*, é o tempo lingüístico localizador, respectivamente, dos acontecimentos presentes nas asserções *eu vou ser atleta* e *compro cigarro*. Esses localizadores projetam uma fração temporal, dentro do conjunto tempo. T_3 situa um tempo futuro em relação a T_0 , ou seja, $T_3 \neq T_0$.

$$T_2 \neq T_0 \rightarrow T_3 \neq T_0 \ll\langle\rangle\rangle T_2 = T_3 \neq T_0$$

$$\ll\langle \underline{e} T_2 \rangle \underline{e} \langle T_3 \underline{e} T_1 \rangle \underline{e} T_0 \rangle\rangle$$

Nesses enunciados, a ocorrência de *quando* é localizada em (07) por *crescer* e em (08) por *sair*. *Crescer* representa um período de tempo ainda por vir na vida humana e *sair* denota o momento de um acontecimento. Portanto, esses localizadores fornecem um intervalo de tempo marcado pelo curso de uma seqüência de pontos (ou instantes), que representam o domínio da noção temporal da marca *quando*. Dessa forma, tal marca representa um intervalo de tempo aberto em relação ao tempo cronológico.

No enunciado:

09 – Quando chovia, limpávamos a calçada.

o acontecimento lingüístico é construído como anterior à situação de enunciação $T_2 \neq T_0$. Nas operações de localização temporal T_3 , equivalente à predicação *quando chovia*, é o tempo lingüístico localizador do acontecimento presente na asserção *limpávamos a calçada*. Esse localizador indica um intervalo de tempo não determinado, pois não tem o ponto inicial nem o final. T_3 remete também a um tempo passado em relação a T_0 , ou seja, $T_3 \neq T_0$.

$$T_2 \neq T_0 \rightarrow T_3 \neq T_0 \ll\langle\rangle\rangle T_2 = T_3 \neq T_0$$

$$\ll\langle \underline{e} T_2 \rangle \underline{e} \langle T_3 \underline{e} T_1 \rangle \underline{e} T_0 \rangle\rangle$$

Nesse enunciado, a ocorrência de *quando* é localizada por *chovia*. *Chovia* representa em si um evento que denota temporalidade. Portanto, esse localizador fornece um intervalo de tempo marcado pelo curso de uma seqüência de pontos (ou instantes), que representam o domínio da noção temporal da marca *quando*.

Dessa forma, *quando* agrega em si um intervalo de tempo aberto em relação ao tempo crônico.

Esse contexto da noção de tempo inscrita na marca *quando* é não-determinado na ocorrência do enunciado que se situa entre o centro e a fronteira do domínio nocional, ou seja, uma temporalidade sem um ponto delimitador de início e de fim.

No enunciado:

10 – Quando₁ a gente se envaidece (...) é quando₂ o conceito desce....

o acontecimento lingüístico é construído como simultâneo à situação de enunciação $T_2 = T_0$. Nas operações de localização temporal T_3 , igual a *quando a gente se envaidece*, é o tempo lingüístico localizador do acontecimento *é quando o conceito desce*. T_3 também é simultâneo a T_0 , ou seja, $T_3 = T_0$. O presente lingüístico garante essa igualdade entre as coordenadas temporais.

$$T_2 = T_0 \rightarrow T_3 = T_0 \ll\ll\gg\gg T_3 = T_2 = T_0$$

$$\ll\ll \underline{\epsilon} T_2 \gg \underline{\epsilon} < T_3 \underline{\epsilon} T_1 \gg \underline{\epsilon} T_0 \gg$$

Nesse enunciado, a ocorrência de *quando*₁ é localizada por *envaidece* e *quando*₂ é localizada por *desce*. Em uma relação $< x \underline{\epsilon} y \gg$, ou x está localizado em relação a y , as marcas *quando* ocupam o lugar de x e os seus localizadores são os y e fornecem um intervalo de tempo marcado pelo curso de uma seqüência de pontos (ou instantes), que representam o domínio nocional do tempo da marca *quando*. Dessa forma, *quando* pontua um intervalo de tempo aberto em relação ao tempo crônico, representando uma ocorrência que poderia ser regulada como

pertencente ao interior do domínio da temporalidade situada em um gradiente (entre o centro e a fronteira).

Portanto, nesses enunciados de (1) a (10), encontramos:

- um intervalo de tempo não delimitado (sem início e sem fim);
- uma noção localizada dentro do próprio enunciado;
- não-pontualidade, ou seja, uma atemporalidade em termos de recorte temporal;
- uma noção situada entre o centro e a fronteira do domínio nocional de temporalidade.

Se retomarmos os enunciados:

1 – Tem hora que eu sou quando uma pedra.

2 – Hoje eu estou quando infante.

3 – Quando escrevo uma carta todos lêem.

4 – Quando ficamos na janela, vemos tudo.

5 – O homem quando adulto não tem vaidade.

6 – Letícia quando professora é exigente.

7 – Quando eu crescer vou ser atleta.

8 - Quando eu sair compro o cigarro.

9 - Quando chovia limpávamos a calçada.

10 – Quando agente envaidece (...), é quando o conceito desce.

veremos que podem ser, respectivamente, parafraseados por

1a – Tem hora que basta ser pedra → para ser eu

A B

2a – Hoje basta estar infante → para estar assim

A B

3a – Basta escrever uma carta → para carta ser lida

A B

4a – Basta ficar na janela → para tudo ser visto

A B

5a – Basta o homem ser adulto → para não ter vaidade

A B

6a – Basta ser professora → para Letícia ser exigente

A B

7a – Basta crescer → para ser atleta

A B

8a - Basta sair → cigarro ser comprado

A B

9a – Basta chover → calçada ser limpa

A B

10a – Basta a gente envaidecer → para conceito descer

A B

Com esse procedimento, é possível notar que a léxis A só pode ser apreendida do ponto de vista da léxis B, pois só existe a ocorrência em (1a) *ser pedra* do ponto de vista do *modo de ser*, em (2a) de *estar infante* do ponto de vista de *jeito*

de estar; em (3a) de *escrever uma carta* do ponto de vista da *leitura*; em (4a) de *ficar na janela* do ponto de vista da *visão*; em (5a) de *homem ser adulto* do ponto de vista do *ser vaidoso*; em (6a) *ser professora* do ponto de vista da *exigência*; em (7a) *crescer* do ponto de vista do *atletismo*; em (8a) *sair* do ponto de vista da *compra do cigarro*; em (9a) *chover* do ponto de vista da *limpeza*; em (10a) *a gente envaidecer* do ponto de vista da *descida do conceito*. Dessa forma, podemos notar que em todos os enunciados a léxis B qualifica a léxis A, conferindo-lhe um atributo, conferindo ao funcionamento da marca *quando* um valor compacto.

4.4.2 - Enunciados de valor discreto

No enunciado:

11 - Quando você estava para chegar, todos ficaram calados.

o acontecimento lingüístico é construído como anterior à situação de enunciação $T_2 \neq T_0$. Na operação de localização temporal T_3 , igual à predicação *quando você estava para chegar*, é o tempo lingüístico localizador do acontecimento presente na asserção *todos ficaram calados*. Esse localizador, no enunciado, indica um tempo não determinado. T_3 remete também a um tempo passado em relação a T_0 , ou seja, $T_3 \neq T_0$.

$$T_2 \neq T_0 \rightarrow T_3 \neq T_0 \lll \ggg T_2 = T_3 \neq T_0$$

$$\lll \quad \underline{\in} T_2 > \underline{\in} < T_3 \quad \underline{\in} T_1 > \underline{\in} T_0 \ggg$$

ainda no enunciado, a ocorrência de *quando* é localizada pela perífrase verbal *estava para chegar* que aponta para um breve acontecimento, que está na iminência de acontecer. Portanto, esse localizador fornece um intervalo de tempo marcado pelo curso de uma seqüência de pontos (ou instantes) que representam o domínio nocional da temporalidade imbricada na marca *quando*. Dessa forma, tal marca agrega em si um intervalo de tempo fechado em relação ao tempo crônico.

Esse contexto nocional de temporalidade da marca *quando* é não-determinado na ocorrência do enunciado. Situa-se entre na fronteira do domínio nocional, ou seja, uma temporalidade com um ponto delimitador de início e de fim.

Em:

12 – Quando uns trabalham, outros descansam.

verifica-se que o acontecimento lingüístico é construído como simultâneo à situação de enunciação $T_2 = T_0$. Nas operações de localização temporal T_3 *quando uns trabalham* é o tempo lingüístico localizador do acontecimento *outros descansam*. T_3 também é simultâneo a T_0 , ou seja, $T_3 = T_0$. O presente lingüístico garante essa igualdade entre as coordenadas temporais.

$$T_2 = T_0 \rightarrow T_3 = T_0 \ll\ll\gg\gg T_3 = T_2$$

$$\ll\ll \underline{\epsilon} T_2 \underline{\epsilon} < T_3 \underline{\epsilon} T_1 > \underline{\epsilon} T_0 \gg\gg$$

A ocorrência de *quando* é localizada por *uns trabalham*. Em uma relação $< x \underline{\epsilon} y >$ (x está localizado em relação a y) a marca *quando* ocupa o lugar de x e os seus localizadores se encontram em y e fornecem um intervalo de tempo marcado

pelo curso de uma seqüência de pontos (ou instantes) que representam o domínio da noção temporal da marca *quando*. Dessa forma, essa marca representa um intervalo de tempo aberto em relação ao tempo crônico, mas o intervalo de *descansar* é delimitado por *trabalhar*, ele representa uma ocorrência que poderia ser regulada como oscilante entre o interior domínio da temporalidade *tempo de trabalho* e o seu complementar *tempo de descanso*.

Esse contexto nocional de temporalidade da marca *quando* é nocionalmente determinado, ou seja, tem uma temporalidade com um ponto delimitador de início e de fim, já que uma ocorrência delimita a outra.

A análise dos enunciados:

13– Quando o jogador chutou a bola, o goleiro defendeu.

14 – Quando os pais chegaram, ele saiu.

15 – Quando cheguei, todos tinham saído.

16 – Quando sentei a aula começou.

permite-nos inferir que o acontecimento lingüístico é construído como anterior à situação de enunciação $T_2 \neq T_0$. Nas operações de localização temporal, T_3 , equivalente às predicções *quando o jogador chutou a bola, quando os pais chegaram, quando cheguei e quando sentei*, é o tempo lingüístico localizador, respectivamente, das asserções *o goleiro defendeu, ele saiu, todos tinham saído e a aula começou*. Esses localizadores, em cada enunciado, determinam o instante de um acontecimento de forma pontual. T_3 situa um tempo passado em relação a T_0 , ou seja, $T_3 \neq T_0$.

$$T_2 \neq T_0 \rightarrow T_3 \neq T_0 \lll \ggg T_2 \neq T_3 \neq T_0$$

$$\lll \underline{\epsilon} T_2 \ggg \underline{\epsilon} T_3 \underline{\epsilon} T_0 \ggg \underline{\epsilon} T_0 \ggg$$

Nesses enunciados as ocorrências de *quando* são localizadas, respectivamente, em (13) por *chutou*, em (14) por *chegaram*, em (15) por *cheguei* e em (16) por *sentei*. Cada um desses delimitadores, representados pelos verbos, denotam uma noção de tempo ocorrido, por isso fornecem um intervalo de tempo marcado pelo curso de pontos (ou instantes) que representam o domínio noção temporal da marca *quando*. Dessa forma, *quando* configura-se em um intervalo de tempo fechado em relação ao tempo crônico.

Nos enunciados:

17 – Quando deram seis horas, terminei a tarefa.

18 – Quando o telefone tocou, mamãe estava fazendo almoço.

19 – Quando completar 18 anos, vendo a casa.

verificamos que o acontecimento lingüístico em (17) e (18) é construído como anterior à situação de enunciação $T_2 \neq T_0$. No enunciado (19) ele é posterior $T_2 \neq T_0$. Nas operações de localização temporal T_3 , representado pelas predicções *quando deram seis horas*, *quando o telefone tocou* e *quando completar 18 anos*, é o tempo lingüístico localizador, respectivamente, das asserções *terminei a tarefa*, *mamãe estava fazendo almoço* e *vendo a casa*. Esses localizadores, em cada enunciado, determinam o instante de um acontecimento de forma pontual. T_3 situa um tempo passado em (17) e (18) ou no tempo futuro em (19) em relação a T_0 , ou seja, $T_3 \neq T_0$.

$$T_2 \neq T_0 \rightarrow T_3 \neq T_0 \lll \ggg T_2 \neq T_3 \neq T_0$$

$$\lll \in T_2 > \in < T_3 \in T_0 > \in T_0 \ggg$$

Nos três enunciados, a ocorrência de *quando* é localizada em (17) por *seis horas*, em (18) por *tocou* e em (19) por *completar 18 anos*. Os delimitadores de (17) (marca temporal) e (18) (verbo) representam uma noção de tempo ocorrido. O delimitador de (19) (verbo + marca temporal) tem uma noção de tempo exato a acontecer. Portanto, nos três enunciados, *quando* fornece um intervalo de tempo marcado pelo curso de pontos (ou instantes) que representam o domínio nocional do tempo da marca *quando*. Dessa forma, *quando* configura-se em um intervalo de tempo fechado. Esse intervalo, no passado, tem sua pontualidade validada pelo sujeito enunciador e, no futuro, a modalidade que conjuga *possibilidade+certeza* valida essa pontualidade nocional. Portanto, em todos os enunciados, temos um intervalo de tempo fechado em relação ao tempo crônico.

O enunciado:

20 – Quando Leonardo quebrou o copo, cortou a mão.

tem o acontecimento lingüístico construído como anterior à situação de enunciação $T_2 \neq T_0$. Nas operações de localização temporal T_3 , igual à predicação *quando Leonardo quebrou o copo*, é o tempo lingüístico localizador da asserção *cortou a mão*. Esse localizador determina o instante de um acontecimento de

forma pontual. Em (20) T_3 situa um tempo passado em relação a T_0 , ou seja, $T_3 \neq T_0$.

$$T_2 \neq T_0 \rightarrow T_3 \neq T_0 \lll \ggg T_2 \neq T_3 \neq T_0$$

$$\lll \underline{\epsilon} T_2 \gg \underline{\epsilon} < T_3 \underline{\epsilon} T_0 > \underline{\epsilon} T_0 \ggg$$

Nesse enunciado a ocorrência de *quando* é localizada por *quebrou* que representa uma noção de um tempo ocorrido. O delimitador de (20) (desinência verbal) fornece um intervalo de tempo marcado pelo curso de um ponto (ou instante) que representa o domínio nocional da temporalidade da marca *quando*.

Em:

21 – Eu tive lembrança de quando você caiu.

22 – Quando da sua queda todos ficaram comovidos.

o acontecimento lingüístico é construído como anterior à situação de enunciação $T_2 \neq T_0$. Nas operações de localização temporal T_3 , equivalente às predicções *quando você caiu* e *quando da sua queda*, é o tempo lingüístico localizador, respectivamente, dos acontecimentos presentes nas asserções *eu tive lembrança* e *todos ficaram comovidos*. Esse localizador indica um intervalo de tempo pontual, pois tem o ponto inicial o final. T_3 remete também a um tempo passado em relação a T_0 , ou seja, $T_3 \neq T_0$.

$$T_2 \neq T_0 \rightarrow T_3 \neq T_0 \lll \ggg T_2 = T_3 \neq T_0$$

$$\lll \underline{\epsilon} T_2 > \underline{\epsilon} < T_3 \underline{\epsilon} T_1 > \underline{\epsilon} T_0 \ggg$$

Nesses enunciados, a ocorrência de *quando* é localizada, respectivamente, por *caiu* e *queda* (*quedou*) que fornecem um intervalo de tempo pontual marcado pelo curso de uma seqüência de pontos (ou instantes), que representam o domínio da noção temporal da marca *quando*. Dessa forma, *quando* agrega em si esse intervalo de tempo fechado em relação ao tempo crônico.

Esse contexto da noção de tempo inscrita na marca *quando* é determinado na ocorrência do enunciado e se situa entre o centro e a fronteira do domínio nocional, ou seja, uma noção temporal com um ponto delimitador de início e de fim.

Dessa forma, tal marca configura-se em um intervalo de tempo fechado em relação ao tempo crônico.

Portanto, nos enunciados de (11) a (22) encontramos:

- a existência de um intervalo de tempo fechado com início e fim;
- uma noção de temporalidade totalmente determinada no próprio enunciado;
- a estabilização de uma ocorrência que equivale à marca lingüística;
- a espaço de referência pleno, possibilitador de um domínio nocional de temporalidade localizada pelo próprio enunciado;

- a ocorrência localizada na fronteira do domínio nocional de quando.

Revendo os enunciados:

11 - Quando você estava para chegar, todos ficaram calados.

12 - Quando uns trabalham, outros descansam.

13 – Quando o jogador chutou a bola, o goleiro defendeu.

14 – Quando os pais chegaram, ele saiu.

15 – Quando cheguei, todos tinham saído.

16 – Quando sentei a aula começou.

17 – Quando deram seis horas, terminei a tarefa.

18 – Quando o telefone tocou, mamãe estava fazendo almoço.

19 – Quando Leonardo quebrou o copo, cortou a mão.

20 – Quando eu completar 18 anos, vendo a casa.

21 – Eu tive lembrança de quando você caiu.

22 – Quando da sua queda todos ficaram comovidos.

podemos inferir que:

11 – Houve um estar para chegar ----- todos calados

A

B

12 – Houve um trabalho de uns -----descanso de outros

A

B

- 13 – Houve um chute da bola ----- bola defendida
 A B
- 14 – Houve uma chegada dos pais ----- saída de alguém
 A B
- 15 – Houve uma chegada ----- saída de todos verificada
 A B
- 16 – Houve um movimento de sentar ----- aula começada
 A B
- 17 – Houve deram seis horas ----- tarefa terminada
 A B
- 18 – Houve um toque ----- almoço sendo feito
 A B
- 19 – Houve um copo quebrado ----- mão cortada
 A B
- 20 – Houve um completar 18 anos ----- casa vendida
 A B
- 21 – Houve uma caída----- lembrança ocorrida
 A B
- 22 – Houve uma queda ----- comoção de todos
 A B

Portanto, nos enunciados de (11) a (22), há um nocional temporal em que a léxis A é um acontecimento independente da léxis B. A marca *quando* coloca em relação essas léxis que poderiam, perfeitamente, ser enunciadas independentemente. A presença da marca *quando* faz de B um resultado de A. Esse funcionamento da marca assume um valor referencial discreto.

4.4.3 - Enunciados de valor denso

Analisando os enunciados:

23 - De vez em quando ela abre a janela.

24 – Não sei até quando isso vai durar!

25 – Vai sair quando?

26 – Você virá em vitória quando?

verifica-se que o acontecimento lingüístico dos enunciados (23) e (24) é construído como concomitante ao tempo de enunciação ($T_2 = T_0$). O T_2 ainda necessita ser qualificado e quantificado; portanto, ainda é necessário transformar-se o gradiente em ocorrência.

$$T_2 = T_0 \rightarrow T_{3(?) } \neq T_0 \lll \ggg T_2 \neq T_3 \neq T_0$$

$$\lll \underline{\epsilon} T_2 \underline{\epsilon} T_0 > \underline{\epsilon} < T_3 \underline{\epsilon} T_1 > \ggg$$

Já nos enunciados (25) e (26) o acontecimento lingüístico é construído como uma possibilidade futura $T_2 \neq T_0$.

$$T_2 \neq T_0 \rightarrow T_3 (T_2) \neq T_0 \lll \ggg T_2 \neq T_3$$

$$\lll \underline{\epsilon} T_2 \underline{\epsilon} T_0 > \underline{\epsilon} T_3 \underline{\epsilon} (?) > \ggg$$

Nas operações de localização temporal, no enunciado (23), T_3 , equivalente a *vez em quando*, é o tempo lingüístico localizador do acontecimento representado na asserção *ela abre a janela*; no enunciado (24) T_3 , igual a *até quando*, é o tempo lingüístico localizador da asserção *isso vai durar*; nos enunciados (25) e (26) não há uma operação em que a marca *quando* seja o localizador de algum acontecimento.

Nos enunciados (23) e (24), a ocorrência de *quando* é localizada, respectivamente, por *vez* e por *não sei*. *Ve* representa um período de tempo não definido alternativo para *quando* e *não sei* denota indefinição de um momento. Isso evoca um intervalo de tempo a ser marcado pelo curso de uma seqüência de pontos (ou instantes) que representarão o domínio da noção temporal da marca *quando*. Dessa forma, *quando* incorpora a ausência desse intervalo de tempo não-determinado em relação ao tempo crônico.

Nos enunciados (23), (24), (25) e (26), a temporalidade da marca *quando* é não-determinada por qualquer outra marca, não incorpora em si um domínio nocional de tempo definido. Toda a noção de temporalidade se limita à própria marca, que não tem uma delimitação do seu início nem uma referência alternativa do fim. Portanto, é uma marca que ainda necessita ter um localizador que lhe afira uma validação.

A relação de validação no enunciado (23) só pode ser feita pelo S_2 (sujeito do enunciado) *ela*. Já no enunciado (24), a validação da noção de tempo somente será feita a partir do momento em que o enunciador determinar o *quando* por uma outra ocorrência de qualquer marca temporal mais pontual; por exemplo, uma data, um espaço de tempo delimitado como mês, ano, etc. Nos enunciados (25) e

(26), a validação da noção temporal deverá ser feita pelo co-enunciador (S_1), ou seja, na alteridade instalada na situação enunciativa.

Nos enunciados:

27 – Nossa data maior era o quando.

28 - O quando mandava em nós.

o acontecimento lingüístico é construído em um tempo anterior à situação de enunciação $T_2 \neq T_0$. Nas operações de localização temporal em (27) T_2 *era* o *quando* é o tempo lingüístico localizador do acontecimento *nossa data*; em (28) a desinência temporal de *mandava* opera a localização temporal de *quando*. T_2 não é simultâneo a T_0 , ou seja, $T_2 \neq T_0$. O passado lingüístico, nos dois enunciados, garante essa diferença entre as coordenadas temporais.

$$T_2 \neq T_0$$

$$\langle \langle \underline{\in} T_2 \rangle \underline{\in} \langle T_2 \underline{\in} T_1 \rangle \underline{\in} T_0 \rangle \rangle$$

Em uma relação $\langle x \underline{\in} y \rangle$, ou x está localizado em relação a y , o nome *quando* ocupa em (27) e em (28) a posição de x ao ser localizado, respectivamente, por *era* e *mandava* que apenas fornecem um intervalo de tempo marcado pelo curso de uma seqüência de pontos (ou instantes) não-fechados em relação ao tempo crônico, para a asserção feita. Quando à temporalidade da marca *quando* não é nocionalmente determinada.

Portanto, nos enunciados (23), (24), (25) (26), (27) e (28), em relação à marca *quando*, encontramos:

- a não-existência de um intervalo de tempo nocionalmente representado;
- uma noção de tempo mais centrada na marca *quando*;
- a não-estabilização de uma ocorrência com a marca *quando*,
- a carência de uma determinação da temporalidade, que deverá ser feita pelo sujeito enunciador, sujeito do enunciado ou o co-enunciador;
- a não-referência externa para delimitar um domínio nocional de tempo que fica situada no *quando*, transformando-o no centro organizador do espaço topológico.

Se retomarmos os enunciados:

23 – De vez em quando ela abre a janela.

24 – Não sei até quando o dinheiro vai durar.

25 – Vais sair quando?

26 – Você virá quando?

27 – Nossa data maior era o quando.

28 – O quando mandava em nós.

teremos a seguinte composição:

23 – De vez em quando... ----- ela abre a janela

B

24 – Não sei até quando... ----- o dinheiro vai durar

B

25 – Vais sair ----- quando

B

26 – Você virá ----- quando

B

27 – Nossa data maior era ----- o quando

B

28 – O quando... ----- mandava em nós

B

Dessa forma, não temos a léxis A para localizar a léxis B. Como B não qualifica A (como no compacto) e A não faz de B um resultado (como no discreto), temos uma simples localização temporal pelo apagamento da léxis A, léxis introduzida por *quando* que o conduziria ao nocional. Portanto, nesses enunciados a marca funciona com um valor referencial denso.

5 CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo proceder a um estudo da marca *quando* verificando as operações de linguagem para identificar a invariância que sustenta as variações de uso. Tomamos, como objeto de análise, enunciados da língua, em ocorrências reais, articulando língua e linguagem, tendo como suporte a Teoria das Operações Enunciativas de Antoine Culioli.

Observamos que a noção de tempo imbricada na marca *quando*, conforme prescreve a teoria culioliana, funda-se nas ordens de representação de uma sucessão ordenada de pontos ou instantes como se fosse uma dimensão linear, em recortes e em intervalos consecutivos, concomitantes ou ajustados em relação ao o tempo da enunciação.

Portanto, ao observarmos as ocorrências de *quando* nas análises feitas, verificamos que elas, além de introduzirem no enunciado uma noção temporal, criando a projeção para tal domínio, mantêm uma estreita interação com as categorias de aspectualidade e de modalidade. No caso do aspecto, a marca *quando* opera uma (in)determinação, influenciando diretamente essa categoria.

Constatamos, no capítulo II, que, nos enunciados com os tempos presente e passado, temos a modalidade assertiva e um aspecto verbal concretizado. Já nos enunciados com tempo futuro, a aspectualidade é hipotética e as modalidades são apreciativa, intersubjetiva, deôntica e as que envolvem o necessário em relação ao provável, ao eventual e à certeza.

É interessante ressaltar que, conforme as análises, nos enunciados com modalidade assertiva, o *quando* faz uma projeção, criando uma moldura ou um intervalo para o tempo da realização do acontecimento. Já nas outras modalidades essa marca indetermina a pontualidade do tempo e não pode ser retirada do enunciado, a menos que haja, explicitamente, uma outra relação entre as léxis. Isso se verifica nos enunciados com *quando* mais tempo futuro em que há relação de condicionalidade ao se projetar a realização de um acontecimento validado nocionalmente. Como afirma Bachelard:

[...] toda intuição do futuro é uma promessa de ações que não leva em conta a duração dessas ações; essa intuição se limita a imaginar a sucessão e a ordem dos instantes ativos. Prever um futuro é fixar sua trama, negligenciando os intervalos [...] (BACHELARD, 1988, p. 39)

Precisamente no capítulo III, verificamos, por meio de paráfrases de *quando* por outros conectores inter-léxis, que há uma indeterminação inerente à linguagem. Identificamos a emersão de outras relações semânticas à medida que retirávamos o *quando* ou o substituímos por outros nexos.

Dessa forma, podemos afirmar, com base nessas ocorrências parafrásicas, que, com a marca *quando*, a relação nocional de tempo entre as léxis A e B é mais expressiva, embora não elimine as outras relações. Essa noção temporal fica menos marcada quando retiramos ou substituímos o *quando*, mas permanece, já que a noção espaço-tempo é uma coordenada referencial na operação enunciativa, como afirmam Durozoi e Roussel:

Quer seja apreendido como um **período** que transcorre entre dois acontecimentos, ou como uma **mudança** contínua e irreversível segundo uma dimensão linear em virtude da qual o presente se torna passado e o futuro presente, o tempo permanece paradoxalmente inapreensível enquanto nele estamos imersos sem jamais podermos dele nos abstrair. (DUROZOI; ROUSSEL, 1999, p. 462)

Nesse sentido, a presença da marca *quando* faz ficar mais evidente a noção de tempo. Por outro lado, as relações ofuscadas por tal marca ficam mais visíveis sem ela, porque os novos nexos inseridos permitem apreender com mais clareza as outras relações semânticas entre as léxis a cada paráfrase efetuada.

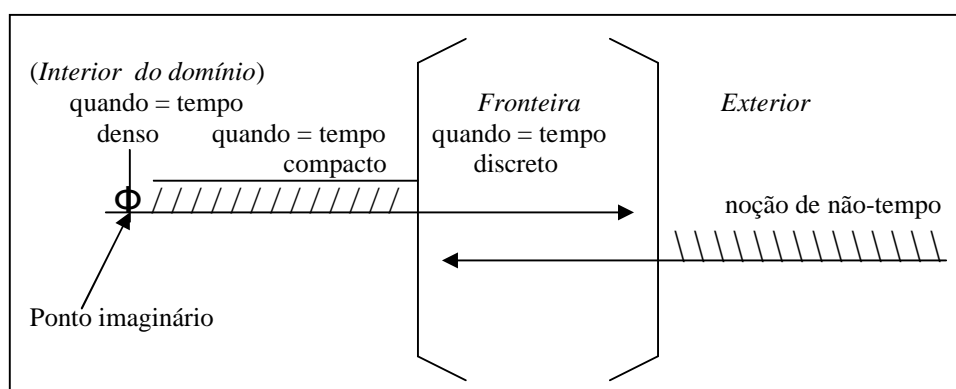
A existência de relações semânticas complementares à de tempo, em torno da marca *quando*, também foram constatadas por Souza (1996), por Neves (2000) e por Carmelino (2004), em seus estudos realizados com base nas teorias funcionalistas.

Com base na análise, ainda no capítulo III, da propriedade de voz, verificada na relação de causalidade, pudemos entender que a regulação de um enunciado e a relação semântica entre as léxis que o compõem dependem do conector apenas para evidenciar o sentido já imbricado a sua direita e esquerda. Portanto, a presença no enunciado da marca *quando* pode ser entendida como o instante de restrição para se evidenciar a causalidade e outras relações semânticas imbricadas na representação.

Verificamos também que a propriedade de voz depende não só do contexto e das referências exofóricas, mas da seleção lexical, da organização sintática, do aspecto, da modalidade, da correspondência em relação à ação e ao resultado. A simetria na propriedade de voz só pode ocorrer se houver compatibilidade entre os elementos predicados na ação → resultado, pois é necessário que eles reúnam as propriedades para ser a causa e ter a passividade para ser conseqüência. Ainda foi possível constatar, neste capítulo, que ao inverter a ordem das léxis, os enunciados que mantiveram inalterada a natureza da noção de causalidade, apresentavam simetria sintática.

No capítulo IV, como podemos verificar nas análises, há operações de localização da marca *quando* e por meio dessa marca dentro do enunciado. Conseqüentemente, existe uma localização de *quando* em um espaço topológico, observando a noção de tempo. A localização da marca nesse espaço está relacionada com um de seus valores referenciais: denso, compacto ou discreto.

Esses valores referenciais para o *quando* são aferidos pelas operações de localização, pela determinação ou não da noção, pelo intervalo de tempo, pelo espaço de referência e pela sua configuração no domínio nocional do tempo. Portanto, podemos representar tais valores de *quando* no domínio, conforme o quadro seguinte:



O valor referencial compacto tem uma noção de tempo relativa ao aspecto topológico e uma localização referencial no próprio enunciado. Há um intervalo de tempo aberto, mas não existe uma determinação da temporalidade com exatidão, pois tal determinação situa-se nos gradientes do domínio temporal, ou seja, a léxis A introduzida por quando necessita da qualificação que é feita pela léxis B a que está ligada.

O valor referencial discreto incorpora a dimensão temporal de forma bem determinada. O intervalo é pontualmente delimitado, fechado, e apresenta uma marca que o define no próprio enunciado, portanto situado na fronteira referencial do domínio da noção de tempo. Em face disso, a marca *quando* apenas funciona para colocar dois acontecimentos independentes em relação, ou seja, colocar paralelamente as duas léxis fazendo da léxis B resultado da léxis A introduzida por *quando*.

No valor referencial denso, não há nenhuma referência da noção temporal no próprio enunciado. A marca *quando*, que é representada essencialmente a noção de tempo, projeta intervalos não-determinados. Ela depende de um dimensionamento temporal que poderá ser feito pelo enunciador, pelo co-enunciador, pela alteridade instalada ou por outro centro de referência externo ao enunciado. Portanto, a léxis A a ser introduzida por *quando* é apenas localizada temporalmente pela outra léxis B e situa-se no centro organizador do domínio daquilo que se possa considerar como essencialmente tempo.

Como afirma Bachelard (1998, p. 25) “[...] é no aspecto temporal e ordenado de nossas ações que a linguagem se reveste, para nós, de sua verdadeira função espiritual. Ela é a tradução de nossas preferências [...]”, assim somos livres para preferir um léxico em qualquer variante, desde que ela seja capaz de representar o nosso pensamento. No entanto, com base nas análises da marca *quando*, é oportuno parodiar esse autor afirmando que é *no aspecto temporal e ordenado de nossas operações que a linguagem se reveste*.

A manipulação dos enunciados com *quando* permitiu-nos inferir que existe uma invariante que sustenta as variações. Nos estudos funcionalistas realizados por

Souza (1996), por Neves (2000) e por Carmelino (2004), houve a descrição e até a quantificação das ocorrências de *quando* como conector de léxis, mostrando o seu funcionamento, mas não se chegou a essa abstração, já que não era o foco das análises feitas.

Como se sabe, o falante é livre para expressar o pensamento de acordo com o seu interesse, no tempo que lhe for conveniente, pois, como afirma Bachelard (1988, p. 25) “[...] a coesão da nossa duração é feita da coerência de nossas escolhas, do sistema que coordena nossas preferências”. Assim, mesmo havendo variadas formas de se exprimir usando a marca *quando*, a verificação das operações de linguagem com ela nos mostrou que a noção temporal imbricada na marca é a invariante que sustenta as variações de uso.

6 REFERÊNCIAS

- 1 ABREU, Antônio Suárez. Coordenação e subordinação – uma proposta de descrição gramatical in: **Alfa**. São Paulo: EDUNESP, 1997, v. 41, p. 13-37.
- 2 ALBERTI, Salette da Silva. **O fenômeno da cultura como uma construção espaço temporal**. 2001. 187f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Ciência e Letras, UNESP. Araraquara – SP.
- 3 ALI, Manuel Said. **Gramática secundária da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
- 4 AUROUX, Sylvain. La philosophie linguistique d'Antoine Culioli, in: BUSCAREN, J.(orgs), **La théorie d'Antoine Culioli, ouvertures et incidences**. Paris: Ophrys, 1992, p.39-59
- 5 AZEREDO, José Carlos de. **Fundamentos da gramática do português**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- 6 BACHELARD, Gaston. **A dialética da duração**. São Paulo: Ática, 1988.
- 7 BARROS, Manoel. **Memórias inventadas: a segunda infância**. São Paulo: Planeta, 2006.
- 8 BECHARA Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

- 9 BENVENISTE, Émile. **Problemas de Lingüística Geral II**. tradução de Eduardo GUIMARAES, et. al. Campinas: Pontes, 1989.
- 10 BRAGA, Maria Luiza. Os enunciados de tempo no português falado do Brasil, in: NEVES, M. H. M. (Org.), **Gramática do português falado**. Campinas: UNICAMP, 1999. p.443-459
- 11 CAMACHO, Roberto Gomes. Estruturas coordenadas aditivas, in: NEVES, M. H. M. (Org.), **Gramática do português falado**. Campinas: UNICAMP, 1999.
- 12 CAMPOS, Maria Henriqueta Costa; XAVIER, Maria Francisca. **Sintaxe e semântica do português**. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.
- 13 CARMELINO, Ana Cristina. **Um estudo das categorias tempo, aspecto, modo e modalidade na oração hipotática adverbial temporal introduzida por quando e enquanto na literatura romanesca do português contemporâneo do Brasil**. 2004. 378f. Tese (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciência e Letras, UNESP. Araraquara – SP.
- 14 CARONE, Flávia Barros. **Subordinação e coordenação – confrontos e contrastes**. 6. ed, São Paulo: Ática, 2000.
- 15 CARVALHO, Castelar de. **Para compreender Saussure**. 11. ed., Petrópolis: Vozes, 2002.
- 16 CASTILHO, Ataliba T. **A língua falada no ensino do português**. 2. ed., São Paulo: Contexto, 2000.

- 17 _____. Aspecto verbal no português falado; in: ABAURRE, M. Bernadete; RODRIGUES, Angela C. S. (orgs). **Gramática do português falado**. Campinas: UNICAMP, 2002, p.83-121
- 18 CHARREYRE, Claude. La gradabilité est-elle donnée ou construite? Application à l'adjectif anglais in: RIVIÈRE, Claude; GROUSSIÈRE, Marie-Line (orgs). **La notion**. Paris: Ophrys, 1977, p. 53-59.
- 19 COROA, Maria Luiza Monteiro Sales. **Tempo e temporalidade na língua**. 1998. 249f. Tese (Doutorado em Linguística) – IEL- Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP. Campinas – SP.
- 20 CULIOLI, Antoine. Ouverture; in: BUSCAREN, Janine (org.). **La théorie d'Antoine Culioli, ouvertures et incidences**. Paris: Ophrys, 1992, p.3-15
- 21 _____. A propos de la notion; In: RIVIÈRE, Claude; GROUSSIÈRE, Marie-Line (orgs). **La notion**. Paris: Ophrys, 1995, p. 9-24.
- 22 _____. Sur le concept de notion; in: **Pour une linguistique de l'énonciation** (opérations et représentations). Paris: Ophrys, 1990, t. 1, p. 47-65
- 23 _____. The concept of notional domain; in: **Pour une linguistique de l'énonciation** (opérations et représentations). Paris: Ophrys, 1990, t. 1, p. 67-81
- 24 _____. La frontière; in: **Pour une linguistique de l'énonciation** (opérations et représentations). Paris: Ophrys, 1990, t. 1, p. 83-90
- 25 _____. Stabilité et déformabilité en linguistique; in: **Pour une linguistique de l'énonciation** (opérations et représentations). Paris: Ophrys, 1990, t. 1, p.

127-134

- 26 _____. Valeurs modales et opérations énonciatives; in: **Pour une linguistique de l'énonciation** (opérations et représentations). Paris: Ophrys, 1990, t. 1, p. 135-155
- 27 _____. Donc ; in: **Pour une linguistique de l'énonciation** (opérations et représentations). Paris: Ophrys, 1990, t. 1, p. 169-176
- 28 _____. Continuity and modality; in: **Pour une linguistique de l'énonciation** (formalisation et opérations de repérage). Paris: Ophrys, 1999, t. 2, p. 83-93
- 29 _____. Structuration d'une notion et typologie lexicale. À propos de la distinction dense, discret compact; in: **Pour une linguistique de l'énonciation** (domaine notionnel). Paris: Ophrys, 1999, t. 3, p. 9-15
- 30 _____. À propos de la notion; in: **Pour une linguistique de l'énonciation** (domaine notionnel). Paris: Ophrys, 1999, t. 3, p. 17-34.
- 31 _____. Notes sur "détermination" et "quantification": définition des opérations d'extraction et de fléchage; in: **Pour une linguistique de l'énonciation** (domaine notionnel). Paris: Ophrys, 1999, t. 3, p. 37-48
- 32 _____, Des façons de qualifier; in: **Pour une linguistique de l'énonciation** (domaine notionnel). Paris: Ophrys, 1999, t. 3, p. 81-89
- 33 _____, Les modalités d'expression de la temporalité sont-elles révélatrices de spécificités culturelles?; in: **Pour une linguistique de l'énonciation** (formalisation et opérations de repérage). Paris: Ophrys, 1999, t. 2, p. 159-178

- 34 _____, Valeurs aspectuelles et operations énonciatives: l'aoristique; in: **Pour une linguistique de l'énonciation** (formalisation et opérations de repérage). Paris: Ophrys, 1999, t. 2, p. 127-158
- 35 CUNHA, Celso Ferreira da. **Gramática da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: FENAME, 1975.
- 36 DANON-BOILEAU, Laurent. **Énonciation et référence**. Paris: Ophrys, 1987. (Collection L'Homme dans la Langue)
- 37 DUBOIS, Jean. et al. **Dicionário de lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1973.
- 38 DUCROT, Oswald. **Princípios de semântica lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1972.
- 39 DUROZOI, Gerard; ROUSSEL, André. **Dicionário de filosofia**. 3. ed. Campinas: Papyrus, 1999.
- 40 FÁVERO, Leonor Lopes. O processo de coordenação e subordinação: uma proposta de revisão; in: **Lingüística aplicada ao ensino de português**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987, p. 51-61.
- 41 FIORIM, José Luiz. Adjetivos temporais e espaciais; in: ABAURRE, M. Bernadete; RODRIGUES, Angela C. S. (orgs). **Gramática do português falado**. Campinas: UNICAMP, 2002, p. 59-80
- 42 FRANCKEL, Jean-Jaques. Référence, référenciation et valeurs référentielles in: NORME, Claudine (org.) **Sémiotiques n° 15: position(s) de la référence**. Paris: Centre National de la Recherche, 1998, p. 61-84

- 43 FREGE, Gottlob. **Lógica e filosofia da linguagem**. São Paulo: Cultrix, 1978.
- 44 FUCHS, Catherine. Paraphases prédictives et contraintes énonciatives, in: FUCHS, C.; BÈS, G. G. (Coord). **Lexique et paraphase**. s.l. PRESSES UNIVERSITAIRES DE LILLE, p. 157-176.
- 45 _____. **Paraphases et énonciation**. Paris: Ophrys, 1994.
- 46 GARCIA, Othon M. **Comunicação em prosa moderna**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1988.
- 47 GUIMARÃES, Eduardo. **Texto e argumentação**. São Paulo: Pontes, 1987.
- 48 GULLAR, Ferreira. **Toda poesia**. 6 ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.
- 49 GRIZE, Jean-Blaise. **Logique et Langage**. Paris: Ophrys, 1990.
- 50 HACKING, Ian. **Porque a linguagem interessa a filosofia?** São Paulo: UNESP, 1999.
- 51 KOCH, Ingedore G. Villaça. Dificuldades na leitura / produção de textos: os conectores interfrásticos; in: **Linguística aplicada ao ensino de português**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987, p. 83-98.
- 52 _____. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 2001.
- 53 _____. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 2001.
- 54 _____, MORATO, Edwiges. Maria; BENTES, Anna Christina. **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.

- 55 LEAL, Sergio (org). **Impressões - 1ª coletânea de Poetas capixabas**. Vitória: Diário Oficial do Espírito Santo, 1995.
- 56 LEITE, Cilia Coelho Pereira. (Madre Olívia). **Nova análise semântica: ensaio de contribuição**. São Paulo: Jozon Editor, 1970.
- 57 LIMA, Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 38. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2000.
- 58 LONGO, Beatriz de O. e CAMPOS, Odette de S. A auxiliaridade: perífrases de tempo e de aspecto no português falado; in: ABAURRE, M. Bernadete; RODRIGUES, Angela C. S. (orgs). **Gramática do português falado**. Campinas: UNICAMP, 2002, p.445-477
- 59 LOPES, Márcia Cristina Romero. **Processos enunciativos de variação semântica e identidade lexical: a polissemia redimensionada**. 2000. 333f. Tese (Doutorado em Letras – Língua e Literatura Francesa), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo - São Paulo.
- 60 MARCUSCHI, Luiz Antônio; KOCH, Ingedore Villaça. Estratégias de referenciação e progressão referencial na língua falada; in: ABAURRE, M. Bernadete; RODRIGUES, Angela C. S. (orgs). **Gramática do português falado**. Campinas: UNICAMP, 2002, p. 31-56
- 61 MATEUS, Maria Helena Mira. et al. **Gramática da língua portuguesa**. 4 ed., Coimbra: Almedina, 1994.

- 62 MOISÉS, Massaud. **A literatura brasileira através dos textos**. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.
- 63 MONDADA, Lorenza. e DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação; In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães et. al. (orgs). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 19-52
- 64 MORAES, Lygia Marina. **Conheça o escritor Carlos Drummond de Andrade**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1978.
- 65 NEVES, Maria Helena de Moura. Estatuto das chamadas conjunções coordenativas no sistema do português, in: **Alfa**. São Paulo: EDUNESP, 1985, v. 29, p. 59-65
- 66 _____. **A coordenação interfrasal em português**. 1984. Tese (Livre Docência) – Faculdade de Ciência e Letras, UNESP. Araraquara - SP.
- 67 _____. **Gramática de usos do português**. São Paulo: UNESP, 2000.
- 68 NICOLA, José; INFANTE, Ulisses. **Como ler Fernando Pessoa**. São Paulo: Scipione. 1988.
- 69 ONOFRE, Marília Blundi. **A indeterminação na linguagem: inconsciência e manipulação**. 1994. 173f. Dissertação (Mestrado em Lingüística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciência e Letras, UNESP. Araraquara – SP.
- 70 PEREIRA Jr., Alfredo. **Irreversibilidade física e ordem temporal**. São Paulo: UNESP, 1997.

- 71 PIAGET, Jean. **A noção de tempo na criança**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002
- 72 REICHENBACH, Hans. **Elements of symbolic logic**. New York: MacMillan Company, 1947.
- 73 REZENDE, Letícia Marcondes, Relatives et notions constitutives de la principale. In: GROUSSIER, M. L, et RIVIERE, C., (orgs.). **La notion**. Paris: Ophrys, 1997, p. 223-228
- 74 _____, A indeterminação da linguagem: léxico e gramática. **Alfa**, v. 44, p. 349-362. São Paulo, 2000.
- 75 _____. Operação de predicação e construção de alguns objetos lingüísticos; in: **Caderno de Estudos Lingüísticos**. São Paulo: UNICAMP, 1983. v. 5 , p. 111-125
- 76 RICOEUR, Paul. **A metáfora viva**. São Paulo: Loyola, 2000. (1. ed. Paris: Seuil, 1975)
- 77 SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. 2. ed., São Paulo: Cultrix, 1970.
- 78 SOUZA, Maria Suely Crocci de. **A hipotaxe adverbial temporal: uma abordagem funcionalista**. 1996. 208f. Tese (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciência e Letras, UNESP. Araraquara – SP.

- 79 TODOROV, Tzvetan; DUCROT, Oswald. **Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem**. Tradução de A. K. Miyashiro, J. Guinsburg, M.A. Leite de Barros. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- 80 TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **O aspecto verbal no Português**: a categoria e sua expressão. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1985.
- 81 VIGNAUX, Georges. Entre linguistique et cognition: dès problématiques de l'énonciation certains développements tirés de l'oeuvre d'Antoine Culioli; in : BOUSCAREN, Janine, et al. (orgs). **Langues et langage. Problèmes et raisonnement en linguistique**. Vendôme Janvier: Presses Universitaires de France, 1995. p. 565-581.
- 82 _____. **Le discours acteur du monde**. Paris: Ophrys, 1988.
- 83 VOGÜÉ Sarah de. Construction d'une valeur référentielle : entités, qualités, figures in: **La référence**: travaux linguistiques du Cerlico. Paris: Presses Universitaires de Rennes, 1999b, p. 77-106.
- 84 VOGT, Carlos. **Linguagem pragmática e ideologia**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1989.
- 85 WEINRICH, Harald. **Le temps**: le récit et le commentaire. Paris: Seuil, 1973.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP
Faculdade de Ciências e Letras “Júlio de Mesquita Filho”**

ANTÔNIO CARLOS GOMES

**AS OPERAÇÕES DE LINGUAGEM COM A
MARCA “QUANDO”**

ARARAQUARA

2007